

O REVISIONISMO EM LÍNGUA PORTUGUESA 2008

8

fim de 2007

GUERRA = MENTIRA
REVISTA DE CRÍTICA HISTÓRICA

Não acredite. Pense.

<reviluso@yahoo.com.br>

<http://revurevi.net>

<http://aaargh.com.mx/port/port.html>

<http://vho.org/aaargh/port/port.html>

—oooOOO§§§OOOooo—

"O Holocausto é uma falsa doutrina que precisa de leis opressivas e penas de prisão para a proteger da crítica racional".

SUMÁRIO

A perseguição pós-Teerão Por Flávio Gonçalves

Campo Bondsteel e os planos americanos para controlar o petróleo do mar caspio

Por Paul Stuart

O perigo do negacionismo Luís Carlos Lopes

O estudante de História Marcelo Franchi

Holocausto – um segredo por demais anunciado

Campo de concentração de Bergen-Belsen

Os sobreviventes do Holocausto

O Uso e Abuso da Memória do Holocausto Walter Reich

Rudolf Höss - o comandante do campo de concentração de Auschwitz
Excertos de Faurisson e Zundel

Simon Wiesenthal confirma: "não existiam campos de extermínio em solo alemão"

Eisenhower, Churchill e de Gaulle não tiveram conhecimento das câmaras de gás nazis Por Robert Faurisson

A União Europeia prepara legislação de longo alcance contra

«negação de genocídio»

Os Números do Holocausto

Auschwitz e os números de mortos por Robert Jan Van Pelt

Paul Rassinier desmente Holocausto Judeu

A Negação do Holocausto não é piada Por Anne Applebaum

Revisionismo deixou de ser crime em Espanha

As origens do "revisionismo histórico" por Victor Grinbaum

Dois excertos d"as vitórias do revisionismo" de Robert Faurisson

QUASE NA VÉSPERA DO GRANDE DIA...

Será Punível estranhar Leis? por Rainer Daehnhardt

PALAVRAS A RETER

Francês é condenado a um ano de prisão por questionar o Holocausto

Crime contra a liberdade de expressão.

"Outras Perdas"

A colaboração entre o sionismo e o Nacional-Socialismo

A situação de Germar Rudolf Por Arthur R. Butz

François Duprat

Universidade demite professor politicamente incorreto

Espanha derruba Lei da Negação do Holocausto

O dilema dos Judeus de Auschwitz em Janeiro de 1945

- Liberdade ou Extermínio? Friedrich Paul Berg

Elie Wiesel - uma testemunha-chave do Holocausto Judeu

Excertos de Robert Faurisson:

NEGADOR DO HOLOCAUSTO É CONDENADO NA ÁUSTRIA

Papa breca processo de canonização de Pio 12, diz jornal

para que despertemos

A Odisseia Intelectual de Michelle Renouf

Olho Por Olho: Os Judeus Que Procuraram Vingança Pelo Holocausto

John Sack: O afeto que não se encerra Estevam Tavares de Freitas

A História Secreta do Sionismo Ralph Schoenman

A Branca de Neve em Auschwitz

Udo Voigt, presidente do NPD, questiona número de mortos do "holocausto" em entrevista dada a jornalistas iranianos

Autor 'Neonazi' Levado a Tribunal na Grécia

O Que é o Revisionismo do Holocausto?

Ex presidente italiano defende que 11 de Setembro teve dedo da Mossad e da CIA

Legislação Contra o Anti-semitismo e a Negação do Holocausto: concebidas em Israel

André Rogerie - um corropio entre campos de extermínio nazis e blocos hospitalares em Auschwitz

Sabão Humano - uma pequena nódoa na história do Holocausto Judeu

Simon Wiesenthal, um negacionista do Holocausto

disfarçado de caçador de nazis?

Negação do Holocausto pode virar crime Sônia Baiocchi

UNIVERSIDADE ITALIANA BOICOTA O PAPA DO NEGACIONISMO

Dinamarca premeia negacionista

A política da memória por Esther Mucznik

Histórico da Negação do Holocausto na Alemanha

Una publicación de: Tribuna Israelita

Existe um novo anti-semitismo? Entrevista com Raul Hilberg à Revista Logos

É autêntico o Diário de Anne Frank?

Yad Vashen - O Museu do Holocausto Cândido Bessa

Judeus querem levar Maradona ao Museu do Holocausto
Robert Faurisson terá que ir novamente a tribunal

Flávio Gonçalves

21 anos após morte de Samora Machel, família quer saber a verdade

Advogada negou o Holocausto e foi condenada

"Eppur si muove!" por Humberto Nuno de Oliveira

Escola de samba muda alegorias depois de proibição
de mostrar o Holocausto

Sobre o Holocausto Carlos Aymerich

Revisionismo manipulação dos rothschild, mais uma distorção ?
Como agendar um evento num instituto cultural mexicano

Bradley R. Smith

O Processo de Jesus Por Ursula Haverbeck

O riso boçal do cronista do *Expresso* Texto de João Pereira Coutinho

Narrar a destruição dos judeus com os

documentos dos carrascos por Jorge Almeida Fernandes

Exposição lembra prostituição forçada em campos de concentração nazis

PUBLICAÇÕES

Dylan Avery, Protocolos, Jean-Michel Lecomte, Prefácio por Esther Mucznik, Irene Pimentel, WEBSITES, Andrea Tornielli (Pio XII), Simon Dubnow.

A perseguição pós-Teerão

Por Flávio Gonçalves

Serve este curto texto para tornar pública a perseguição a que têm sido sujeitos alguns dos participantes da polémica conferência, **Revisão do Holocausto: Visão Global**, decorrida na cidade de Teerão, capital da República Islâmica do Irão, nos passados dias 11 e 12 de Dezembro, 2006.

O mais curioso é verificar que a perseguição levada a cabo nos regimes ditos democratas tem tido como vítimas tanto os conferencistas que foram defender a tese oficial do Holocausto, aquela que nos é ensinada nas escolas, como aos "revisionistas" propriamente ditos, algo a que o **Dr. Shaller** se referiu como "culpa por associação", podem não apoiar as teses "negacionistas" mas o simples facto de terem ousado debater e refutar, cara a cara, os vários aspectos do Holocausto com pessoas que manifestam dúvidas acerca do mesmo foi suficiente para atraírem a ira dos seus pares.

O caso mais flagrante, e esperado, foi o de **Robert Faurisson** uma vez que foi o próprio presidente francês, Jaques Chirac, a pedir que fossem averiguadas as afirmações de Faurisson na dita conferência [1], a recordar que Faurisson foi levado a tribunal o ano passado por ter ousado dar uma entrevista a uma estação de tv iraniana, via telefone. Um belo exemplo vindo da terra da igualdade e da fraternidade...



Robert Faurisson no Teerão

Outro caso foi a imediata suspensão [2], logo no dia após ter efectuado uma pequena intervenção em Teerão, de **Jan Bernhoff** – professor de informática, sueco – e posteriormente o seu despedimento, por sorte o mesmo tem sido apoiado pelo seu sindicato, que tem contestado o seu despedimento.

Richard Krege, Austrália, foi também despedido mas encontra-se em negociações para uma possível readmissão e prefere não discutir o assunto. Também na Austrália o Dr. Fredrik Töben foi levado a tribunal no passado dia 6 de Fevereiro.

No distante Canadá o professor universitário de ciência política, **Shiraz Dossa**, que foi a Teerão defender a veracidade do Holocausto, não escapou à perseguição [3] e encontra-se surpreso por a universidade na qual trabalha não ousar defender a sua liberdade académica, tem sido exigido o seu despedimento e o assunto ainda não se encontra encerrado.

O mais curioso é que nem os conferencistas judeus escaparam à perseguição, o caso mais chocante é o do rabino Moshe Aryeh Friedman, primeiro foi expulso de um hotel em Nova Iorque [4], depois excomungado [5] e finalmente os seus quatro filhos foram expulsos da escola que frequentavam na Áustria [6] com a garantia de que nenhuma outra escola judia os irá receber.

Em Inglaterra o também rabino Ahron Cohen, da Neturei Karta, Este homem foi lá defender a tese oficial e rejeitar o aproveitamento dos seus familiares desaparecidos pela "indústria do Holocausto", foi uma das muitas vozes anti-teses revisionistas que lá esteve, mas por ter ousado participar com aqueles que o sistema sionista prefere fingir que não existem, por ter ousado debater em vez de ofender: é perseguido... Ninguém está a salvo da sacra religião holocáustica, nem os judeus que a defendem... Cohen necessitou de escolta policial para sair da sua própria casa e muitas das lojas judias de Manchester recusam agora tê-lo como cliente [7]... eis as amplas liberdades e a democracia ocidental que temos em acção!

Escusado será afirmar que tanto Friedman como Cohen, e os restantes participantes judeus, se encontram agora proibidos de entrar em território israelita. Mais, todos aqueles que discursaram em Teerão, tenham sido a favor ou contra as teses oficiais do Holocausto, se encontram sujeitos a uma queixa crime por parte do Fórum das Organizações Judias da Bélgica, esta com o intuito de "desencorajar" que os mesmos visitem a Bélgica [8].

No meu caso nada de grave sucedeu, fui suspenso da direcção de uma associação sindical que

ajudei a fundar em 2006, que entretanto já foi dada como extinta [9], e aceitei o pedido que me foi feito de abandonar de livre vontade a associação – a outra opção era a de aguardar um processo disciplinar – pela recusa em afirmar publicamente que repudiava o conteúdo da Conferência em que participei, não tendo efectuado qualquer discurso, e em que deveria repudiar igualmente o regime iraniano como um regime autoritário e antidemocrático. Mais um caso de auto-censura libertária do que uma verdadeira perseguição.

São estas as atitudes democráticas que os regimes europeus, e ocidentais, desejam impor?

[1] http://www.ejpress.org/article/news/iran_-_holocaust/12289

[2] http://rawstory.com/news/2006/Swedish_teacher_suspended_over_atte_12142006.htm

[3] <http://www.normanfinkelstein.com/article.php?pg=11&ar=750> e

<http://www.haaretz.com/hasen/spages/804590.html>

[4] <http://www.jpost.com/servlet/Satellite?cid=1167467740944&pagename=JPost%2FJPArticle%2FShowFull>

[5] http://jta.org/page_view_breaking_story.asp?intid=6410

[6] <http://www.estadao.com.br/ultimas/mundo/noticias/2007/fev/07/247.htm?RSS>

[7] <http://www.jpost.com/servlet/Satellite?cid=1164881923366&pagename=JPost%2FJPArticle%2FShowFull>

[8] http://jta.org/page_view_breaking_story.asp?intid=6241

[9] <http://www.acinterpro.org>

http://www.grifo.com.pt/index.php?option=com_content&task=view&id=125&Itemid=36

INVASION

Campo Bondsteel e os planos americanos para controlar o petróleo do mar caspio

Por Paul Stuart

O Campo Bondsteel, é a maior base militar americana no estrangeiro (Kosovo) desde a Guerra do Vietname. Fica situada perto de corredores vitais de oleodutos, actualmente em construção e patrocinados pelos USA. A Halliburton Oil filial Brown & Root Services está a fazer uma fortuna, com todo este negócio.

Em Junho de 1999, no rescaldo dos bombardeamentos da Jugoslávia, pelos E.U, foram "ocupados" 1.000 acres de terras no sudeste de Uresevic no Kosovo, perto da fronteira da Macedónia, e começou a construção de um acampamento.

Camp Bondsteel é conhecido como a "grand dame", numa rede de bases dos EUA a correr ambos os lados da fronteira entre o Kosovo e a Macedónia. Em menos de três anos foi transformada, a partir de um acampamento de tendas, numa auto-suficiente base, equipada com alta tecnologia e com quase 7000 soldados, que perfazem três quartos de todas tropas dos USA estacionadas no Kosovo.

Há 25 quilómetros de estradas e mais de 300 edifícios em Camp Bondsteel, rodeado por 14 quilómetros de terra e muros, 84 quilómetros de arame farpado e 11 torres de vigia. É tão grande que é dividida por zonas, como baixa e alta, tem comércio retalhista 24 horas, complexos desportivos, uma capela, biblioteca e as melhor equipadas instalações hospitalares em toda a Europa. Actualmente existem 55 aviões e helicópteros estacionados em Bondsteel, escolhido para a sua capacidade de expansão facilmente pode ser dotado de mais meios. É mesmo sugerido que o Campo pode substituir a base aérea americana em Aviano Itália. O Coronel Robert L. McClure, escreveu no " Boletim dos engenheiros profissionais " que o plano de engenharia para as operações no Kosovo começou meses antes da primeira bomba ser lançada. No início, os estrategas queriam usar as lições aprendidas na Bósnia, convencidos que assim conseguiriam os seus objectivos o mais rapidamente possível.

Inicialmente engenheiros militares dos USA tomaram o controlo de 320 quilómetros de estradas e 75 pontes na zona envolvente para uso militar e estabeleceram um acampamento de base, envolvendo soldados, zonas habitacionais, helicóptero, munições, exploração áreas e assim por diante.

McClure explica como a Brigada de Engenharia foi instruída "para fundir e integrar as novas construções nas da Brown & Root Services Corporation e a construir não uma, mas sim duas bases [o outro é Camp Monteith], para um total de 7000 militares.

De acordo com McClure, "Na altura de maior esforço, cerca de 1000 ex-militares dos EUA, contratados pela

Brown & Root, juntamente com mais de 7000 albaneses, juntaram-se a 1700 militares da arma de engenharia. Do início de Julho a Outubro de 1999, a construção dos dois campos não parou; 24 horas por dia, sete dias por semana. "

A Brown & Root Services fornece todos os serviços de apoio a Camp Bondsteel. Isso inclui 600000 litros de água por dia, fornece a electricidade da cidade e é responsável por um centro de abastecimento de 14000 linhas de produtos. Ela lava 1200 sacos de roupa, fornece 18000 refeições por dia e opera 95 por cento do transporte ferroviário e as instalações do aeródromo. A empresa também fornece ao carreiras de tiro e treino militar.. Brown & Root é agora a maior empregadora no Kosovo, com mais de 5000 funcionários kosovares albaneses e que com outros perfazem uma força de trabalho de 15000 pessoas.

OS funcionários em Camp Bondsteel raramente são vistos fora do campo e as suas actividades são de carácter sigiloso. Embora outras pequenas patrulhas dos USA na KFOT, façam tentativas de integração com a população local, os militares americanos só saem de Bondsteel, em helicópteros ou muito raramente em grandes comboios fortemente armados.



Camp Bondstell - Estado marionete de Kosovo

Nalgumas entrevistas soldados americanos não identificados, queixam-se de que a sua presença é crescentemente hostilizada pelos habitantes locais, sobretudo quando comparam o investimento em Camp Bondsteel com o contínuo declínio nas suas próprias condições de vida.

Aqueles que visitam Camp Bondsteel descrevem-na como um filme de ficção. A área que circunda o campo é extremamente pobre, com uma taxa de desemprego de 80 por cento. Bondsteel aparece então no horizonte com a sua massa de satélites de comunicações, antenas e ameaçadores helicópteros que cruzam os céus. A Brown & Root Kosova paga aos trabalhadores locais entre US \$ 1 e US \$ 3 por hora. O administrador local disse que salários eram tão baixos, uma vez que, "Não se pode inflacionar os salários, porque não queremos inflacionar a economia local."

O aumento de efectivos e o crescimento de Bondsteel foi acompanhado pelo aumento da actividade do exercito Libertação do Kosovo Exército (UCK). Desde o seu surgimento a maior parte dos sérvios, ciganos e albaneses que se opunham ao UCK foram assassinados ou expulsos. Os poucos que ainda restam, não ousam abandonar as suas casas para ir comprar alimentos em lojas locais e tem necessidade de escolta militar para levar os filhos às escolas ou para ir reparar os tractores. Segundo os observadores elementos UCK continuam a actuar com total impunidade no sector, apesar da alta tecnologia militar e de informações existente nas instalações de Bondsteel. O contrato de serviço para o Camp Bondsteel é o mais recente de uma série de contratos militares adjudicados à Brown & Root Services. Os lucros desta empresa têm crescido com a escalada do imperialismo americano. A empresa faz parte da Halliburton Corporation, a maior fornecedora de produtos e serviços para a indústria petrolífera.

Em 1992, a Brown & Root construiu e apoiou as bases militares na Somália tendo ganho 62 milhões de dólares. Em 1994, Brown & Root construiu as bases e sistemas de apoio para 18000 militares no Haiti duplicando a sua receita par 133 milhões de dólares. A empresa recebeu um contrato de cinco anos em 1999 no valor de 180 milhões de dólares por ano para construir e apoiar as instalações militares na Hungria, Croácia e na Bósnia.

Mais grave ainda um alto oficial militar britânico disse ao Washington Post, "É um óbvio sinal de que os americanos estão a fazer um grande esforço na região dos Balcãs, trata-se de planejar para ficar." Um analista disse que os americanos aproveitaram a vantagem das circunstancias favoráveis, para criar uma base suficiente grande para acomodar futuros planos militares. Camp Bondsteel tornou-se numa importante fonte para os discursos políticos, feitos pelos principais funcionários da administração Bush. O modelo Bondsteel está agora a ser aplicada no Afeganistão e a novas bases nas antigas repúblicas soviéticas.

De acordo com "fugas" de informação comentadas na imprensa, políticos europeus acreditam agora que os E.U. utilizaram os bombardeamentos da Jugoslávia especificamente com o fim de estabelecer Camp Bondsteel. Antes do início dos bombardeamentos da NATO na Jugoslávia, em 1999, o Washington Post insistiu, "Com o Médio-Oriente cada vez mais frágil, teremos de ter bases e o direito a sobrevoar os Balcãs para proteger petróleo do Mar Cáspio."

A escalada do preço do petróleo, os investimentos na exploração dos campos petrolíferos na área do mar Cáspio e as exigências governamentais para a economia ser menos dependente do petróleo importado, principalmente do Médio-Oriente, exigem uma solução a longo prazo para o transporte de petróleo para os mercados europeus e dos EUA.

O trans-balcânico gasoduto AMBO (Avaliado em US \$ 1,3 bilhões) é uma das mais importantes destas várias condutas. Através do porto Adriático de Vlore, bombeará o petróleo para enormes petroleiros, enviados para a Europa e os EUA, ignorando o o congestionamento do estreito de Bósforo, onde tanques são restritos a metade da tonelagem possível com a nova rota.

O primeiro estudo de viabilidade para o AMBO foi realizado em 1995, exactamente pela Brown & Root, tal como a versão atualizada do estudo de viabilidade em 1999. O ex-diretor de Desenvolvimento de Petróleo e Gás para a Europa e África da Brown & Root Energy Services, Ted Ferguson, foi nomeado como o novo presidente da AMBO [1997] após a morte do ex-presidente e fundador da AMBO, o nascido macedônio sr. Vuko Tashkovikj.

(Recensão) 03 03 08

<http://www.resistente.org/portal/news.php?extend.272>

UMA NOVA MANIA NEGACIONISTA

O perigo do negacionismo

Luís Carlos Lopes

O negacionismo 'clássico' é um procedimento usual da extrema direita. Seus partidários em vários países negam que tenha existido a solução final na Alemanha nazista. O extermínio massivo de milhões de seres humanos é negado. Não teria havido um plano ou não teriam existido os instrumentos criados para provocar a morte de pessoas recolhidas aos campos de concentração. Negam, igualmente, a escravidão recriada no mesmo país, para sustentar a indústria de guerra. Negam fatos que os colocam na posição de partidários dos maiores genocidas na história humana. Dizem que nada disto existiu nos termos conhecidos, e que tudo o que é dito não passa de propaganda. As imagens dos fornos crematórios seriam montagens fotográficas ou filmográficas. Os depoimentos registrados em inúmeras mídias seriam mentiras orquestradas pelos judeus e pelo comunismo.

O negacionismo atual tem múltiplas faces e não é mais monopólio da extrema direita. Ela continua a praticá-lo sistematicamente por toda parte, mas as outras direitas -existem múltiplas direitas- também fazem uso do mesmo procedimento. Tornou-se fácil no mundo do espetáculo midiático proceder assim. Os meios disponíveis para a propaganda política e a manipulação social devem ser invejados, se vistos do inferno. Goebels, ministro da propaganda de Hitler, deve lamentar ter vivido em uma época onde as mídias eram de alcance tão limitado. Na época do nazismo não havia televisão, Internet etc. O *Mein Kampf*, livro de base do hitlerismo, alcançou, na época, uma edição de cerca de um milhão de exemplares. Hoje, qualquer besteira livresca que venda no mundo, consegue tiragens de milhões e milhões nas mais diversas línguas.

Os inimigos de hoje não são exatamente os mesmos. O que se precisa negar também não é necessariamente a mesma coisa. Negam-se, por exemplo, a guerra do Vietnã e seus horrores, as tragédias perpetradas pelo fascismo vermelho de Stalin, os genocídios e limpezas étnicas dos Balcãs e da África etc. Nega-se a truculência das ditaduras militares latino-americanas, representadas pela tortura, morte, exílio e censura. Negam-se todas as ignomínias perpetradas contra o gênero humano.

Continua-se, outrossim, a se negar que houve e continua a existir violências, discriminações, racismos, exclusões e preconceitos. Os seres humanos, pertencentes à grande família do *homo sapiens*, persistem sendo vistos por alguns, como se fossem de diferentes espécies. Confunde-se, deliberadamente, diferenças com oposições fratricidas, tais como as expostas no integrismo puritano e racista e nos fundamentalismos religiosos em voga.

Uma nova mania negacionista, que beira a paranóia, é a de acreditar na teoria conspirativa que imagina a manipulação midiática como algo infinitamente mais forte do que os episódios reais. É verdade que as mídias, sobretudo as empresariais e mais estruturados, manipulam, mentem e tentam controlar a opinião comum. Mas, também é verdadeiro que elas têm limites e precisam se basear, vez por outra, em fatos concretos, como, por exemplo, a crise aérea e os episódios recentes da longa história brasileira da corrupção de Estado.

Uma das vertentes políticas contemporâneas da chamada cultura das mídias é o negacionismo clássico. Outra consiste no negacionismo que foi refundado no mundo atual. A construção das 'verdades' midiáticas baseia-se na verossimilhança, isto é, em algo plausível e possível de ser concreto e, por isso, consistindo em fácil objeto de manipulação. Os grandes veículos precisam se

apropriar da realidade e dar a ela um sentido que lhe interesse, fugindo da objetividade que, paradoxalmente, dizem perseguir. Entretanto, é mais raro, no contexto da democracia, dizer algo absolutamente impossível, tal como se fazia na época da ditadura.

O convencimento, quando fruto da manipulação, almejado pelas grandes mídias, precisa se ancorar em algo visível e que não possa ser facilmente desmascarado. A notícia e a opinião são construídas de modo cauteloso. Os fatos reais são narrados a partir de uma ótica de preconceitos e interesses que ressaltam ou escondem, tal como é necessário para se construir os artefatos e a opinião do público receptor. Por isso tudo, também é caracterizável como negacionismo dizer que as grandes mídias falam absolutas inverdades, em todos os casos e em qualquer situação. Nem o ministério da propaganda da Alemanha nazista agia assim. É preciso cautela com o exagero da simplificação.

É importante denunciar todas as imposturas históricas e reconstruções manipuladas que servem à formação da opinião comum. Talvez, assim, os negacionistas tenham maior cuidado. Eles são seres das sombras. Detestam que se faça a exposição de suas mazelas. Abominam que se fale sobre o que não podem responder, e sobre o que querem esconder. Temem o debate, em especial, com quem não tem o rabo preso em algum lugar.

[La Insignia](http://www.lainsignia.org/2007/agosto/soc_001.htm), agosto de 2007.

http://www.lainsignia.org/2007/agosto/soc_001.htm

OFICIAL

O estudante de História

Marcelo Franchi

O despertar para as incoerências do "politicamente correto"

Carlos passou no vestibular para o curso de História e, para alegria da sua família de classe média paulistana, conseguiu entrar em uma universidade pública, uma das melhores do Brasil, a USP.

Após ser aprovado nas provas do ciclo básico, o jovem estudante, assim como seus colegas de turma, começou a analisar qual segmento do curso de História mais lhe agradaria: história antiga, clássica, romana, oriental ou moderna. Eram tantas vertentes. A vastidão de assuntos magníficos deixava nosso jovem Carlos em um estado de tremenda incerteza. Como ele tinha desde sua infância um senso crítico peculiar - afiado e vivo - que já o destacava entre seus amigos, ele queria algo dinâmico, não muito antigo e já consolidado. Algo recente, onde certos paradigmas ainda não tivessem sido esclarecidos. Optou então por estudar *História Contemporânea*. Como tinha descendência europeia por parte de mãe, preferiu se especializar em *História Contemporânea Européia*.

Um tema que de imediato intrigou o crítico estudante foi um episódio da Segunda Guerra Mundial, mais especificamente, a história do Holocausto judeu. Vejamos o porquê.

Carlos explicou que ele passara "*a notar certas discrepâncias entre o que se lia nos jornais e assistia na TV, comparado com as notícias veiculadas na Internet*". Ele resumia a coisa da seguinte forma: "*Pude de imediato perceber a existência de duas correntes. A primeira formada pelo que se admite hoje como fato, a dita Historiografia Oficial e, do outro lado, grupos de historiadores e pesquisadores independentes, advogados, professores etc, que questionam a veracidade a cerca do Holocausto. As afirmações variam desde a não existência das câmaras de gás até a total inocência do regime político Nacional-Socialista*". Interessante, porém, é que as acusações provinham na sua maioria de pessoas cujas nacionalidades faziam parte do rol dos países inimigos do Eixo. Eram franceses, belgas, ingleses, norte-americanos e alguns até do principal povo perseguido, os judeus.

O revisionismo histórico conta hoje com milhares de seguidores que sofrem sistematicamente o boicote da mídia, quando não difamação por parte dela - NR.

Ao expor seu interesse pelo tema, Carlos ouviu um conselho - no mínimo curioso - de um professor experiente: "*...mas cuidado com o que você vai escrever em seu trabalho de formatura*". Esta frase deixou Carlos um tanto quanto intrigado. Por que deveria ele ter cuidado se suas pesquisas originassem de constatações científicas, embasadas em provas documentais legítimas e, por que não, de visita *in loco* dos locais onde se deu o objeto de seus estudos? Estranho comentário, mas ainda insuficiente para despertar nosso estudante de história ante os fatos vindouros...

Propositalmente, esta crônica acaba aqui, pois, o final, depende de você. Depende de seu

despertar político; não somente sobre esta questão, mas sim de vários outros assuntos peculiares de sua comunidade local e que lhe afetam mais diretamente.

Caso seja aprovado o projeto de lei [PL 987/2007](#) do deputado Marcelo Itagiba, nosso jovem estudante, o Carlos, irá ser processado, condenado e [preso](#). Isto ocorrerá caso ele chegue à conclusão que o Holocausto não existiu. Ele estaria negando o Holocausto. **Não seria este tipo de confrontação uma intimidação do modo de agir dos acadêmicos? Quão isento seria o trabalho acadêmico, quando de antemão se sabe que determinados resultados das pesquisas serão punidos com a prisão?**

Caso o projeto de lei seja rejeitado - [a exemplo do que fez a Espanha](#) - o Carlos irá se deparar com outras dificuldades: ele será tachado de nazista, anti-semita, fascista, racista e outros termos com atual conotação negativa, com o propósito de silenciá-lo. Trata-se aqui do famoso *Porrete de Auschwitz*, que tem por finalidade encerrar o debate de idéias já no início.

Mesmo que nosso estudante tenha caráter e coragem para seguir em frente - "*brasileiro não desiste nunca*" - ele não terá permissão para efetuar uma análise forense das alegadas câmaras de gás dos nazistas. Nem mesmo poderá lançar mão das análises oficiais destes abatedouros químicos. Pasmem: não existe um único estudo técnico, reconhecido pelo meio científico, das "*mais horríveis armas de extermínio já construídas pelo homem*". Desde o final da guerra, nunca foi possível encontrar um único cadáver cujo óbito se deu por envenenamento com ácido cianídrico (HCN). Por outro lado, existem sim dois estudos realizados pelos revisionistas e que chegam à mesma conclusão: a quantidade de azul prussiano contida na argamassa e nos tijolos das supostas câmaras de gás não é condizente com a alegação de que elas eram usadas para assassinar milhões de pessoas através do gaseamento, dentro de um sistemático plano de extermínio.

Uma simples análise forense das alegadas câmaras de gás, como sugeriu o presidente do Irã, [Mahmoud Ahmadinejad](#), já seria suficiente para acabar de uma vez por todas com toda essa controvérsia. Por que isso não é feito? A insistência dos países aliados em não realizá-la - [a exemplo da Polônia](#) - já é prova mais do que suficiente de que a versão oficial do Holocausto judeu é muito frágil. Não há sombra de dúvida de que qualquer tribunal brasileiro nunca iria condenar alguém caso a arma do crime não fosse exaustivamente analisada.

Muitos irão sugerir ao Carlos que não se meta nesse assunto, que isso pertence ao passado. Esses nunca irão entender que justamente [o entendimento do passado](#) é que nos mostra o caminho do presente e pavimentada aquele do futuro.

http://www.inacreditavel.com.br/brasil/estudante_historia.htm

EM LADO NENHUM

Holocausto – um segredo por demais anunciado

Hitler declarou as suas intenções francamente. Os Nazis cometeram atrocidades abertamente. Porquê escamotear os gaseamentos?

Os historiadores convencionais explicam **a falta de fotografias e documentos [dos gaseamentos dos prisioneiros]** invocando que o Holocausto era tão secreto que **nenhumas fotografias foram tiradas, e que não seria permitida a existência de nenhuns documentos incriminatórios**. Acredita-se que isto seria verdade quando a Solução Final estava ainda na fase de projecto em 1941.

Hitler falou sobre o extermínio ou o aniquilamento dos judeus em muitas ocasiões. Por exemplo, esta é uma frase de Mein Kampf. (página 338 de Houghton-Mifflin edição de capa dura. Outras referências podem ser encontradas nas páginas 169 e 679.) Hitler escreveu: a consolidação do nosso povo enquanto nação só terá sucesso quando, à parte toda a luta explícita pelo espírito do nosso povo, **os seus envenenadores internacionais forem exterminados**.

É suposto acreditar que Hitler anunciou ao mundo que os judeus seriam aniquilados, e que simultaneamente tempo se esforçou para manter a pretensão que eles não estavam sendo aniquilados? **A intenção do Holocausto foi declarada abertamente, mas a própria operação em si era tão secreta que os Nazis nunca discutiram o assunto mesmo entre eles.**

Na página 679 Hitler diz:

"Se no começo e durante a Guerra doze ou quinze mil destes corruptores hebreus tivesse sido sujeita a gás tóxico, como aconteceu a centenas de milhares dos nossos melhores trabalhadores alemães, o sacrifício de milhões na frente

não teria sido em vão. Pelo contrário: doze mil salafreiros eliminados a tempo poderiam ter poupado as vidas de milhões de alemães."

Nessa altura já não havia segredo nenhum. **Tendo levantado a questão de suprimir os judeus com gás no *Mein Kampf*, não faria sentido nenhum Hitler fingir que tal não estava a acontecer, se ele na verdade o estivesse a fazer.** Mas não há nenhuma outra referência sobre eliminar com gás em nada que ele tenha dito ou escrito. Existem registros de tudo que Hitler, Himmler e os outros Nazis disseram em público e muito do que eles disseram em privado e não existe nenhuma alusão, em lado nenhum, sobre gaseamentos, mesmo em ocasiões em que falavam sobre como verem-se livres dos judeus.

Existe uma cópia de um discurso (de Poznan) no qual Himmler discursou numa reunião privada dos oficiais seniores das SS. Mesmo se ele não quisesse mencionar os gaseamentos publicamente, Himmler sentir-se-ia livre para falar abertamente numa reunião privada das SS. (Ele teria que falar abertamente nalgum momento. Eles teriam que discutir isso entre eles). **Mas Himmler nada disse sobre gaseamentos, embora estivesse a falar sobre enviar judeus para campos de concentração. Não disse "estou-me a referir ao gaseamento de judeus, ao «Ausrottung» das pessoas judias."** Pelo contrário, Himmler disse:

"Estou-me a referir à evacuação dos judeus, ao «Ausrottung» do povo judeu."

Até mesmo na conferência de Wannsee, nada foi dito sobre gaseamentos. Em 1941, os Nazis estavam a ganhar a guerra. Julgamentos de crimes de guerra eram a última coisa que lhes passaria pela cabeça. (Na realidade não existia esse conceito até 1945. Julgamentos de crimes de guerra não tinham sido uma norma nas guerras do passado.) **Os Nazis não tinham nenhuma razão para criar uma ilusão por posteridade. Eles julgaram que iam ser a posteridade. Nunca pensaram que tivessem de responder por aquilo que tivessem feito. E, mesmo assim, é suposto que acreditemos que já em 1941 eles estivessem a anteciper um período pós-guerra em que seria necessário encobrir as suas acções?**

Os Nazis não eram tímidos quando se tratava de assassinar pessoas. Cometeram atrocidades abertamente. Ostentaram isso. Existem fotografias de soldados Nazis matando a tiro judeus a sangue frio e rindo-se disso. **Essas fotografias não foram tiradas secretamente por outras pessoas, foram tiradas directamente pelos Nazis. Mas é suposto acreditarmos que as câmaras de gás eram tão secretas que nenhuma fotografia foi alguma vez tirada lá.**

Também é suposto acreditarmos que **seria possível encobrir uma operação que envolveu seis milhões de pessoas.**

Aparentemente os gaseamentos processavam-se desta forma: um comboio carregado de judeus chega a Auschwitz. São separados em dois grupos, os que são aptos para trabalho e outros que não o são. Este segundo grupo é então levado directamente para os crematórios. Primeiro vão para uma sala onde se despem. Depois são conduzidos a outra sala que é suposto ser um chuveiro ou uma sala de desparasitação. Quando chegam a essa sala, são trancados e gaseados. Alguns minutos depois os guardas entram e arrastam os corpos para os fornos onde serão cremados.

Se seis milhões de judeus foram gaseados, este cenário deve-se ter repetido milhares de vezes, em vários campos diferentes, durante vários anos. **Esta cena macabra é algo que qualquer fotógrafo gostaria de fotografar. Mas supostamente era proibido tirar fotos, e assim nenhuma foto foi tirada lá. Isto é um disparate.** Os guardas da prisão eram a lei. Ninguém os proibiria de tirar fotografias.

POSTED BY DIOGO SETEMBRO 26, 2007

<http://cidadino.blogspot.com/2007/09/holocausto-um-segredo-por-demais.html>

NÃO ERA SUJEITA A TRABALHOS

Campo de concentração de Bergen-Belsen

Bergen-Belsen - Um campo de convalescença nazi para judeus demasiado doentes para trabalhar.

O campo de concentração de Bergen-Belsen tal como é descrito no site judaico-americano - **Jewish Virtual Library:**

«As condições no campo [de Bergen-Belsen] eram boas atendendo aos padrões dos campos de concentração e a maioria dos prisioneiros não era sujeita a trabalhos forçados. Porém, no começo da

primavera de 1944 a situação deteriorou-se rapidamente. Em Março, **Belsen foi renomeado um Ehrholungslager [Campo de Convalescência], para onde os prisioneiros de outros campos de concentração, demasiado doentes para trabalhar, eram trazidos, embora nenhum recebesse tratamento médico.»**

«À medida que o Exército alemão retirava em face do avanço Aliado, **os campos de concentração foram evacuados e os prisioneiros enviados para Belsen.** As instalações do campo não podiam acomodar a súbita afluência de milhares de prisioneiros e os serviços - comida, água e sanitários – desmoronaram-se, levando à eclosão de doenças. **Anne Frank** e a irmã, Margot, morreram de tifo em Março de 1945, assim como outros prisioneiros numa epidemia de tifo.»

Entretanto, o site **Deutsche Welle - World** descreve desta forma o campo de concentração de Auschwitz:

«Auschwitz foi o maior e mais terrível campo de extermínio do regime de Hitler. **Nas suas câmaras de gás e crematórios, foram mortas pelo menos um milhão de pessoas. No auge do Holocausto, em 1944, eram assassinadas seis mil pessoas por dia.** Auschwitz tornou-se sinónimo do genocídio contra os judeus, ciganos e outros tantos grupos perseguidos pelos nazis.»

«À chegada ao campo de concentração, um médico e um comandante perguntavam a idade e o estado de saúde dos prisioneiros que chegavam, contou Anita Lasker, uma das sobreviventes. Depois disso, as pessoas eram encaminhadas para a esquerda ou para a direita, ou seja, para o campo ou directamente para o crematório. **Quem alegasse qualquer problema estava, na realidade, assinando a sua sentença de morte.»**

Comentário:

Em suma, enquanto o campo de concentração de **Auschwitz** se afadigava no **extermínio do maior número possível de judeus**, o campo de concentração de **Bergen-Belsen** recebia **prisioneiros demasiado doentes para trabalhar, de forma a poderem restabelecer a saúde.**

Não há algo de bizarro em tudo isto?

OUTUBRO 05, 2007 POSTED BY DIOGO
<http://cidadino.blogspot.com/2007/10/bergen-belsen-um-campo-de-convalescena.html>

NÃO HA ALGO DE BIZARRO ?

Os sobreviventes do Holocausto

O rabino **Israel Rosenfeld** falou pela primeira vez da sua experiência em Auschwitz ao jornal **Intermountain Jewish News**, a 27 de Janeiro de 2005, exactamente 60 anos depois do dia em que foi libertado de Auschwitz:

«... **o trabalho duro, combinado com tudo o resto, conjugaram-se para fazer de Rosenfeld um jovem muito doente.** Uma bolha não tratada no pé cresceu e piorou até que se tornou numa infecção debilitante na parte de trás da perna. **Por fim, já não podia estar de pé, ou andar sozinho**, diz ele, enquanto levanta a perna das calças para mostrar a cicatriz deixada pela infecção de há seis décadas atrás. **Na altura, a meio do Inverno de 1944-45, foi colocado na enfermaria de Auschwitz, incapaz de trabalhar. Isto provavelmente salvou-lhe a jovem vida.»**

Dos registos do **Julgamento de Auschwitz em Frankfurt** (Letter to Auschwitz Comité, Oct. 20, 1958; vol. 2, p. 226):

Aleksander Gorecki - Este prisioneiro contou como Boger (Wilhelm Boger, membro da Gestapo) entrou nas instalações da enfermaria do campo principal de Auschwitz para **ir buscar um prisioneiro que tinha sofrido há pouco uma cirurgia à bexiga e já tinha programada uma cirurgia à próstata.**

Janeiro de 1945 - **Elie Wiesel** foi operado na enfermaria de Auschwitz (15 dias antes da chegada do Exército Vermelho). Elie Wiesel e Chlomo (pai de Elie) foram com os evacuados para Gleiwitz onde subiram com os outros para camionetas abertas de transporte de gado para uma viagem de dez dias até Buchenwald na Alemanha Central.

Em suma:

No campo de concentração de Auschwitz, que, segundo fontes oficiais, tinha capacidade para exterminar 6.000 pessoas por dia, aconteceu o seguinte:

- O jovem Israel Rosenfeld foi colocado na enfermaria de Auschwitz, incapaz de trabalhar, facto que provavelmente lhe salvou a jovem vida.

- Boger (da Gestapo) foi buscar um prisioneiro que tinha sofrido há pouco uma cirurgia à bexiga e já tinha programada uma cirurgia à próstata.

- O Nobel da Literatura de 1986, Elie Wiesel, foi operado na enfermaria de Auschwitz (a duas semanas da libertação do campo pelo Exército Vermelho), e foi mais tarde evacuado para Buchenwald.

Não há algo de bizarro em tudo isto?

POSTED BY DIOGO OUTUBRO 09, 2007

<http://cidadino.blogspot.com/2007/10/os-sobreviventes-do-holocausto.html>

IMPOSTOR

Simon Wiesenthal – onze milhões de mortos no Holocausto

Simon Wiesenthal contou a Yehuda Bauer onde fora buscar o número de 11 milhões de mortos do Holocausto. Wiesenthal contou-lhe que o tinha inventado. E porque o tinha ele inventado? Wiesenthal inventou-o, escreveu Bauer em 1989, "para fazer com que os não-judeus se sentissem como se fizessem parte de nós".

Excertos de um artigo assinado por Walter Reich, no site do **American Enterprise Institute**, um dos mais poderosos think-tanks neoconservadores norte-americanos e fervoroso defensor de Israel.

O Uso e Abuso da Memória do Holocausto

Walter Reich

Jimmy Carter

Em Maio de 1978, o Presidente Jimmy Carter, numa cerimónia no relvado da Casa Branca em honra do 30º aniversário de Israel, anunciou que estava a estabelecer uma comissão para estudar a criação de um monumento comemorativo nacional **"para os seis milhões que foram mortos no Holocausto."**

No dia seguinte ao discurso de Carter sobre os seis milhões, um ajudante de Casa Branca sugeriu que a nova comissão pudesse **ampliar o número de seis milhões para onze milhões de forma a incluir na definição de Holocausto os cinco milhões de vítimas não-judias.** Onze meses depois, em Abril de 1979, nos primeiros "Dias de Recordação", na cerimónia na Rotunda do Capitólio, o Presidente Carter falou dos **"onze milhões de vítimas inocentes exterminadas - seis milhões das quais judeus."**

Elie Wiesel

E cinco meses depois, em Setembro de 1979, Elie Wiesel, o presidente designado da Comissão do Holocausto pelo Presidente Carter, entregou o relatório da Comissão que **dava ênfase à essência especificamente judia do Holocausto**, notando que "qualquer tentativa para diluir ou negar esta realidade seria falsificar o Holocausto em nome do universalismo desinformado." O relatório não negou que os alemães tivessem também feito outras vítimas; mas deu ênfase ao empreendimento assassino Nazi sobre os judeus.

Um mês depois, um ajudante de Casa Branca insistiu com Carter para que, na sua ordem

executiva que criava o Conselho Comemorativo do Holocausto dos Estados Unidos, o presidente, "deveria tornar claro que **o monumento comemorativo era para honrar a memória de todas as vítimas do Holocausto - seis milhões de judeus e cerca de cinco milhões de pessoas de outros povos.**" outro ajudante de Casa Branca salientou que **esta definição - onze milhões - tinha origem em Simon Wiesenthal**, "cujas credenciais sobre o Holocausto são tão boas como qualquer pessoa que eu conheça".

Elie Wiesel resistiu a esta definição abrangente do Holocausto, tentando separar o "extermínio sistemático promovido pelo estado alemão de seis milhões de judeus" dos "milhões de outras vítimas dos Nazis." Mas Carter recusou este teor e ao emitir a ordem executiva estabelecendo o Conselho Comemorativo do Holocausto dos Estados Unidos, **referiu-se a onze milhões de vítimas.**

De um ponto de vista histórico, tudo isto acarreta uma grande e estranha ironia. Na realidade, **de onde vem este número onze milhões? Sim, veio de Simon Wiesenthal, o caçador de Nazis. Mas onde é que ele o foi buscar?** Yehuda Bauer, o historiador de Holocausto, ficou intrigado com esta questão.

Yehuda Bauer

Como escreveu Bauer, **"O número total de vítimas não-judias dos campos de concentração é de quase meio milhão de -- que é muita gente, mas não são cinco milhões.** Por outro lado, o número total de mortos na Segunda Guerra Mundial foi estimado em cerca de trinta e cinco milhões. Deduza-se os quase seis milhões judeus, e restam muitos mais do que os cinco milhões de Wiesenthal.

De qualquer forma não havia nenhum plano premeditado para assassinar todas estas pessoas -- todos os membros de um qualquer grupo. Se um camponês polaco ou um habitante da cidade tivesse evitado qualquer resistência e outros tipos de oposição, teria sofrido, sem dúvida, mas não teria sido marcado para ser assassinado. Chamar àquilo que aconteceu às vítimas não-judias 'o Holocausto' é 'simplesmente' falso." **Portanto onde é que Wiesenthal foi buscar o número onze milhões, incluindo cinco milhões de não-judeus?**



Numa conversa privada, Bauer colocou-lhe essa questão. **E Wiesenthal contou a Bauer onde fora buscar esse número. Wiesenthal contou-lhe que o tinha inventado. É verdade, ele tinha-o fabricado! E porque o tinha ele inventado? Wiesenthal inventou-o, escreveu Bauer em 1989, "para fazer com que os não-judeus se sentissem como se fizessem parte de nós."** Wiesenthal já tinha manifestado a um repórter do Washington Post em 1979, quando lhe disse que "Desde 1948 eu procurei com outros líderes judeus não falar dos aproximadamente seis milhões de judeus mortos, mas antes de onze milhões de civis mortos, incluindo seis milhões de judeus."

"So where did Wiesenthal get the number eleven million, including five million non-Jews? In a private conversation, Bauer asked him that very question. And Wiesenthal told Bauer where he had gotten it. He told him that he had "invented" it. That's right, he had made it up! And why had he invented it? He had invented it, Bauer wrote in 1989, "in order to make the

non-Jews feel like they are part of us." - Yehuda Bauer, "Don't Resist: A Critique of Phillip Lopate," Tikkun, vol. 4, No. 3, May-June 1989, p. 67; cited in Novick, p. 215.

Simon Wiesenthal

O que Wiesenthal sentia em 1948 era que **o mundo não-judeu não se interessaria pela tragédia judia a menos que percebessem que tinham também sido mortos não-judeus. Desta forma chamou a atenção para eles. Na necessidade de precisar um número, Wiesenthal inventou para cima de 5 milhões.** E foi esse o número caprichoso que apareceu na ordem executiva (decreto) do Presidente Carter e que teve como resultado a primeira definição oficial do Holocausto, reunindo os que foram mortos como parte de um único genocídio industrial por motivos raciais e os que foram mortos em resultado da brutalidade nazi. Foi a forma peculiar, até mesmo bizarra como este número oficial e infundado -- e, pior ainda, esta combinação oficial de tragédias históricas, cujo efeito foi privar-nos de um acontecimento único do qual o mundo inteiro tem muito que aprender -- tenha sido criado por ordem presidencial.

Será assim o Holocausto, por causa desta definição caprichosa, uma experiência compartilhada? Felizmente, quando o Museu de Holocausto que surgiu do decreto de Carter foi construído, não foi usada aquela definição. Mas está lá no decreto, está sempre a aparecer em todos os jornais, revista e artigos profissionais, e evidentemente, vezes incontáveis na Web. No dia 20 de Setembro de 2005, no tributo ao Registro Congressional de Simon Wiesenthal após a sua morte, o Senador Dianne Feinstein realçou que **o Centro Wiesenthal era "dedicado... a todas as 11 milhões de pessoas de nacionalidades diferentes, raças e credos que morreram no Holocausto."** Para muitos, o número de 11 milhões é considerado um dado adquirido. E, com o passar do tempo, esse "conhecimento" será, estou convencido, ainda mais adquirido, ainda mais aceite, e ainda mais universal.

Comentário:

Simon Wiesenthal confessou a Yehuda Bauer que **inventou a morte de mais de cinco milhões de não-judeus "para fazer com que os não-judeus se sentissem como se fizessem parte de nós"**.

Até onde terá ido a fértil imaginação do Sr. Wiesenthal? **Quem inventa a morte de mais de cinco milhões de não-judeus, não o poderá fazer, por números idênticos e com igual facilidade, para os não-gentios?**

OUTUBRO 18, 2007

<http://cidadino.blogspot.com/2007/10/simon-wiesenthal-onze-milhes-de-mortos.html>

FLUENTE ?

Rudolf Höss - o comandante do campo de concentração de Auschwitz era fluente em inglês mas fraco em aritmética

Excertos de Faurisson e Zundel

Rudolf Höss foi o primeiro de três sucessivos comandantes do campo de concentração de Auschwitz. É muitas vezes chamado "**o Comandante de Auschwitz**".

Rudolf Höss compareceu perante o Tribunal Militar Internacional de Nuremberga como testemunha a 15 de Abril de 1946, onde o seu depoimento causou grande sensação. Para espanto dos outros réus e na presença de jornalistas de todo o mundo, Höss confessou os mais horrendos crimes da História. Contou como recebeu pessoalmente uma ordem de Himmler para exterminar os Judeus. **Estimou em 3 milhões o número de pessoas que tinham sido exterminadas em Auschwitz, dois milhões e meio das quais nas câmaras de gás.**

As confissões de Rudolf Höss constituíram a pedra angular da tese que afirma que o extermínio sistemático de Judeus, sobretudo por intermédio de câmaras de gás, foi uma realidade histórica. É verdade que Höss testemunhou em Nuremberga atrocidades horrendas, e confirmou sob juramento a verdade de um depoimento que ele aceitou assinar para a acusação. Nesse depoimento, Höss confessou ter dado ordens para gasear

milhões de vítimas. **O depoimento, a propósito, estava em inglês, uma língua que ele não falava ou compreendia.** [(2Butler, Rupert, *Legions of Death*, Hamlyn Paperbacks, Great Britain, 1983, pp 10-12)]

Após uma primeira confissão [a 14 de Março de 1946], os Britânicos conseguiram outra confissão de Rudolf Höss a 16 de Março de 1946, escrita à mão em inglês com caligrafia inglesa. **Note-se a diferença do estilo de letra entre o texto e a assinatura de Höss:**

Declaração feita voluntariamente na prisão
Por Rudolf Höss, ex-comandante do
Campo de concentração de Auschwitz a 16 de Março de 1946

Eu pessoalmente organizei segundo ordens recebidas de Himmler em Maio de 1941 **o gaseamento de dois milhões de pessoas entre Junho/Julho de 1941 e o fim de 1943** durante o qual eu fui o comandante de Auschwitz

Assinado
Rudolf Höss,
SS-Ostufaf [Obersturmbannführer das SS - Tenente-Coronel das SS]
Eh. (?) Kdt. v. Auschwitz-Birkenau

*Statement made voluntarily at _____ Gaol
by Rudolf Höss, former Commandant of
Auschwitz Concentration Camp on 16th day of March 1946.*

*I personally arranged on orders received from Himmler
in May 1941 the gassing of two million persons between
June/July 1941 and the end of 1943 during which
time I was commandant of Auschwitz.*

*signed.
Rudolf Höss,
SS-Stubhr.
Eh. (?) Kdt. v. Auschwitz-Birkenau*

Sabe-se agora, através do livro «Legions of Death» [Legiões da Morte], que **Rudolf Höss foi espancado quase até à morte por membros pela British Field Police Force** [Força Policial de Campo Britânica] após a sua captura e muito maltratado depois disso até ter prestado o seu testemunho devastador e o seu depoimento ajuramentado usado pela propaganda aliada desde então.

O documento PS-3868 é um depoimento assinado por Rudolf Höss a 5 de Abril de 1946. É um texto dactilografado, com 20 páginas e escrito em inglês. **É surpreendente que Höss tenha assinado uma declaração sob juramento, não em alemão mas em inglês.** A sua assinatura aparece por três vezes. A última após um texto de quatro linhas, também em inglês, também dactilografado, que diz:

"Eu compreendo inglês tal como está escrito acima. As afirmações acima são verdadeiras: esta declaração é feita voluntariamente por mim sem coacção; depois de ler do princípio ao fim a declaração, eu assinei-a e voltei a assiná-la na presença de testemunhas em Nuremberga, Alemanha, a 5 de Abril de 1946."

"I understand English as it is written above. The above statements are true: this declaration is made by me voluntarily and without compulsion; after reading over the statement, I have signed and executed the same at Nurnberg, Germany, on the fifth day of April 1946."

O espectacular depoimento oral de Rudolf Höss perante o Tribunal Militar Internacional de Nuremberga aconteceu a 15 de Abril de 1946, dez dias depois de ter escrito o documento PS-3868. Quando chegou a altura do advogado de acusação, o coronel Harlan Amen **depois de ler cada excerto do documento PS-3868, parava e perguntava a Höss se o texto correspondia àquilo que ele tinha afirmado. Harlan recebeu as seguintes respostas:**

"Jawohl", "Jawohl", "Jawohl", "Ja, es stimmt"
["Certamente", "Certamente", "Certamente", "Sim, está correcto"].

Comentário:

A confissão feita voluntariamente em inglês por Rudolf Höss, ex-comandante do campo de concentração de Auschwitz, na qual este afirmou ter pessoalmente organizado o gaseamento de dois milhões de pessoas entre Junho de 1941 e o fim de 1943 (três milhões até 1945), **é hoje contraditada** pelas placas que se encontram desde 1995 em Auschwitz, que apontam para um total de cerca de um milhão e meio de vítimas. As placas foram abençoadas por Bento XVI:

OUTUBRO 25, 2007 POSTED BY DIOGO
<http://cidadino.blogspot.com/search/label/Nazismo>

PROVAS ABUNDANTES

Simon Wiesenthal confirma: "não existiam campos de extermínio em solo alemão"

Depois do julgamento de Zündel (revisonista alemão) em 1988, as placas de Auschwitz, que João Paulo II abençoou em 1979, e **que indicavam terem morrido 4 milhões de pessoas naquele campo de concentração, foram substituídas em 1995 por outras placas que indicam que em Auschwitz morreram aproximadamente 1.5 milhões de pessoas.**

'Provas' de gaseamentos em Dachau:

"Provas" abundantes de que os prisioneiros eram gaseados em Dachau foram fornecidas durante anos, **particularmente no julgamento principal de Nuremberga de 1945-1946.** Antigo prisioneiro, o Dr. Franz Blaha, por exemplo, forneceu um testemunho ocular em Nuremberga sobre os assassinios em câmaras de gás de "muitos prisioneiros" em Dachau.

De acordo com um documento do governo americano de Maio de 1945, que foi aceite como prova pelo Tribunal de Nuremberga como documento L-159 (E.U.A. - 222), **"uma característica distintiva do Campo de Dachau era a câmara de gás para a execução de prisioneiros."** O relatório oficial descreveu a alegada operação de gaseamentos com grande detalhe.

'Provas' de Extermínio em Buchenwald:

Provas impressionantes foram igualmente apresentadas durante anos para "provar" que o campo de Buchenwald era um centro de "extermínio." Por exemplo, em Abril de 1945 um relatório do Exército dos EUA sobre Buchenwald preparado para o Supremo Quartel-General Aliado na Europa declarou que **a "missão do campo" era operar como "uma fábrica de extermínio."**

Em Maio de 1945 o governo americano publicou um relatório sobre os campos de concentração alemães, que foi aceite como prova pelo Tribunal de Nuremberga como documento L-159, onde **Buchenwald é similarmente descrito como uma "fábrica de extermínio"**. Um relatório oficial do governo francês aceite pelo Tribunal como prova RF-301 (documento 274-F) acusou:

Tudo tinha sido providenciado até ao mínimo detalhe. Em 1944, **em Buchenwald, eles até tinham prolongado uma linha de caminho de ferro de forma que os deportados poderiam ser conduzidos directamente à câmara de gás.** Certas [câmaras de gás] tinham um pavimento que se inclinava e encaminhava imediatamente os corpos da câmara para o forno crematório.

Mas, ao que parece, Simon Wiesenthal, o célebre "caçador de Nazis", **coloca em dúvida todas as provas e testemunhos que atestavam a existência de câmaras de gás em campos de concentração situados na Alemanha**, como são os casos de Dachau, Buchenwald, Bergen-Belsen e outros:

Simon Wiesenthal:

Numa carta publicada em Janeiro de 1993 no The Stars and Stripes, um jornal para o pessoal do

serviço militar dos EUA, Simon Wiesenthal reconfirmou, de passagem, **que não houve nenhum campo de extermínio em território alemão durante a Segunda Guerra Mundial**. Ele fez uma declaração idêntica numa carta publicada sobre o assunto em Abril de 1975 no periódico britânico *Books and Bookmen*.

Sendo certo que a verdade das palavras de Wiesenthal são conhecidas há anos, esta declaração é significativa, em primeiro lugar, porque é feita por uma figura internacionalmente reputada e supostamente entendida e respeitável, e, segundo, porque confirma uma vez mais um ponto que os revisionistas têm defendido há anos. O que Wiesenthal não menciona e o que não é amplamente entendido, **é que ele implicitamente confirma também a mudança drástica que aconteceu durante anos na história de extermínio do Holocausto**.

O que o "caçador de Nazis" diz agora contrasta nitidamente com o que foi reivindicado autoritariamente nas décadas que se seguiram à Segunda Guerra Mundial. No grande Tribunal de Nuremberga de 1945-1946, por exemplo, funcionários de governos aliados apresentaram provas aparentemente conclusivas que atestavam que campos de concentração "em solo alemão" - como Dachau e Buchenwald - eram centros de "extermínio". Sir Hartley Shawcross, promotor chefe britânico no julgamento principal de Nuremberga, declarou utilizando o mesmo critério no seu discurso final no dia 26 de Julho de 1946, aqueles **"assassinatos [eram] conduzidos como uma indústria de produção de massa nas câmaras de gás e nos fornos "de Buchenwald, Dachau, Oranienburg - tudo "solo alemão" –** assim como nos outros campos fora da Alemanha dirigidos por alemães.

A mesma opinião [de Wiesenthal] é também expressa numa carta de 1960 do Dr. Martin Broszat, traduzida do semanário de Hamburgo *Die Zeit* com a manchete "Keine Vergasung em Dachau ("Não houve gaseamentos em Dachau")." A carta apareceu na edição alemã de 19 de Agosto de 1960, e na edição americana de 26 de Agosto de 1960 (p. 14). O Dr. Broszat escreve em nome do prestigioso Instituto para a História Contemporânea (Institut für Zeitgeschichte). Serviu depois como director do arquivo e centro de pesquisa de Munique:

«**Nem em Dachau nem em Bergen-Belsen nem em Buchenwald foram alguma vez gaseados judeus ou outros prisioneiros**. A câmara de gás em Dachau nunca foi finalizada ou posta "em operação." Centenas de milhares de prisioneiros que morreram em Dachau e noutros campos de concentração no velho Reich [quer dizer, na Alemanha com as suas fronteiras de 1937] foram vítimas, acima de tudo, das condições higiénicas e de abastecimento catastróficas: de acordo com estatísticas oficiais das SS, durante os doze meses de 1942 de Julho a Junho 1943, 110.812 pessoas morreram de doença e de fome em todos campos de concentração do Reich.»

Comentário:

Contudo, **nem esta redução de dois milhões e meio no número de mortes em Auschwitz, nem o reconhecimento oficial de que não existiam câmaras de gás nos campos de concentração em território alemão**, influenciaram o número global de SEIS MILHÕES de mortos do Holocausto.

A quantas mais reduções do número de vítimas vamos assistir e quantas mais "provas e testemunhos irrefutáveis do holocausto" vamos ainda ver desmentidos?

http://cidadino.blogspot.com/2007_09_01_archive.html

NADA

Eisenhower, Churchill e de Gaulle não tiveram conhecimento das câmaras de gás nazis

Por Robert Faurisson

Três das mais conhecidas obras sobre a Segunda Guerra Mundial são a «**Cruzada na Europa**» do General Eisenhower (*Crusade in Europe* - New York: Doubleday [Country Life Press], 1948), «**A Segunda Guerra Mundial**» de Winston Churchill (*The Second World War* - London: Cassell, 6 vols., 1948-1954), e o «**Memórias da Guerra**» do General de Gaulle (*Mémoires de guerre* - Paris: Plon, 3 vols., 1954-1959). **Nestas três obras não há uma única referência às câmaras de gás nazis**.

A «**Cruzada na Europa**» de Eisenhower é um livro de 559 páginas; os seis volumes de «**A**

Segunda Guerra Mundial» de Churchill têm um total de 4.448 páginas; e o «**Memórias da Guerra»** do General de Gaulle tem 2.054 páginas. **Em nenhuma destas três obras publicadas entre 1948 e 1959**, que perfazem um total de 7,061 páginas (não incluindo as partes introdutórias), **se encontra uma única referência às câmaras de gás nazis, ao genocídio de judeus, ou às seis milhões de vítimas judaicas da Guerra.**

As câmaras de gás, utilizadas para assassinar milhões de Judeus não mereceriam nem que fosse apenas uma **referência passageira**, nas obras de Eisenhower, Churchill ou de Gaulle?

Ou será que Dwight Eisenhower, comandante supremo das forças aliadas durante a Segunda Guerra Mundial e depois presidente dos Estados Unidos da América, e Winston Churchill, primeiro-ministro do Reino Unido durante a Segunda Guerra Mundial e que recebeu o Prémio Nobel de Literatura pelas suas «Memórias da Guerra», **não quiseram que as suas obras ficassem vinculadas a «factos» que eles sabiam não ser verdadeiros?**

OUTUBRO 20, 2007 POSTED BY DIOGO
<http://cidadino.blogspot.com/search/label/Nazismo>

NEGACIONISMO A LA CARTE

A União Europeia prepara legislação de longo alcance contra «negação de genocídio»

Chamada de atenção no **Mote para Motim**.

As pessoas que colocarem em questão a história oficial dos recentes conflitos em África e nos Balcãs **podem ser presos até 3 anos por "negação de genocídio"**, segundo uma proposta de legislação da União Europeia.

A Alemanha, actual detentora da presidência Europeia, irá propor esta Primavera nova legislação para ilegalizar o "racismo e a xenofobia".

Incluída na proposta da directiva Europeia estão projectos para **ilegalizar a negação do holocausto**, criando um crime que não existe na lei britânica.

Mas as propostas, vistas pelo *The Daily Telegraph*, vão muito além e **criminalizam aqueles que questionarem a extensão dos crimes de guerra que tiveram lugar nos últimos 20 anos.**

A legislação desencadeará uma enorme discussão através da Europa sobre liberdade de expressão e liberdade académica.

Deborah Lipstadt, professora de Judaísmo Moderno e Estudos sobre o Holocausto da universidade de Emory em Atlanta, acredita que as propostas alemãs estão desenquadradas. "**Eu defendo essa incómoda coisita chamada liberdade de expressão e fico muito preocupada quando governos a restringem**," disse.

"Como é que determinamos com precisão o que é negacionismo? **A História será decidida por historiadores ou numa sala de tribunal?**"

Comentário:

Evidentemente, quem negar que este filho da puta assassinou 3000 americanos em Nova Iorque em Setembro de 2001, e que, desde essa data, chacinou mais de 600 mil iraquianos e um número indeterminado de afegãos, pode dormir descansado. Só serão punidos os negacionismos politicamente incorrectos.

The Daily Telegraph - 4 de Fevereiro de 2007

CÁLCULO 1

Os Números do Holocausto

Um holocausto é para todos os efeitos uma ignomínia. Seja com quem for. Seja por que números forem.

Quanto ao holocausto judeu em particular, as fontes oficiais não parecem entender-se quanto ao número aproximado de vítimas:

Em entrevista concedida na segunda-feira à «Antena 1» pelo embaixador iraniano em Lisboa, na qual o diplomata pôs em causa a dimensão do número de vítimas do Holocausto. Mohammed Taheri afirmou que "**para se incinerar seis milhões de pessoas são precisos 15 anos**", considerando que a questão ainda não foi totalmente esclarecida.

A fazer fé em fontes oficiais, Taheri pode ter alguma razão:

8.000.000 – Fonte: Gabinete de investigação de Crimes de Guerra Francês, doc 31, 1945.

6.000.000 – Fonte: citado no livro "Auschwitz Doctor" de Miklos Nyiszli

4.000.000 – Fonte: citado num documento soviético de 6 de Maio de 1945 e reconhecido no julgamento dos crimes de guerra de Nuremberga. Este número foi também citado no «The New York Times» a 18 de Abril de 1945.

2.000.000 a 4.000.000 – Fonte: citado por Yehuda Bauer em 1982 no seu livro «A History of the Holocaust». Contudo, em 1989 Bauer reduziu este número para 1.600.000 a 22 de Setembro no "The Jerusalem Post".

1.100,000 a 1.500.000 – Fonte: estimativas de Yisrael Gutman e de Michael Berenbaum no seu livro de 1984, «Anatomy of the Auschwitz Death Camp».

1.000.000 – Fonte: Jean-Claude Pressac, no seu livro de 1989 «Auschwitz: Technique and Operation of the Gas Chambers».

900.000 – Fonte: relatado a 3 de Agosto de 1990, por «Aufbau», um jornal judeu de Nova Iorque.

775.000 a 800.000 – Fonte: número revisto por Jean-Claude Pressac, avançado no seu livro de 1993, «The Crematoria of Auschwitz: The Mass Murder's Machinery».

135.000 a 140.000 – Fonte: estimativa baseada em documentos apoiados pelo "International Tracing Service" da Cruz Vermelha.

FEVEREIRO 15, 2006

http://citadino.blogspot.com/2006_02_01_archive.html

CÁLCULO 2 : INPERITO

Auschwitz e os números de mortos

por Robert Jan Van Pelt

A primeira tentativa após a guerra de estabelecer o número total de mortos no contexto de uma investigação forense foi feita pela Comissão Estadual Extraordinária para Averiguar e Investigar os Crimes Cometidos pelo Invasores Alemães Fascistas e os Seus Associados no Campo da Morte de Oswiecim. O comité chegou à conclusão de que quatro milhões de pessoas tinham sido mortas em Auschwitz. A sua conclusão foi baseada numa avaliação da capacidade dos crematórios. Os cinco crematórios teriam sido capazes de queimar, ao menos em teoria, 5.121.000 cadáveres. Adicionalmente existia a capacidade adicional proporcionada pelas piras. Tendo em consideração a possibilidade de operação abaixo da capacidade e de paradas, no entanto, a Comissão de peritos técnicos estabeleceu que durante a existência do campo de Oswiecim os executores alemães tinham assassinado pelo menos quatro milhões de cidadãos da URSS, Polónia, França, Iugoslávia,

Tchecoslováquia, Romênia, Hungria, Holanda, Bélgica e outros países.[26]. Além da abordagem de engenharia questão de quantas pessoas tinham morrido em Auschwitz, surgiu um segundo método de estabelecer o número de vítimas. Este baseava-se numa análise do número de deportações para o campo. Já em 1946, **Nachman Blumental**, usando este método, chegou a suposição informada que o número de vítimas devia ter sido entre 1,3 e 1,5 milhões.[27] No início da década de 50, Gerald Reitlinger igualmente tentou chegar a uma estimativa grossa do número de vítimas com base no número de deportados.

No que diz respeito ao número total de judeus trazidos para o local de seleção em Auschwitz, é possível estimá-lo com alguma exatidão para os países da Europa Oriental e Central bem como para os Bálcãs, mas não para a Polónia. Não existe uma guia real quanto à percentagem de gaseados. Foi baixa antes de Agosto de 1942, e geralmente baixa também após Agosto de 1944, mas no período intermediário podia variar entre cinquenta e cerca de cem por cento. A lista seguinte tem em conta um número de transportes franceses e gregos enviados para Majdanek e 34.000 judeus holandeses que foram para Sobibor:

Bélgica	22.600
Croácia	4.500
França	57.000
Grande Reich [...s transportes diretos]	*25.000 (incerto)
Grande Reich [via Theresienstadt]	32.000
Grécia	50.000
Holanda	62.000
Hungria (fronteiras durante a guerra)	380.000
Itália	5.000
Luxemburgo	2.000
Noruega	700
Polónia e Países Bálticos	*180.000
Eslováquia (fronteiras de 1939)	20.000
TOTAL----	840.800

Deste total, 550.000 a 600.000 poderão ter sido gaseados logo após a chegada, e a estes deve-se acrescentar uma parte desconhecida dos 300.000 ou mais, desaparecidos do campo, que foram selecionados. [28] importante anotar que Reitlinger, se confrontado com várias estimativas diferente do número de vítimas, escolhia por sistema a mais baixa. A primeira razão era que o exagero serviria àqueles que quisessem negar o Holocausto. [29] A segunda deve-se localizar na sua disposição invulgarmente otimista perante toda a história, baseada na sua avaliação muito sombria da natureza humana: enquanto escrevia o livro, lembrava-se sempre a si próprio de que poderia ter sido pior um sentimento que poucos têm partilhado. [30] Finalmente, havia avaliações diferentes por parte das testemunhas. A mais importante destas era, sem dúvida, o Comandante **Rudolf Höss**. Durante os seus interrogatórios iniciais, Höss parece ter confirmado uma avaliação inicial feita pelos seus interrogadores de que três milhões de pessoas tinham sido mortas em Auschwitz.[31] Em Nuremberg ele deu números diferentes em ocasiões diferentes. Durante os seus interrogatórios deu uma lista detalhada de números por nacionalidade que somava mais do que 1,1 milhões de deportados. [32] Na sua declaração sob juramento, no entanto, afirmou que pelo menos 2.500.000 vítimas foram executadas e exterminadas [em Auschwitz] mediante gaseamento e incineração, e pelo menos outro meio milho sucumbiu a fome e doenças, o que dá um total de cerca de 3.000.000 de mortos." [33] Confirmou este número numa conversa com o psicólogo de prisão, Dr. Gilbert. "Ele prontamente confirmou que cerca de 2 milhões de judeus tinham sido exterminados sob a sua direção. [34] Num breve memorando que escreveu para Gilbert mais tarde em Abril Höss voltou ao número menor. Agora afirmava que o número de 2,5 milhões se referia ao potencial técnico. "Por tudo quanto sei, este número parece-me ser demasiado alto. Se eu calcular o total das operações em massa de que ainda tenho memória, e ainda tiver em conta uma certa percentagem de erro, chego nos meus cálculos a um total de 1,5 milhões no máximo para o período entre o início de 1941 e o fim de 1944." [35] Finalmente, na Polónia, Höss afirmou novamente que o número de vítimas tinha, com maior das probabilidades, sido menor do que 1,2 milhões de pessoas, comentando que: Eu considero o número de 2,5 milhões muito alto por demais. Mesmo Auschwitz tinha limites s suas capacidades destrutivas.[36] Portanto, no início da década de 1950, existiam basicamente três estimativas do número de vítimas, cada uma baseada em fontes diferentes: uma alta de 4 milhões, baseada na suposta capacidade dos crematórios, uma baixa de cerca de 1 milhão baseada no número do transportes e a avaliação final que Höss forneceu ao Dr. Gilbert em Nuremberg e ao Dr. Jan Sehn em Cracóvia, e uma intermediária de 2,5

milhões, baseada no número de Eichmann conforme relatado a Höss, e inicialmente substanciada por Höss na sua declaração sob juramento em Nuremberg.

Até o início da década de 80 nos foi empreendido nenhum estudo original para resolver a margem inaceitavelmente grande entre a estimativa mais baixa e a mais alta. A culpa recaí em grande medida sobre a Guerra Fria: a cifra de 4 milhões tinha sido estabelecida pelos Soviéticos, a cifra de 1 milhão tinha sido primeiramente proposta no Ocidente. As relações entre Este e Oeste deterioraram, com a maior parte da Alemanha passando a fazer parte da OTAN, e como este país se recusava a reconhecer a legitimidade da anexação das antigas regiões alemãs da Prússia Oriental, Pomerânia e Silésia pela Polônia depois da guerra, a questão do número de vítimas tornou-se matéria de política. Os governantes comunistas da Polônia não estavam dispostos a fazer a menor cessão perante a Alemanha enquanto o governo de Bonn não reconhecesse a integridade territorial da República Popular da Polónia, e portanto mantiveram a política de afirmar que 4 milhões de pessoas tinham sido mortas em Auschwitz. No Ocidente, a maior parte dos historiadores do Holocausto que, devido ao clima político, estavam incapacitados de fazer pesquisa original na matéria, tendiam a aceitar, com reservas, o número intermediário de 2,5 milhões. Inicialmente só Raul Hilberg, que fez uma importante análise estatística do número de vítimas, suportou o número menor de 1 milhão. O seu raciocínio, justificado, era que, dado o número de vítimas do Holocausto (5,1 milhões na sua estimativa conservadora), e dadas as estimativas maiores ou menos fiáveis do número dos judeus que morreram de privação geral nos guetos, dos que foram executados a tiro a céu aberto e dos que morreram em outros campos de extermínio e de concentração, o número total de vítimas de Auschwitz não pode ter sido maior do que 1 milhão. [37] O advento de [Partido] Solidariedade e a eleição do polonês Karol Wojtyla como Papa João Paulo II (1978) mudou o clima intelectual na Polónia. Enquanto o governo continuava agarrado ao número oficial de 4 milhões de vítimas, o Dr. Piper do Museu de Auschwitz, que até então se tinha visto impedido de pesquisar a matéria, começou a focar a sua atenção na questão de quantas pessoas tinham morrido no campo. A sua pesquisa foi catalizada por novos números publicados na França por Georges Wellers, que tinha chegado à conclusão de que 1.613.455 pessoas tinham sido deportadas para Auschwitz (das quais 1.433.405 eram judeus) e que 1.471.585 destas tinham morrido (das quais 1.352.980 eram judeus). Piper levou o seu trabalho a uma primeira conclusão em 1986. Uma vez que tinha em grande parte endossado as cifras que tinham sido propostas no Ocidente por Reitlinger e Hilberg, decidiu proceder de forma cuidadosa, decisão sábia, tendo em conta que em meados da década de 1980 a Polónia se encontrava sob regime militar. Primeiro submeteu as suas conclusões a um processo de revisão interna dentro do museu, e depois a uma revisão externa pormenorizada pelo principal instituto polaco de pesquisa sobre a era nazi, a Comissão Principal para a Investigação de Crimes Nazis na Polónia. Em 1990, depois das suas conclusões terem sido endossadas (e com o primeiro governo pós-comunista no poder), Piper deu a conhecer a sua nova estimativa de 1,1 milhões de vítimas à comunidade internacional. Esta cifra tem sido endossada por todos os historiadores profissionais sérios que têm estudado a complexa história de Auschwitz com algum detalhe, bem como pelos institutos de pesquisa do Holocausto Yad Vashem em Jerusalém e United States Holocaust Memorial Museum em Washington D.C. [38]

Traduzido por Roberto Muhlemkamp no RODOH Fórum à partir do link:
<http://www.holocaustdenialontrial.com/trial/defense/van/ii>
 26 DE FEVEREIRO DE 2008
<http://holocausto-doc.blogspot.com/2008/02/auschwitz-e-os-nmeros-de-mortos-por.html>

"Revisionismo" ou Negação do Holocausto(definição feita pela Prof^a e historiadora Lise Sedrez): *"Negação do holocausto, ou "revisionismo", é uma tentativa de achar uma legitimação académica para uma agenda pré-existente, ignorando seletivamente evidências, sugerindo uma grande conspiração judaica que "plantou" evidências aqui e ali, da qual todos os historiadores são coniventes e cúmplices, e meia dúzia de "iluminados" perseguidos pelo establishment são os únicos "pesquisadores" honestos. O objetivo real do "revisionismo" do holocausto é fazer do Nacional Socialismo uma alternativa política aceitável novamente."*

OS SEUS LIVROS

Paul Rassinier desmente Holocausto Judeu

A obra do historiador francês Paul Rassinier foi sem dúvida alguma a contribuição mais importante para restabelecer a verdade sobre o «holocausto» judaico. O valor dessa obra reside em primeiro lugar no facto de **Rassinier ter sido ele próprio um detido dos campos de concentração alemães** e, depois, no facto de, dado o seu carácter de socialista anti-nazi, não estar obviamente disposto a defender Hitler e o Nacional-Socialismo. No entanto, preocupado com a verdade histórica, Rassinier, até à sua morte, ocorrida em 1966, consagrou os anos do pós-guerra a investigações que levaram à **mais completa refutação do mito dos 6 milhões de mortos judeus**.

De 1933 a 1943 foi professor de História no liceu de Belfort, Academia de Besançon. Durante a guerra interveio na Resistência e foi preso pela Gestapo em 30 de Outubro de 1943. **Ficou detido em Buchenwald e em Dora até ao final da guerra**. Atingido pelo tifo nos últimos tempos da sua detenção e não conseguindo restabelecer-se por completo, teve de abandonar o ensino.

Condecorado com a medalha da Resistência e do Reconhecimento Francês, foi eleito deputado da Assembleia Constituinte, cargo que os comunistas lhe retiraram em Novembro de 1946. Rassinier empreendeu então uma análise sistemática das pretensas atrocidades alemãs, em particular do presumido extermínio de judeus.

Os seus livros são pouco conhecidos, o que não deve surpreender-nos. Nenhum foi publicado em português. Os mais importantes são **A Mentira de Ulisses**, estudo das condições de vida nos campos de concentração, baseado na sua própria experiência; **Ulisses Atraiçoado pelos Seus**, continuação do anterior, que prossegue na desmontagem das mentiras da propaganda anti-alemã; **O Verdadeiro Processo Eichmann** e **O Drama dos Judeus Europeus**, onde, através de uma análise estatística rigorosa, mostra como os factos foram intencionalmente deformados, ao mesmo tempo que **examina as consequências políticas e financeiras da lenda do «extermínio» e a sua exploração levada a cabo por Israel** e pelos países comunistas. Escreveu ainda **Os Responsáveis da II Guerra Mundial**, **A Operação Vicario** e outros de importância menor.

A Mentira de Ulisses faz alusão às histórias incríveis que costumam fazer parte dos relatos dos que regressam de países longínquos (muito mente quem de longe vem). Até à data da sua morte, Rassinier leu tudo o que se publicou sobre o «Holocausto» e tentou encontrar -- e encontrar-se -- com os autores dessas histórias. Desfez completamente as afirmações extravagantes de David Rousset que, no seu livro *The Other Kingdom* [O Outro Reino] (Nova Iorque, 1947), pretendia que em Buchenwald havia câmaras de gás. **Tendo ele mesmo estado em Buchenwald, provou que nesse campo nunca houve câmaras de gás.**

Interpelou também o padre Jean Paul Renard, que afirmara o mesmo no seu livro *Chaines et Lumières* [Correntes e Luzes]. Na contestação com que este prelado respondeu à afirmação de Rassinier, afirmou que «... **houve pessoas que lhe disseram havê-las**»

A seguir, Rassinier procedeu a uma verdadeira dissecação do livro de Denise Dufournier, Ravensbrück: The Women Camp of Death [Ravensbrück: O Campo da Morte das Mulheres] (Londres, 1948) e **descobriu também que as únicas provas que a autora tinha eram «certos rumores»**... Chegou ao mesmo resultado com os livros de Philip Friedman, *This Was Auschwitz - The Story of a Murder Camp* [Isto foi Auschwitz - a história de um campo de assassinio] (Nova Iorque, 1950) e de Eugen Kogon, *The Theory and Practice of Hell* [Teoria e Prática do Inferno] (Nova Iorque, 1950).

Nenhum desses autores foi capaz de apresentar uma só testemunha autêntica da existência de câmaras de gás em Auschwitz. Eles próprios não tinham visto nenhuma. Kogon pretendeu que uma ex-detida já falecida chamada Janda Weiss lhe tinha dito, a ele somente, que vira câmaras de gás em Auschwitz, mas, como já tinha falecido, como Kogon sustentava, Rassinier não pôde, naturalmente, pedir-lhe esclarecimentos.

Rassinier conseguiu encontrar-se com Benedikt Kautsky, autor do livro *Teufel und Verdammte* [O Diabo e os Malditos], onde pretendia que em Auschwitz haviam sido exterminados milhões de judeus. Kautsky limitou-se a confirmar o que já escrevera no livro, ou seja, **que não tinha visto nunca câmaras de gás e que baseava as suas informações no que «...outros lhe tinham contado».**

Segundo Rassinier, o Oscar da Literatura sobre o «extermínio» devia ser atribuído ao livro de Miklos Nyizli, *Doctor at Auschwitz*: «**A falsificação dos factos, as contradições evidentes**

e as mentiras descaradas mostram que o autor fala de lugares que **manifestamente nunca viu**». Segundo este «doutor de Auschwitz», ter-se-iam exterminado ali diariamente 25.000 pessoas durante 4 anos e meio, o que representa um grande progresso relativamente às 24.000 diárias durante 2 anos e meio de Olga Lengyell. Tal cadência faria com que em 1945 nos encontrássemos com um total de 41 milhões de pessoas -- só em Auschwitz -- ou seja, duas vezes e meia a população judaica do mundo inteiro antes da guerra. Rassinier tentou descobrir a identidade da estranha «testemunha», mas foi-lhe dito que tinha morrido antes da publicação do livro, o que, obviamente, o levou à convicção de que tal pessoa nunca existiu.

Depois da guerra Rassinier visitou todos os cantos da Europa à procura de uma testemunha ocular de extermínios em câmaras de gás em campos de concentração alemães. Não encontrou uma única. Nenhum dos autores dos numerosos livros que acusavam os alemães do extermínio de judeus tinha visto alguma vez uma câmara de gás construída com esse propósito, e menos ainda uma câmara de gás a funcionar. Nenhum autor conseguiu apresentar uma testemunha autêntica, viva, que tivesse visto uma só câmara de gás. Invariavelmente, os ex-detidos como Renard, Kautsky e Kogon, baseavam as suas afirmações, **não no que realmente tinham visto, mas no que «ouviram dizer»** a pessoas «dignas de fé», mas que, por uma lamentável casualidade, tinham todas falecido e não podiam, por isso, confirmar ou desmentir as afirmações feitas.

O mais importante dos factos que surgem dos estudos de Rassinier e sobre o qual não fica dúvida alguma é a mentira, a lenda das «câmaras de gás». Investigações feitas no lugar revelaram de maneira irrefutável que, contrariamente às declarações das «testemunhas» sobreviventes, **nunca houve câmaras de gás em nenhum dos campos de concentração alemães, sejam Buchenwald, Bergen-Belsen, Ravensbrück, Dachau, Dora, Mauthausen ou outros. O facto foi certificado em primeiro lugar por Stephen Pinter do Ministério da Guerra dos Estados Unidos, e hoje admitido e reconhecido oficialmente pelo Instituto de História Contemporânea de Munique.**

Como faz notar Rassinier, não obstante a verdade histórica oficial não faltaram «testemunhas» que, no processo contra Eichmann, fossem declarar de novo terem visto em Bergen-Belsen prisioneiros partirem para as câmaras de gás.

No que se refere aos campos do Leste, na Polónia, Rassinier mostra que a única «prova» da existência de câmaras de gás em Treblinka, Chelmno, Belzec, Majdanek e Sobibor é o relatório do ex-oficial das SS, Kurt Gerstein, cuja autenticidade foi total e definitivamente impugnada. **De início pretendeu terem-se exterminado 40 milhões de pessoas durante a guerra, número absurdo que na primeira declaração escrita e assinada reduziu para 25 milhões e que voltou a reduzir na segunda.** Recordemos ainda que, depois de declarações tão precisas, se suicidou (!) na prisão.

A autenticidade das notas de Gerstein foi tão duvidosa que nem o tribunal de Nuremberga, não obstante todas as tentativas, conseguiu aceitá-las... No entanto, continuam a circular por aí, em três versões diferentes, uma alemã (distribuída nas escolas) e duas francesas, mesmo apesar de não concordarem entre si. Foi a versão alemã que serviu como «prova de convicção» no processo Eichmann em 1961...

Finalmente, Rassinier chama a atenção para uma confissão importante feita pelo Dr. Kubovy, director do Centro Mundial de Documentação Judaica Contemporânea de Telavive, em La Terre Retrouvée: que **não existe uma só ordem escrita de extermínio procedente de Hitler, de Himmler, de Heydrich, de Goering, nem de ninguém.**

Rassinier nega o número de 6 milhões

O nosso autor, baseando-se numa análise estatística muito minuciosa, **prova a total falsidade do número de 6 milhões adoptado por razões de propaganda.** Por um lado, aumentou-se artificialmente o número da população judaica antes da guerra, ignorando propositadamente todas as emigrações e evacuações. Por outro, reduziu-se, também artificialmente, o número de sobreviventes em 1945. Este último foi o método usado pelo Congresso Mundial Judaico. Rassinier repudia também todos os depoimentos, escritos ou verbais, das «testemunhas» do género antes citado que indicam o número de 6 milhões, visto estarem cheios de contradições, exageros e mentiras. Termina, realçando o facto muito significativo desse número não ter sido mencionado no processo de Eichmann: **«No processo de Jerusalém a acusação viu-se consideravelmente enfraquecida pela ausência do seu motivo central: os 6 milhões de judeus europeus que se pretende terem sido exterminados em câmaras de gás.** Esta alegação conseguiu impor-se facilmente logo depois da guerra, aproveitando o caos geral, espiritual e material. Mas hoje já foram publicados muitos documentos que não estavam

disponíveis no momento dos processos de Nuremberga e que provam que apesar dos judeus terem sido prejudicados e perseguidos pelo regime hitleriano, não pôde haver 6 milhões de vítimas».

A emigração como solução final

Rassinier afirma ainda que o governo do III Reich não teve nunca outra política em relação aos judeus que não fosse fazê-los sair da Alemanha. Depois da promulgação das leis raciais de Nuremberga em Setembro de 1934, os alemães negociaram com os ingleses o envio dos judeus alemães para a Palestina na base da Declaração Balfour. Quando esse plano fracassou, pediram a outros países que aceitassem a imigração judaica, **pedido que todos recusaram**. O projecto de emigração para a Palestina foi retomado em 1938, mas voltou a fracassar em face da obstinação dos organismos internacionais judaicos, mais interessados numa política hostil ao III Reich e propiciadora da guerra que na salvação dos **próprios irmãos de raça**. O Reich conseguiu, apesar de todas estas dificuldades, fazer emigrar a maioria dos judeus alemães, sobretudo para os Estados Unidos. Rassinier fala também da negativa francesa de aceitar nos finais de 1940 o plano de emigração dos judeus para Madagáscar e analisa as alternativas posteriores dessa negociação.

Os judeus, recorda Rassinier, tinham declarado a guerra financeira, económica -- e a outra -- à Alemanha em 1933 e, por isso, foram internados em campos de concentração «...que é o que fazem todos os países em guerra com os cidadãos dos países inimigos... Decidiu agrupá-los e fazê-los trabalhar num imenso ghetto instalado no final de 1941 - depois da invasão à URSS - nos territórios do Leste, perto da antiga fronteira que separava a Rússia da Polónia: em Auschwitz, Chelmno, Belzec, Majdanek, Treblinka, etc. Deveriam esperar ali o final da guerra, até que pudessem reiniciar-se as negociações internacionais que decidiriam o seu futuro».

Rassinier insiste na exploração deliberada da lenda do «holocausto» tendo como fim vantagens políticas e financeiras e considera que a União Soviética e Israel se puseram de acordo para explorar o «filão». Faz notar que, depois de 1950, se viu aparecer a avalanche de livros fraudulentos a propósito do «extermínio» que traziam o selo das organizações cujas actividades estão sincronizadas de tal maneira que só podem ter sido concebidas de comum acordo. A primeira é o Comité de Investigação dos Crimes e Criminosos de Guerra auspiciada pelos comunistas de Varsóvia, a segunda, o Centro Mundial de Documentação Judaica Contemporânea, de Paris e Telavive. As suas publicações aparecem em momentos favoráveis de clima político e no que se refere à União Soviética, Rassinier afirma que tem por único objectivo distrair a atenção sobre as suas próprias actividades.

OUTUBRO 31, 2007 POSTED BY DIOGO

<http://citadino.blogspot.com/2007/10/paul-rassinier-desmente-holocausto.html>

SORDIDA

A Negação do Holocausto não é piada

A conferência iraniana do Holocausto é sordida e cínica, mas nós devemos levar isto a sério.

Por **Anne Applebaum**

"Na segunda-feira, o Ministro do Exterior iraniano promoveu uma conferência internacional. Nada de estranho nisso. Ministros do Exterior promovem conferências, na maior parte chatas, o tempo todo. Mas esta era diferente. Primeiro, porque a Conferência Internacional para Rever a Visão Global do Holocausto era sobre

história, e não sobre políticas atuais. Ao invés dos 'suspeitos' habituais — assistentes de ministérios e similares — os convidados pareciam incluir **David Duke**, um **ex-líder da Ku Klux Klan**; **Georges Theil**, um francês que chamou o Holocausto de "uma enorme mentira"; e Fredrick Töben, um alemão naturalizado australiano cuja especialidade é negar a existência das câmaras de gás nazistas. A lista de convidados era seletiva: nenhuma eminência académica, ou certamente com qualquer credencial académica, foi convidada. Um académico palestino, Khaled Ksab Mahamid, foi convidado a ir e posteriormente impedido porque possui um passaporte israelense — e talvez também porque ele, ao contrário dos outros convidados, acredita que o Holocausto realmente ocorreu. Em resposta, os Estados Unidos, Europa, e Israel expressaram ultrage oficial. O governo alemão, que seu mérito seja reconhecido, organizou uma contra-conferência. Ainda assim, muitos se mantiveram

distantes, negando-se a ficarem chocados ou mesmo particularmente interessados. Afinal, o Holocausto acabou há mais de seis décadas. Desde então, as vítimas do Holocausto escreveram centenas de livros, e a literatura acadêmica sobre o Holocausto é expressa em bilhões de palavras. Existem filmes, fotografias, documentos, de fato arquivos inteiros dedicados à história do regime Nazista: todos nós sabemos o que aconteceu. Evidente que a negação do Irã não pode ser algo a sério. Infelizmente, o Irã leva isto a sério — ou mais precisamente o presidente do Irã, Mahmoud Ahmadinejad, leva isto muito a sério. A negação do Holocausto é sua paixão pessoal, não é apenas uma maneira de provocar Israel, e é baseada em sua interpretação pessoal da história.

No início deste ano, numa carta aberta particularmente estranha à Chanceler alemã Angela Merkel, ele elogiou os grandes feitos da cultura alemã e atacou "a máquina de propaganda pós Segunda Guerra Mundial, tão colossal que [isso] fez com que algumas pessoas acreditassem que eles eram a parte culpada." Aquelas visões nos remetem de volta aos anos 1930s, quando o então Xá do Irã era um admirador da noção de Hitler da "superioridade da raça ariana," à qual os persas deveriam pertencer. O próprio Ahmadinejad teve como mentor um antigo revolucionário que foi fortemente influenciado pela propaganda de guerra Nazista. Nota-se. É claro, a negação do Holocausto também tem raízes mais profundas que isto e muitos outros partidários além de Ahmadinejad no Oriente Médio, o que podem ser parte da problema: questionar a realidade do Holocausto tem sido há muito uma das formas de questionar a legitimidade do Estado de Israel, que foi de fato criado pelas Nações Unidas em resposta ao Holocausto, e que defato incorporou a História do Holocausto na sua identidade nacional. Se os Xiitas iranianos estão a procura de amigos, particularmente entre os árabes sunitas, a negação do Holocausto não é um má idéia para encontrá-los. E ainda assim — o evento desta semana tem alguns novos elementos, também. Isto é, afinal, uma conferência internacional, com participantes estrangeiros, temas 'formais' (" Como os sionistas colaboraram com Hitler?" por exemplo), e com um objetivo que vai muito além de uma mera denúncia contra Israel. Porque alguns países que tiveram regimes Nazi(fascistas) têm no pós-guerra leis proibindo a negação do Holocausto, o Irã declarou que esta é "uma oportunidade para pensadores que não podem expressar seus pontos de vista livremente na Europa a respeito do Holocausto." Se o Ocidente vai dar abrigo a dissidentes iranianos, então o Irã também abrigará David Duke. Se o Ocidente vai fingir que apóia liberdade de expressão, então o Irã fará o mesmo. Vaiado pela primeira vez em muitos meses por ativistas numa passeata, Ahmadinejad respondeu chamando os críticos de agentes americanos pagos: "Hoje, o pior tipo de ditadura no mundo é a ditadura americana, disfarçada em defensora de direitos humanos."

A ditadura americana, disfarçada em defensora de direitos humanos distribuindo história falsificada: é o tipo de argumento que você pode ouvir regularmente hoje em dia, no Irã assim como na Rússia e na Venezuela, para não falar nos Estados Unidos mesmo. Tudo isto é uma forma enviesada de dizer que **este tipo de revisionismo histórico não é piada**, e que não deveríamos ficar tentados a tratá-lo dessa maneira. Sim, nós achamos que já conhecemos esta história; nós achamos que já institucionalizamos esta memória; nós achamos que este terror europeu em particular já está dominado, e que é tempo de seguir em frente. Eu mesma às vezes penso assim. Há tantas outras histórias para se aprender, afinal. O que não falta no século XX é tragédia. E ainda assim — a quase-destruição dos judeus europeus num breve espaço de tempo por uma sofisticada nação européia usando a melhor tecnologia disponível era, ao que parece, um evento que exige uma constante re-explanação, não somente porque isso realmente modelou a subsequente história do mundo e da Europa de formas incontáveis. Só por esta razão, os arquivos, as fotografias, e as infundáveis refutações continuarão sendo necessárias, muito depois que o último sobrevivente tiver morrido."

Anne Applebaum, colunista do *Washington Post* e do *Slate*, é atualmente membro da Academia Americana em Berlim. Seu mais recente livro é *Gulag: Uma História (Gulag: A History)*. Anne Applebaum Artigo original em inglês: <http://www.slate.com/id/2155328/> Versão português: **Carlos Roberto Lucena**. Revisão: **Lise**

29 de setembro de 2007
<http://holocausto-doc.blogspot.com/>

Revisionismo deixou de ser crime em Espanha

O Tribunal Constitucional espanhol deliberou que doravante deixa de ser crime o revisionismo ou o negacionismo do holocausto, no rescaldo de um parecer pedido por Pedro Varela, condenado anteriormente por publicar obras revisionistas.

Anteriormente o mero acto de demonstrar publicamente quaisquer dúvidas que pudessem ser entendidas como negacionistas ou revisionistas resultava em pena de 1 a 2 anos de cadeia. A lei anterior:

"A difusão por qualquer meio de ideias ou doutrinas que neguem ou justifiquem os delitos discriminados no artigo anterior, ou pretendam a reabilitação de regimes ou de instituições que defendam práticas que originem os mesmos, serão punidas com pena de prisão de um a dois anos".

O tribunal Constitucional limitou-se meramente em retirar da lei as palavras "neguem ou", mantendo apenas a proibição da justificação de genocídio.

Estamos todos um pouco mais livres, bem haja a honestidade dos elementos do Tribunal Constitucional espanhol, questionamos agora o que será feito relativamente a todos aqueles (sendo Pedro Varela, Gerd Honsik e Ramón Bau apenas alguns deles) que já foram penalizados pela lei que agora deixou de existir?

<http://revisionismoemlinha.blogspot.com>

As origens do "revisionismo histórico"

por **Victor Grinbaum**

Nota Inicial: Há aspectos do artigo seguinte que são muito polémicos, chegam até a roçar a mentira em partes em que afirmam que Chomsky ou José Saramago são negacionistas (quanto a Finklestein não conheço os seus livros e afirmações o suficiente para o defender), mas a "Mídia Sem Mascara" assume-se como "*um website destinado a publicar as idéias e notícias que são sistematicamente escondidas, desprezadas ou distorcidas em virtude do viés esquerdista da grande mídia brasileira*" são por isso anti-esquerdistas. Porque é que eu, sendo esquerdista público um artigo destes, porque acho que o mesmo em si encerra na sua essência grandes e comprovadas verdades, não chego ao exagero de afirmar que o revisionismo é exclusivamente originário da esquerda, mas não obstante esta ressalva uma grande parte do mesmo é. Ainda hoje ouço grandes absurdos e disparates de comunistas e trotskistas acerca destes temas, sobre a Shoa e a sua negação, a sua origem aqui é mais ou menos traçada e este artigo demonstra-o e levanta pistas muito interessantes para quem as quiser investigar.

As origens do "revisionismo histórico"

Resumo: Engana-se quem associa a negação do Holocausto com a extrema-direita. O Revisionismo nasceu entre comunistas e é a esquerda a sua maior propagadora nos dias de hoje.

Em dezembro de 2003, quando saiu finalmente a sentença do Superior Tribunal Federal contra **Sigfried Ellwanger**, toda a imprensa nacional se referiu ao editor gaúcho de livros anti-semitas como "editor de extrema-direita". Para quem não sabe, Ellwanger, também conhecido como **S. E. Castan**, é o proprietário da Editora Revisão, dedicada exclusivamente à publicação de propaganda nazista e de material que nega a matança de milhões de judeus durante a Segunda Guerra Mundial.

Ellwanger e sua editora são adeptos do **Revisionismo Histórico**, um movimento pretensamente acadêmico que se dedica a tentar provar que o Holocausto judeu durante a Segunda Guerra Mundial não passou de uma invenção. Alegam que Hitler e seus asseclas na verdade eram umas flores de bondade e que tudo o que se publica sobre o assunto é parte de uma grande conspiração midiática de dominação mundial por malvados judeus. As "descobertas" (perdoem-me pelo excesso de aspas, mas elas são inevitáveis) seriam fruto de "revisões" de depoimentos e pesquisas, daí eles se chamarem de "revisionistas". **Em resumo, trata-se de uma mixórdia sem nenhuma sustentação histórica, tratada com o devido desprezo por todos os pesquisadores sérios.**

De fato, a associação entre neo-nazismo e extrema-direita é automática e ambas as expressões são encaradas como sinônimos. Até ser processado e condenado em todas as instâncias jurídicas, S. E. Castan agregou em torno de si um pequeno grupo de jovens que agiram em Porto Alegre em pequenos *putches* anti-semitas nos anos 80 e 90. Merece plenamente o epíteto de nazista. Mas o dito "revisionismo" (que eu prefiro chamar de negacionismo), por mais fraudulento e mal intencionado, tem também a sua história. E vale a pena conhecê-la.

A primeira vez em que se publicou material que negava a existência de campos de extermínio erguidos pelos nazistas foi na França, na década de 1950. Não por acaso, a França foi o país que menos lutou contra a ocupação alemã durante a guerra. O Regime de Vichy foi, de fato, cúmplice e voluntário

das barbaridades nazistas e a França fora também o berço do *Affaire Dreyfus* (1), e a terra de **Gobineau** (2) e **Édouard Drumont** (3).

"Franceses nazistas", pensará o leitor a esta altura. Errado. Curiosamente, não foram ex-colaboracionistas os primeiros negacionistas, mas justamente o contrário. **Pierre Guillaume**, militante do grupo trotskista *SOB* ("*Socialismo ou Barbárie*") e posteriormente fundador da dissidência *Pouvoir Ouvrier*, ao lado de **Serge Thion**, proprietário de uma pequena casa editora chamada *La Vieille Taupe* ("*A Velha Toupeira*"), foram os primeiros publicadores de livros anti-semitas baseados nestas teorias negacionistas. A estrela da "*Velha Toupeira*" era um membro da Resistência, **Paul Raissinier**, militante comunista e que usava sua condição como salvo-conduto. [realmente : **Rassinier**]

Raissinier alegava que ao ser capturado pelos nazistas fora testemunha do tratamento dispensado aos seus prisioneiros. E que nunca testemunhara maus tratos a nenhum judeu enquanto esteve preso. Logo, todos os testemunhos que atestavam a matança nos campos de extermínio nazistas seriam falsos. O fato de que foram os soviéticos que primeiro chegaram aos campos e registraram a matança não afetava Raissinier, pois como trotskista ele poderia duvidar dos relatos "stalinistas" do Holocausto. Para os trotskistas franceses, o sionismo era a consolidação dos planos explicitados em *Os Protocolos dos Sábios de Sião*, velha fraude produzida pela polícia secreta czarista e apresentada como uma compilação de "planos judaicos de dominação mundial".

Mas Paul Raissinier não era um caso isolado. Tampouco agia por conta própria. Alguns milhares de quilômetros a Leste da França, mais precisamente em Moscovo, nascia a "sionologia", uma pretensa ciência sócio-política (bem ao gosto marxista) e adotada como política acadêmica oficial na União Soviética, onde as teses negacionistas e conspiratórias eram a base para a produção de farto material anti-Israel.

Em 1963, **Trofim K. Kichko** (posteriormente agraciado com um diploma pelo Partido Comunista da Ucrânia) publicou pela Academia de Ciências da Ucrânia "*O Judaísmo sem Maquiagem*", livro que parte de um trecho de "*Os Protocolos dos Sábios de Sião*" para afirmar que "*o expansionismo e a crueldade israelense estão determinados no Talmude*". Em 1969, Yuri Ivanov publicava "*Cuidado! Sionismo!*", um tosco panfleto onde o sionismo era apresentado como "*uma ideologia de organizações conectadas para a prática política da burguesia judaica e fundada com as esferas monopolistas nos EUA*". A partir do livro de Ivanov, as obras "*sionológicas*" foram consideradas leitura obrigatória na formação de quadros políticos e militares da União Soviética e nos países sob sua esfera de influência. Disseminados pelos formandos da *Universidade dos Povos Patrice Lumumba*, os livros anti-semitas soviéticos formaram gerações de militantes de esquerda que assimilaram e reproduziram a visão expressada pela terceira edição da "*Grande Enciclopédia Soviética*" sobre o sionismo:

"O Sionismo é um postulado reacionário, chauvinista, racista e anti-comunista. A Organização Sionista Internacional é detentora de grandes fundos financeiros monopolistas que influenciam a opinião pública ocidental capitalista e serve como frente avançada do colonialismo".

O rompimento entre os soviéticos e o movimento sionista ocorreu ainda antes da independência do Estado de Israel, em 1948. Josef Stálin desejava desencorajar o sionismo com a criação do Birobidjão, uma república soviética onde os judeus deveriam se instalar e permanecer, sempre tutelados sob a sombra da influência de Moscovo. Stálin também usou o sionismo e a recém fundação de Israel como pano de fundo de seu último grande expurgo, a "*Conspiração dos Médicos*".

Mesmo depois da morte de Stálin, a União Soviética continuou frontalmente anti-Israel, embora o movimento sionista tenha sido majoritariamente formado por militantes socialistas e por pessoas de sólida formação marxista. Após a Guerra dos Seis Dias, em 1967, quando Israel venceu uma coalizão de oito países sob a direta influência política da União Soviética, a sionologia encontrou um território perfeito para se disseminar.

Não é exagero afirmar que o surgimento dos grupos terroristas árabes e a sionologia se retroalimentaram. **Yasser Arafat** foi treinado pelo serviços secretos do leste europeu e **Mahmoud Abbas**, ex-militante do Fattah e atual presidente da Autoridade Palestina, é formado em história pela Escola Oriental de Moscovo e autor de um livro negacionista, publicado em árabe sob o patrocínio soviético na década de 1970.

Uma das táticas mais presentes entre os sionologistas para se respaldarem é a utilização de autores judeus. Já nos anos 60 eram escolhidos membros dos partidos comunistas de origem judaica para emprestarem seus nomes às publicações. Essa prática perdurou e gerou o surgimento de intelectuais de esquerda como **Noam Chomsky** e **Norman Finkelstein**, que sem serem negacionistas seguem a linha mestra da sionologia de demonização do sionismo e da identidade judaica. Curiosamente, até os mais ferrenhos negacionistas citam Chomsky e Finkelstein como fontes para suas

idéias.

O encontro entre negacionistas, comunistas e terroristas que formou a sionologia não impediu que militantes neo-nazistas absorvessem o discurso sionológico. A verdade é que ao se comparar o discurso neo-nazista com o discurso de boa parcela da esquerda não se encontrarão muitas diferenças. O negacionismo e a sionologia fazem parte dos discursos tanto de esquerdistas ilustres, como José Saramago e os já citados Chomsky e Finkelstein, quanto de verdadeiros expoentes da extrema-direita, como Lyndon LaRouche, malgrado seu passado de militante trotskista.

Curiosamente, ultra-direitistas e ultra-esquerdistas colaboram entre si quando o objetivo é o anti-semitismo. Comunistas como Raissinier usam de sua ideologia para separar seu discurso das lembranças nazistas, enquanto os nazistas usam a colaboração de judeus comunistas como salvo-conduto para escaparem da acusação de anti-semitismo.

Seguidores brasileiros de Siegfried Ellwanger mantêm várias páginas eletrônicas onde se encontram links, tanto para sites onde a matança de judeus é exaltada quanto para textos acadêmicos de esquerda onde se pode ver Norman Finkelstein “protestando contra o uso capitalista das indenizações de guerra”. E no meio dessa mixórdia várias “provas” de que não houve nem matança e nem expropriação de bens de judeus. A propósito, Ellwanger nunca se apresentou nem como neo-nazista e nem como esquerdistas.

Mas o maior eco da sionologia pode ser visto hoje nas ações e nos discursos do atual líder iraniano, Mahmoud Ahmadinejad, que declarou em dezembro de 2005 que “o Holocausto é um mito”:

“Fabricaram uma lenda sob o nome de 'massacre dos judeus', e dão mais importância a isso do que a Deus, à religião e aos profetas”.

Ahmadinejad vem afirmando que “a lenda” é o que manteria uma suposta opressão do Ocidente contra os países islâmicos e com isso vem desafiando a comunidade internacional ao fomentar o terrorismo e insistir em adquirir a tecnologia necessária para a construção de armas de destruição em massa. Fora do mundo islâmico, a linha de frente que apóia as reivindicações de Ahmadinejad tem sido – como sempre – a esquerda, cada vez mais encantada pelo discurso sionologista.

No momento em que vemos o empenho de uma boa parcela da opinião pública mundial em atacar Israel enquanto este país se defende das covardes agressões de grupos terroristas, a emergência do discurso negacionista e sionologista demonstra o sucesso que seus criadores obtiveram e como o Terror se aproveita dele. O fato do negacionismo e da sionologia não serem necessariamente uma criação da extrema-direita não anula o fato de que esta também faz uso deles. Mas a ligação automática que mormente se faz é inexata. A negação do Holocausto é criação dos acadêmicos comunistas e é a esquerda a sua maior useira e vezeira nos dias de hoje.

por Victor Grinbaum em 05 de agosto de 2006

Notas do Autor:

(1) O Caso Dreyfus em 1894, foi a falsa acusação que o oficial francês de origem judaica Alfred Dreyfus sofreu de ser espião dos alemães. Baseado em documentos forjados por nacionalistas franceses, um tribunal militar condenou Dreyfus ao degredo na Ilha do Diabo. Graças a uma campanha movida pelo escritor Émile Zola, Dreyfus foi novamente julgado e desta vez inocentado. Foi cobrindo o Caso Dreyfus que o jornalista austríaco Theodor Hertzl criou o Sionismo.

(2) Joseph Arthur de Gobineau (1816 – 1882), escritor e diplomata francês e autor do Tratado sobre a desigualdade das raças humanas, publicado em 1853 e considerado o primeiro livro de teoria racista.

(3) Édouard Drumont (1844 – 1917), autor de *La France Juive* (“A França Judia”), em que defendia a expulsão dos judeus do país, baseado na teoria de que estes seriam conspiradores e traidores anti-nacionalistas. Foi um dos principais propagadores de libelos anti-Dreyfus.

Geosapiens

http://geosapiens.blogspot.com/2007_04_01_archive.html

Dois excertos d"as vitórias do revisionismo" de Robert Faurisson

Em 1982, de 29 de Junho a 2 de Julho, decorreu um simpósio internacional em Paris, na Sorbonne, sob os auspícios de dois historiadores judeus, François Furet e Raymond Aron. De acordo com os organizadores este servia para responder autoritariamente e publicamente a Robert Faurisson e “a uma mão cheia de comunistas libertários” que lhe haviam dado o seu apoio (uma alusão a Pierre Guillaume, Jean-Gabriel Cohn-Bendit, Serge Thion e a alguns outros indivíduos, pensadores livres, alguns deles judeus).

No último dia, numa muito aguardada conferência de imprensa, os dois responsáveis tiveram que admitir publicamente que, “apesar da pesquisa mais académica” não tinha sido encontrada

qualquer ordem por parte de Hitler para assassinar os judeus. Quanto às câmaras de gás, não lhes fizeram qualquer alusão.

Constatação: este simpósio constituiu a primeira tentativa assumida de mostrar ao público em geral que os revisionistas estavam a mentir. Como noutros encontros no mesmo género (de realçar um decorrido em 1987, novamente na Sorbonne) foi barrada a entrada aos revisionistas e, tal como noutros encontros sem qualquer excepção, desfechou-se com um falhanço para os organizadores.

No dia 26 de Abril de 1983, deu-se por encerrado um longo processo por “danos pessoais infligidos através da falsificação da História” (sic), desencadeado notavelmente por organizações judias em 1979. Nesse dia a primeira câmara do Tribunal de Apelos de Paris, secção A da divisão cível, presidido pelo juiz Grégoire, embora emitindo um juízo que me considerava passível de culpa por “danos pessoais”, prestou um sólido tributo no que diz respeito à qualidade do meu trabalho. Deliberou, com efeito, que não era possível detectar nos meus escritos acerca das câmaras de gás **quaisquer traços de brusquidão, nenhuns traços de negligência, nenhuns traços de ter deliberadamente descuidado algo nem quaisquer resíduos de mentira e que, por consequência, “a afirmação do valor das descobertas [acerca das câmaras de gás] defendidas pelo Sr. Faurisson é, portanto, uma questão pertinente apenas aos especialistas, aos historiadores e ao público.”**

Constatação: Se não é possível encontrar no trabalho de um autor que se propõe refutar o caso das câmaras de gás nem qualquer brusquidão, negligência, descuido deliberado, mentiras ou “falsificação”, isso prova que o trabalho em questão é produto de um pesquisador sério, cuidadoso, consciente, correcto e genuíno, prova boa o suficiente para assegurar o direito legal de manter publicamente, como o faz, que as ditas câmaras de gás não passam de um mito.

Publicada por Flávio Gonçalves

http://admiravelmundonovo-1984.blogspot.com/2007_01_01_archive.html

UMA CARTA

QUASE NA VÉSPERA DO GRANDE DIA... hno

Numa nova, mas não inédita campanha, a estafada Organização das Nações Unidas pretende instar os Estados membros a adoptarem medidas de condenação da negação do “holocausto” (que como sabem eles escrevem sempre com maiúscula) sendo esperado que depois de depois de amanhã a mesma seja votada na Assembleia-Geral. Para além de grupos dos “direitos humanos” e confessionais a principal pressão tem vindo do Congresso Judaico Americano (que surpresa...) que escreveu uma carta aos embaixadores nas Nações Unidas. Na referida carta que, dados os motivos aduzidos, bem poderia ter sido enviada ao governo de Israel diz-se que é importante recordar as lições do “holocausto” como “aviso a todos os povos para os profundos perigos do ódio, fanatismo e racismo”.

Genericamente a rejeição da negação do “holocausto” (entenda-se aqui a simples vontade de poder investigar e discutir um facto histórico) e a recomendação de programas “educativos” que ensinem as gerações futuras a aprender devidamente as lições do “holocausto” haviam sido já objecto de uma resolução adoptada em 2005 e que instituiu o dia 27 de Janeiro como o “Dia Internacional de Recordação do Holocausto”... Mas como nem todos os carneiros seguiram o rebanho do pastor David, eis que se volta à carga e as referências à recente conferência no Irão não poderiam ser mais explícitas.

A Conferência de Teerão, o crescimento da “extrema-direita” na Europa (não se questionarão porquê?) e a publicidade em torno dos inaceitáveis casos de prisão de historiadores por delito de opinião em países supostamente democráticos (como a Alemanha e a Áustria, por exemplo, onde é proibido por lei investigar um facto histórico) inegavelmente trouxeram o assunto para a ribalta, sendo para a ONU importante travar esta onda.

O assunto não deixa, porém, de ser controverso. No Reino Unido foram notórios os protestos de organizações muçulmanas á celebração de tal dia, por discordarem do estatuto de exclusividade daquele face a tantos outros genocídios. Claro que rapidamente os justos defensores do “Shoah” explicaram como o deles é único, afinal são eles, e não os demais, os eleitos... A eles queriam varrê-los da face da terra... E aos arménios não? E aos peles-vermelhas? E os membros de determinada classe social? Claro que esses não são judeus e aí, como bem sabemos, é que bate o ponto...

24 JANEIRO 2007

<http://reverentia-lusa.blogspot.com/search/label/Holocausto>

Será Punível estranhar Leis?

por Rainer Daehnhardt

Há países onde a mesma coisa dita por diferentes pessoas pode ter consequências bem diversas. Exemplo disso, foi o que aconteceu recentemente no Processo Zündel, em Mannheim.

«(...) No fim, rejeitou o tribunal todas as defesas com a argumentação (chocante para alguns antifascistas entre o público), que seria completamente irrelevante saber se houve ou não o holocausto. É a sua negação que está sob pena na Alemanha e é apenas isso o que conta perante o Tribunal.» (Fonte: taz.9.2.07; pág. 6)

Quando um juiz diz tal coisa não lhe acontece nada!

Quando o réu diz o mesmo é condenado a cinco anos de prisão!

Quando o advogado de defesa o diz perde o direito a exercer a sua profissão e é acusado do crime de convivência com o pensamento do réu, acabando por ser também condenado a pena de prisão!

A actual liderança da União Europeia pela RFA foi aproveitada pela sua Ministra de Justiça, para tentar impor aos restantes estados-membros uma lei que punisse com cinco anos de prisão quem mostrasse a Cruz Suástica ou tivesse dúvidas sobre o holocausto.

No que diz respeito à Cruz Suástica poucos governos alinharam. A Grã-Bretanha chamou a atenção para seu grande número de hindus, para quem este símbolo é sagrado. Em Portugal, teriam de prender directores de diversos museus, pois este símbolo ancestral encontra-se frequentemente representado na arte da antiga Lusitânia.

Em relação ao "ter dúvidas sobre o holocausto", levou a chanceler alemã a sua vontade política parcialmente avante. Em 28 de Maio de 2007 assinaram os Ministros da Justiça de todos os estados-membros da UE, no Luxemburgo, **uma lei comunitária, que proíbe ter tais dúvidas**. Porém, acrescenta que só é punido quem incentivar ódios ou provocar uso da violência.

O resultado é que na RFA, na Áustria e na França vai para a prisão quem colocar a questão sobre qual das sentenças jurídicas acerca do Campo de Maidanek é válida (um dos processos concluiu que houve, outro que não houve). A simples pergunta é considerada (nestes países), uma revelação de ódio, tornando-a num crime.

Agora discute-se se o simples estranhar de leis já devia ser punível ou não!

Todos os países possuem, pelo menos, algumas leis facilmente consideráveis como "estranhas", e podiam, pelo seu simples reconhecimento aprisionar as suas populações!

Um bom exemplo disso mesmo é uma lei americana (ainda em vigor), que pune com um ano de prisão e uma multa sempre superior a US \$ 5.000, quem permita que um extra-terrestre entre em sua casa! (Fonte: *Die Welt*, Hamburgo; 8.12.

http://www.grifo.com.pt/index.php?option=com_content&task=view&id=158&Itemid=52

PALAVRAS A RETER

Da contracapa do livro que ontem vos recomendei...

Entre todas as nações ocidentais, a França torna-se singular pelo número das suas leis "memorialistas". Desde a lei Gayssot, votada em 1990 para punir o negacionismo, o Parlamento promulgou de tempo a tempo leis relativas ao genocídio arménio, ao tráfico negreiro transatlântico e depois à colonização. Singular dispositivo legislativo, sem precedentes, que transforma os julgamentos históricos em delitos! Com objectivos certamente honrosos, os deputados abriram o que se revela ser uma terrível **caixa de Pandora**. Em breve assistiremos aos investigadores a escolherem os seus temas de investigação em função da sua inoquidade?

Como aqui chegamos? De que complexas transformações da memória nacional tal resultou? As democracias compassionais em que se transformaram as nossas sociedades quererão realmente um futuro ou a verdade será proclamada pelo Estado?

A comunidade dos historiadores comoveu-se legitimamente de tal situação. Assim René Rémond tomou a liderança de uma associação que reclama a **abolição de todas as leis memorialistas**.

IMBECIS

Francês é condenado a um ano de prisão por questionar o Holocausto

SAVERNE, França (AFP) — Um francês de 38 anos foi condenado nesta quinta-feira a um ano de prisão por ter questionado a existência do Holocausto em panfletos distribuídos por toda a França.

Vincent Reynouard, que é engenheiro químico, também foi condenado a uma multa de 10.000 euros e 3.300 euros por perdas e danos às partes querelantes.

Essa é uma das condenações mais severas aplicadas até hoje na França por textos ou declarações deste teor, conhecidas como "revisionistas".

Reynouard foi julgado por ter escrito e enviado em 2005 a escritórios locais de turismo, museus e municipalidades em toda a França, em particular na região da Alsácia (leste), um panfleto de 16 páginas intitulado "Holocausto? O que escondem".

O texto considerava "impossível" e qualificava, entre outros termos, de "velho tema propagandístico", o extermínio de seis milhões de judeus entre 1940 e 1945.

Em 1996, Reynouard havia sido condenado a três meses de prisão e a uma multa, por atos semelhantes. Na ocasião, ele assumiu a autoria dos textos, mas afirmou que não havia distribuído os panfletos.

O francês também havia explicado que "estar perante um tribunal não lhe impediria de continuar escrevendo" sobre o revisionismo.

"Há 15 anos que o faço e não vou deixar de fazê-lo agora. Dizer o contrário seria considerar que vocês são imbecis", declarou aos juízes.

2007/11/08

<http://afp.google.com/article/ALeqM5i4jB6LlhbWY0sfqda7IFFc6-1AFw>

Crime contra a liberdade de expressão.

Vincent Reynouard, jovem historiador gaulês, foi condenado por um tribunal da República Francesa a **um ano de prisão efectiva** por ter ousado colocar em causa, entenda-se, transmitir uma opinião distinta, a historiografia oficial sobre um episódio da II Guerra Mundial denominado Holocausto.

Acusado de ser o autor de um panfleto intitulado *Holocauste ? Ce que l'on vous cache*, Reynouard foi, contudo, considerado pela tirania do pensamento único como sendo moralmente responsável (!) pela difusão do referido texto.

Não interessando para o caso questionar a culpabilidade de Vincent Reynouard, ou a ausência da mesma, é a iniquidade de uma lei que permite sentenciar uma pessoa a quem se procura legalmente vedar a liberdade de se expressar livremente que me faz estas linhas redigir. Não consigo dissimular uma intensa perplexidade, mesclada com um angustiado sentimento de revolta, ao assistir a condenação após condenação de historiadores, ou não historiadores, apenas e somente porque cometeram a heresia de tocar num assunto tornado tabu, e judicialmente vigiado e protegido (como se a verdade necessitasse de ser protegida) nas sociedades europeias actuais, isto é, defender a não ocorrência de um determinado evento histórico conforme este é propalado por alguns, ou simplesmente por se procurar subtrair algarismos nos números de vítimas desse pretenso acontecimento, sobretudo quando se tem em mente que a adição de algarismos e a sua vulgar extrapolação mediática não são objecto de idêntica criminalização. Uma França que se afirma democrática, que declara ser portadora dos altos valores culturais da Europa, deixou uma outra vez bem vincado que a liberdade de expressão é um conceito volúvel e juridicamente sujeito a distintas interpretações e que na República Francesa a sua existência e aplicação são uma realidade, ainda que exclusivamente para as opiniões permitidas. Uma prova de que **aquilo que por vezes é legal não é legítimo e o que é legítimo por vezes não é legal.**

Torna-se imperioso recordar que, paradoxalmente, foi na França, mais precisamente na cidade de Paris, que a 10 de Dezembro de 1948 foi adoptado pela Assembleia Geral da ONU a Declaração Universal dos Direitos Humanos, cujo artigo 19 reza assim:

Todo o indivíduo tem direito à liberdade de opinião e de expressão, o que implica o direito de não ser inquietado pelas suas opiniões e também o direito de procurar, receber e distribuir, sem consideração de fronteiras, informações e ideias, por qualquer meio de expressão.

Novembro 8, 2007

<http://arqueofuturista.wordpress.com/2007/11/08/crime-contra-a-liberdade-de-expressao/#more-350>

UM VERDADEIRO GENOCÍDIO

"Outras Perdas"

Adaptação livre baseada no livro «Outras Perdas», de **James Bacque**, por PTNS

Em finais de Abril de 1945, já há muito o destino da Segunda Guerra Mundial havia sido traçado. O trovejar da artilharia, dava lugar na maior parte da frente ocidental, ao arrastar de milhões de pares de botas das colunas de soldados alemães desarmados, que extenuados, marchavam em direcção aos recintos de arame farpado dos Aliados. Estas rendições em massa no ocidente, contrastavam com os derradeiros combates na frente oriental, onde unidades sobreviventes da Wehrmacht, continuavam a combater o avanço do exército vermelho, de modo a permitir que o maior número possível de camaradas escapasse aos Russos.

Tratava-se da estratégia final do Alto Comando alemão, sob as ordens do almirante da Armada, Karl Doenitz, estratégia essa que equivaleria a confiar milhões de soldados alemães aos aliados ocidentais, que se esperavam vir a ser mais clementes, encontrando-se estes sob a chefia do comandante militar supremo, o general Dwight Eisenhower.

Seria no entanto uma esperança desesperada, dado o feroz e obsessivo ódio do general Eisenhower não só a tudo o que estivesse ligado ao regime nazi, como aliás a tudo o que fosse alemão.

Mais de cinco milhões de soldados alemães, viram-se assim encurralados em cárceres de arame farpado, na sua maioria a acotovelarem-se uns aos outros, onde o solo em que pisavam, cedo se tornaria num atoleiro de imundices e doenças. Expostos a duras condições climatéricas, sem disporem de instalações sanitárias e subalimentados, os prisioneiros cedo começaram a morrer de inanição e de doenças. Cerca de um milhão de homens viriam a ser aniquilados indiferentemente pelos exércitos dos EUA e da França, a maioria em campos americanos. Este hediondo e atroz crime de guerra veio à luz em 1986, quando as primeiras pistas foram desvendadas por James Bacque, autor do livro *Outras Perdas* (de onde foram retirados os dados deste artigo), juntamente com a sua assistente. Durante a investigação de um livro sobre Raoul Laporterie, um herói da resistência francesa, entrevistaram um antigo soldado alemão, Hans Goertz, que fora salvo por Laporterie de um campo de prisioneiros francês em 1946. Goertz declarou: «Laporterie salvou-me a vida, porque 25 por cento dos homens daquele campo morreram no espaço de um mês.» De que haviam eles morrido? «De fome, desinteria e doença».

James Bacque ao consultar os registos do campo em que Goertz havia estado preso, descobriu que fazia parte de um grupo de três campos integrados num sistema de mil e seiscentos, conforme figuram em relatórios do CICV (1) existentes nos arquivos de Vincennes do exército francês, em Paris. Bem cedo depararia com as primeiras provas irrefutáveis de mortes em massa ocorridas em campos controlados pelos EUA. Estas constavam em relatórios do exército, eufemisticamente arroladas de "Outras perdas". O terrível significado deste termo foi rapidamente explicado a Bacque pelo coronel Philip S. Lauben, antigo chefe do departamento de assuntos alemães do SHAEF (2), com base no seu conhecimento directo. «Outras Perdas» significava mortes e fugas. Na Primavera de 1987, James Bacque trabalhou com o Dr. Ernest F. Fischer Jr., Coronel do exército dos EUA (reformado) no Arquivo Nacional e na fundação George C. Marshall na Virgínia, onde juntaram as peças das provas que haviam desvendado: Os planos delineados ao mais alto nível dos governos dos EUA e da Grã-Bretanha em 1944, que expressavam a determinação de destruir de uma vez por todas a Alemanha

como potência mundial, reduzindo-a a uma economia rural, ainda que isso significasse a fome para milhões de civis! Ainda hoje, os historiadores são unânimes em considerar que tais planos de destruição foram postos de parte, tão-somente devido à resistência pública.

O ódio de Eisenhower, juntamente com a complacente burocracia militar, deu origem ao horror dos campos de morte que não encontram paralelo na história militar americana. A indiferença revelada pelos oficiais do SHAEF perante as catastróficas consequências desse ódio constitui o mais doloroso e impressionante aspecto deste verdadeiro genocídio!

De modo a termos uma ideia da dimensão de tal horror, tão só podemos atentar no facto de que as mortes ocorridas nos campos de concentração aliados excederam em muito o total de baixas sofridas pelo exército alemão no Ocidente entre Junho de 1941 e Abril de 1945.

DECIDINDO O FUTURO DA ALEMANHA - O PLANO MORGENTHAU

À medida que os tanques do general Eisenhower se aproximavam da cidade de Aachen, na parte ocidental da Alemanha e os exércitos canadiano e britânico avançavam estrondosamente para nordeste, percorrendo os Países Baixos, Henry C. Morgenthau, secretário do Tesouro dos EUA durante a Segunda Guerra Mundial e Lorde Cherwell, o principal conselheiro de Churchill, encontraram-se para discutir o futuro da Alemanha, uma vez atravessada a fronteira do país pelos Aliados.

A ideia firme apresentada por Morgenthau, apontava para a «pastoralização» da Alemanha, mediante a destruição da respectiva indústria e das minas, tornando a mais adiantada das nações industrializadas do mundo numa imensa herdade. A indústria alemã desenvolvera-se em parte, para custear as importações de alimentos destinados a uma população que não possuía terra suficiente para se alimentar. Sendo assim, caso a base industrial fosse destruída, haveria fome generalizada. Segundo Cordell Hull, o secretário de Estado na presidência de Roosevelt, «o plano Morgenthau arrasaria tudo na Alemanha excepto a terra, e os alemães teriam que viver da terra. Isto significava que apenas 60 por cento da população alemã poderia sustentar-se da terra alemã, enquanto os restantes 40 por cento morreriam.» Hull refere-se pois à morte de cerca de 20 milhões de civis alemães. Por outro lado, e de modo a obter o consenso de Churchill, Morgenthau expôs que, se a indústria alemã fosse destruída, novos mercados se abririam aos produtos britânicos e a concorrência relativamente aos recursos diminuiria. Tudo isto seria verdade para os americanos e bem assim para os franceses.

Morgenthau argumentou que os alemães morreriam à fome. No seu livro *Germany is our Problem*, publicado em 1945 com a aprovação de Roosevelt, Morgenthau escreveu que a Alemanha de antes da guerra produzia, em relação ao respectivo consumo, 98,2 por cento da farinha, toda a batata e todo o açúcar, 92,3 por cento dos legumes, 96,7 por cento da carne e criação e todo o leite. Com a proposta da reorganização das fronteiras, apenas se perderia, em média, cerca de 14 por cento dessa produção. O argumento económico convenceu Churchill, que tomou o partido de Morgenthau e de Cherwell.

A imprensa e a opinião pública, logo evidenciaram o seu poder, à medida em que o caso começava a ser divulgado.

Tal como Hull havia suposto, a reacção do público, foi na sua quase totalidade de oposição a qualquer vingança. Drew Pearson do *Washington Post*, Arthur Krock do *New York Times*, e muitos outros revelaram aspectos do plano, acrescidos de efervescentes pormenores sobre a controvérsia que grassava nas antecâmaras do poder.

O Pioneer Press de St. Paul, no Minnesota, arrasou eloquentemente a ideia em sete parágrafos que principiavam deste modo: «O Presidente Roosevelt tem uma certa propensão para ser sinuoso e impostor nas suas declarações, no intuito de escamotear erros.» O presidente tentara enganar a imprensa e o público sobre o desvendado Plano Morgenthau, através da publicação de uma carta sobre outro assunto revelando que aquele não constituía política oficial. E o jornal prosseguia: «O mundo sabe que Herr Goebbels teve o cuidado de fazer com que o plano chegasse aos ouvidos de todos os alemães. Eis, explicou ele, o que podemos esperar em caso de derrota. É isto que os EUA projectam fazer da Alemanha... Era por esta altura que o general Eisenhower distribuía folhetos através da Alemanha prometendo que não haveria represálias contra pessoas inocentes... A contrapropaganda mais eficiente foi dada de mão beijada a Goebbels.» E o jornal concluiu: «Dado que ele [Eisenhower] exerce a autoridade de ocultar os factos, a sua afirmação não pode ser desmentida... [mas] foi obrigado a repudiar [o plano].»

Estaline concordou com o Plano Morgenthau tal como Churchill o delinear a em meados de Outubro em Moscovo. Como disse Churchill, «a intenção da Rússia de retirar maquinaria alemã harmonizava-se com o interesse da Grã-Bretanha em preencher o vazio deixado pela Alemanha. Tratava-se de mera justiça.» Roosevelt, por seu lado, dizia estar inflexível e determinado a aplicar essa inflexibilidade à Alemanha.

Aquando do encontro dos três dirigentes aliados em Ialta, havia já partes significativas da Alemanha em poder dos Aliados e em ambas as frentes procedia-se às primeiras grandes capturas de

elementos do destroçado exército alemão. Muitas centenas de milhar de alemães encontravam-se já em campos de prisioneiros aliados no ocidente.

Tinha-se decidido que os exércitos aliados ficariam inicialmente a dirigir a Alemanha, mas não havia nenhuma orientação política clara a esse respeito. Eisenhower limitava-se a dizer vagamente que os «trataria [aos alemães] com dureza».

Por esta altura algumas autoridades começavam já a falar do perigo de uma «Carência Alimentar Mundial», que poderia criar um clima de instabilidade por toda a Europa. Em Fevereiro de 1945, o brigadeiro-geral T. J. Davis, avisou Eisenhower de que «não era possível satisfazer os pesados compromissos em matéria de provisões decorrente da concessão [aos prisioneiros] dos estatuto de POWs (3).» Em Abril, Sam Rosenman, um velho amigo do presidente Roosevelt encarregado por este para estudar a situação alimentar do mundo, comunicou ao presidente que «no futuro imediato, o factor limitativo será a falta... de provisões, e não de meios de transporte.» E acrescentava misteriosamente: «Não serão pedidas nem distribuídas provisões pelo SHAEF a menos que urja fazê-lo por motivos de necessidade militar.» Aqui residem dois mistérios. Um, é a insinuação anteriormente rejeitada de que havia na verdade alimentos suficientes para todos os civis, excluindo os alemães, e o outro é a expressão «necessidade militar» aplicada a civis na Alemanha do pós-guerra. Aqui Rosenman, assim como Roosevelt e Eisenhower, pensa obviamente na possibilidade da inanição provocar um clima de instabilidade entre os civis alemães, o que obrigaria à repressão pelo exército. No que toca às razões atribuídas aos civis alemães, o perigo era de facto visível... para estes, a quantidade máxima de alimentos de todas as proveniências «será de aproximadamente 1.500 calorias por cabeça e por dia». Segundo diversos especialistas, o mínimo de calorias requeridas que possibilitem manter a vida a um adulto deitado e sem desenvolver qualquer esforço para além dos cuidados pessoais, varia entre as 1.800 e 2.250 calorias por dia!

A Noção de uma carência alimentar mundial, foi divulgada pela primeira vez no Norte de África, em 1943, pelo general Everett S. Hughes, velho amigo de Eisenhower, nomeado assistente especial do mesmo. Em Abril de 1945 escreveu: «Começa a falar-se de uma carência alimentar mundial. Eu falei dela há muito. Começou no NA [Norte de África].»

Na altura e mesmo depois, a carência não poderia ter sido de alimentos. No território anteriormente conhecido como Alemanha Ocidental, a população em Maio de 1945 era inferior em 4 por cento aos valores que tinha no mesmo território em 1939, embora estivesse a aumentar diariamente devido ao influxo de refugiados vindos do leste. Havia mesmo muito mais trigo disponível no território formado pela Alemanha Ocidental, França, Grã-Bretanha, Canadá e EUA no seu conjunto, do que a mesma área física possuía em 1939. Isto devia-se ao facto de o aumento da produção de trigo na América do Norte e no Reino Unido compensar largamente a quebra de produção na Alemanha Ocidental e na França. No final das colheitas de 1943-44 e 1944-45, os excedentes de trigo do Canadá ultrapassavam os 440 milhões de alqueires. Nos Estados Unidos, também se verificava grandes excedentes de milho. Apenas a produção da batata diminuía relativamente pouco no conjunto daquele território, sendo que essa diminuição tinha sido principalmente causada por uma quebra de 30 por cento, em 1945, na zona ocidental da Alemanha. Não obstante, em França, a produção de trigo excedeu em 500 mil toneladas o consumo. Tal como Churchill observara a Roosevelt em Março de 1945, não existia nenhuma carência geral de trigo, embora grande parte da população europeia tivesse falta de açúcar, carne e algumas gorduras. À escala mundial, a produção de alimentos relativa à colheita de 1945-46, expressa em calorias per capita, representava 90 por cento da média registada em 1935-39, de acordo com os dados fornecidos pelo gabinete de Relações Agrícolas Externas dos EUA em Outubro de 1945.

Já no mesmo mês de Março, uma mensagem originada e rubricada por Eisenhower, propunha um surpreendente desvio à Convenção de Genebra. Esta medida passava pela criação de uma nova categoria de prisioneiros que não seriam alimentados pelo exército após a rendição da Alemanha. A mensagem, datada de 10 de Março, reza o seguinte: «Embora haja a intenção de atribuir às autoridades alemãs a responsabilidade pela alimentação e manutenção de todos os prisioneiros de guerra aliados [ou seja, os alemães em poder dos aliados] e pessoas deslocadas, é de prever que, na situação de caos que provavelmente sobrevirá, isso exceda as suas capacidades, vendo-se os aliados confrontados com a necessidade de fornecer grandes quantidades de alimentos até ao seu repatriamento. Se os elementos das Forças Armadas alemãs fossem considerados prisioneiros de guerra, devendo como tal receber rações equivalentes às das tropas das bases, as obrigações adicionais em termos de manutenção excederiam também largamente as capacidades dos aliados, mesmo que todas as fontes alemãs para isso fossem canalizadas. Além disso, seria indesejável que as Forças Armadas recebessem rações superiores àquelas que se dispõe para a população civil.» Sendo assim, esta medida decretava que todos os prisioneiros feitos após o Dia VE (4) seriam designados «forças inimigas desarmadas» (DEF (5)), as quais «até à desmobilização seriam administradas e mantidas pelo exército alemão sob supervisão das forças aliadas.» A mensagem terminava assim: «Submete-se o

assunto à sua consideração. Os planos existentes foram elaborados segundo estes pressupostos.»

A CRUELDADE DOS VENCEDORES

Em resposta à mensagem de Eisenhower, o CCS (6) aprovou o estatuto de DEF apenas para prisioneiros de guerra em poder dos americanos. Os membros britânicos do CCS haviam recusado adoptar o plano americano para os seus próprios prisioneiros. As principais condições que Eisenhower havia estabelecido eram as seguintes:

«B) Os alemães são responsáveis pela alimentação e manutenção das tropas alemãs desarmadas.

C) O procedimento adoptado não se aplicará a criminosos de guerra nem a outras categorias de pessoal alemão procurado nem a outras pessoas localizadas no seio das Forças Armadas Alemãs e retidas por questões de segurança. Dever-se-á continuar a proceder à detenção de todas as pessoas suspeitas como criminosos de guerra ou por questões de segurança militar e não como prisioneiros de guerra. Estas serão alimentadas, alojadas e em geral administradas pelas Forças Aliadas. As autoridades alemãs não exercerão qualquer controlo sobre elas.

D) Não deve haver declarações públicas acerca do estatuto das Forças Armadas Alemãs ou das tropas desarmadas.»

Segundo esta mesma disposição, a contravenção à Convenção de Genebra foi mantida secreta. Quanto ao segundo parágrafo da mensagem, esta refere que: «É acrescentada a seguinte declaração dos Chefes de Estado-Maior Britânicos: Se o Reino Unido decidir que requer mais prisioneiros de guerra... esse pessoal não deverá ser por isso incluído na categoria de tropas desarmadas.» O último parágrafo acrescenta: «Subentende-se que não haverá, por parte desse lugar, a declarar mais prisioneiros de guerra após a derrota... para satisfazer os requisitos de mão-de-obra do SHAEF fora da Alemanha.»

No mesmo documento, pode-se destacar a recusa em concordar com os americanos sobre a política de DEF, o que constitui um surpreendente desvio em relação à cooperação que até então tinha existido entre os aliados. A fim de partilharem a carga de uma forma equitativa, os britânicos eram obrigados a aceitar prisioneiros de guerra americanos. A recusa prévia dos prisioneiros seria algo insultuoso, caso os americanos não tivessem concordado previamente que os Britânicos tinham justificação para o fazer. Na verdade, os americanos sabiam tão bem quanto os britânicos que quaisquer alemães submetidos ao rótulo de DEF, não estariam decerto em condições de trabalhar. O mais provável era que estivessem à morte.

Os discordantes britânicos decidiram não empregar o termo americano DEF para quaisquer prisioneiros que soubessem não poder tratar de acordo com as normas estipuladas pela Convenção de Genebra. Decidiram pois utilizar o termo SEP (7) (Pessoal inimigo sob rendição) para distinguir os seus POWs pós-rendição dos outros.

No entanto, não existia esta discordância relativamente a certos prisioneiros de valia, como criminosos de guerra, espões e cientistas de elevada tecnologia que os americanos e os britânicos estavam decididos a deixar viver. Estes eram apelidados de «desejados», para os distinguir dos outros, os «não desejados». Obviamente que estes prisioneiros desejados não eram incluídos na categoria de DEF. Ao invés eram alimentados, alojados e em geral administrados pelas Forças Aliadas. Esta ordem não só contribuía para isolar os suspeitos num local para posterior julgamento, como também os resguardavam das condições de miséria a que estavam sujeitos os prisioneiros DEF. Como as atenções se concentrariam em personalidades distintas (como Rudolf Hess ou Herman Goering), era imprescindível que estes não se mantivessem entre os prisioneiros DEF. Um dos factos que corrobora as condições desumanas que existiam nos campos de DEF era demonstrado pela ordem dos Chefes de Estado-Maior a Eisenhower no sentido de «não deverem ser feitas declarações públicas relativamente ao estatuto das forças armadas alemãs ou das tropas desarmadas.» Não havia, no entanto, grande necessidade de esta ordem ser dada. Eisenhower estava já a mentir descarada e hipocritamente à opinião pública acerca dos planos relativamente aos prisioneiros. Numa conferência em Paris, disse: «Se os alemães estivessem a raciocinar como seres humanos, aperceber-se-iam de que toda a história dos Estados Unidos e da Grã-Bretanha é de generosidade para com o inimigo derrotado. Nós acatamos todas as leis da Convenção de Genebra.»

A Convenção de Genebra, que o Governo dos EUA e o exército americano repetidamente diziam observar, conferia três importantes direitos aos prisioneiros. Estes eram:

- Serem alimentados e alojados de acordo com os mesmos padrões que as tropas de base ou de depósito da potência captora. (Neste caso os EUA.)

- Poderem expedir e receber correspondência.

- Terem o direito a ser visitados por delegados do Comité Internacional da Cruz Vermelha (CICV), que depois faria um relatório em segredo à potência protectora (o governo alemão) e às autoridades americanas. Em caso de abusos, a potência protectora podia ameaçar torná-los públicos

ou promover retaliações.

Notas:

[1] Comité Internacional da Cruz Vermelha, sedado na Suíça, que representava os ideais da Cruz Vermelha e era detentor do mandato da Cruz Vermelha ao abrigo da Convenção de Genebra.

[2] (Supreme Headquarters, Allied Expeditionary Force) Comando Supremo da Força Expedicionária Aliada. Organização de comando de todos os exércitos aliados no noroeste da Europa (excluindo a Itália) até 14 de Julho de 1945. Após essa data, o exército dos EUA foi organizado apenas como USFET e o britânico como o 21º Grupo do exército (mais tarde Exército Britânico do Reno, ou BAOR).

[3] (Prisoners of War) Prisioneiros de guerra, supostamente protegidos pela Convenção de Genebra. Determinados documentos utilizam a abreviatura PW.

[4] Dia da Vitória na Europa a 8 de Maio de 1945.

[5] (Disarmed Enemy Forces) Forças Inimigas Desarmadas. Determinados prisioneiros alemães em poder do exército dos EUA no noroeste da Europa. Não eram tratados de acordo com a Convenção de Genebra.

[6] (Combined Chiefs of Staff) Estado-Maior Combinado da Grã-Bretanha e dos EUA. O Canadá era representado pelos britânicos.

[7] (Surrendered enemy personnel) Pessoal inimigo sobre rendição. Termo utilizado pelos britânicos e canadianos para designar os prisioneiros de guerra alemães aos quais não tencionavam dispensar um tratamento conforme a Convenção de Genebra da qual eram signatários.

Colocado em Geral às 19:16 de Segunda 22 Maio por causanac

Causa Nacional / Biblioteca d'Arquivo nacionalista
<http://www.causanacional.net/index.php?itemid=145>

SEPARADOS

A colaboração entre o sionismo e o Nacional-Socialismo

Tradução de um artigo original francês não assinado

No início de 1935, uma embarcação lotada de passageiros, com destino a Haifa, na Palestina, deixou o porto alemão de Bremenhaven. Na sua popa estava gravado o seu nome em caracteres hebraicos: "Telavive", enquanto que uma bandeira com a cruz suástica ondulava na parte superior do mastro. Embora a embarcação fosse propriedade sionista, o seu capitão era um membro do Partido Nacional-Socialista. Numerosos anos depois, um antigo passageiro dessa embarcação designou esta associação de símbolos "um absurdo metafísico". Absurdo ou não, trata-se de um capítulo pouco conhecido da história: a colaboração de grande amplitude entre o sionismo e o III Reich hitleriano.

Durante os anos 30, os judeus sionistas e os alemães nacional-socialistas compartilharam pontos de vista similares quanto à "questão judaica". Estavam de acordo quanto ao facto dos judeus e dos alemães serem duas nacionalidades diferentes. Os judeus que viviam no Reich não eram considerados como "alemães de confissão judaica", mas antes como membros de uma comunidade nacional distinta. O sionismo (nacionalismo judaico) implicava também a obrigação para os judeus sionistas de estabelecerem-se na Palestina, a "pátria judaica".

A única solução para os judeus, dizia Theodor Herzl (1860-1904, fundador do sionismo moderno), é reconhecer a realidade e viver num Estado separado. "A questão judaica existe onde quer que vivam judeus em número importante", escrevia na sua obra mais conhecida, "O Estado Judaico". A questão judaica, afirmava, não é nem social nem religiosa. "É uma questão nacional. Para a resolver, devemos sobretudo lançar uma questão internacional..." Qualquer que seja a sua nacionalidade, insistia Herzl, os judeus não constituem simplesmente uma comunidade religiosa, mas uma nação, um povo, um "Volk". O sionismo, escrevia Herzl, "propunha ao mundo a solução para a questão judaica".

Seis meses após a chegada de Hitler ao poder, a Federação Sionista da Alemanha (de longe o grupo sionista mais importante do país), apresentou ao novo governo um memorando detalhado no qual se fazia o ponto da situação sobre as relações germano-judaicas e propunha formalmente o apoio sionista para resolver a "questão judaica". A primeira etapa, sugeria o documento, devia ser um honesto reconhecimento das diferenças nacionais fundamentais:

- O sionismo julga que o renascimento da vida nacional de um povo que está actualmente realizar-se na Alemanha, pelo despertar da sua identidade cristã e nacional, deve também ocorrer no grupo nacional judaico. Para o povo judaico também, a origem nacional, a religião, o destino comum e o sentido da sua unicidade, devem ser de uma importância decisiva para a continuidade da sua

existência. Isso significa que o egoísmo individualista da Era liberal deve ser ultrapassado e substituído pelo sentido da comunidade e da responsabilidade colectiva...

- O nosso reconhecimento da nacionalidade judaica reclama uma relação clara e sincera com o povo alemão e as suas realidades nacionais e raciais. Precisamente porque não desejamos falsificar estes fundamentos, porque também somos contra os casamentos mistos e para a manutenção da pureza do grupo judaico, e rejeitamos qualquer intromissão no domínio cultural, podemos – uma vez que crescemos na língua e cultura alemãs – encontrar interesse nos trabalhos e valores da cultura alemã, com admiração e simpatia...

- Pelos seus objectivos práticos, o sionismo espera ser capaz de obter a colaboração mesmo de um governo fundamentalmente hostil aos judeus, porque para resolver a questão judaica os sentimentos não contam, mas só um real problema cuja solução interessa a todos os povos e actualmente, e particularmente, ao povo alemão...

O jornal da Federação, o "*Jüdische Rundschau*" ("Revista Judaica"), proclamou a mesma mensagem: "O sionismo reconhece a existência de um problema judaico e deseja uma solução construtiva e a longo prazo. Posto isto, o sionismo deseja obter o apoio dos povos, quer sejam pró ou anti-judaicos, porque do seu ponto de vista, temos em conjunto que resolver um problema concreto mais do que sentimental, cuja solução interessa a todos os povos."

O governo de Hitler apoiou vigorosamente o sionismo e a emigração judaica para a Palestina de 1933 a 1940-41, sendo que a II Guerra Mundial impediu uma colaboração acentuada.

Mesmo quando o III Reich se fechou mais e endureceu as suas leis, numerosos judeus alemães, provavelmente uma maioria, continuaram a considerar-se, frequentemente com um grande orgulho, como alemães acima de tudo. Pouco se deixaram entusiasmar pela perspectiva de abandonar o solo alemão para começar uma nova vida na remota Palestina. Contudo, o número de judeus alemães a converterem-se ao sionismo durante este período aumentou exponencialmente. A divulgação do bimensal da Federação Sionista "*Jüdische Rundschau*" também cresceu imensamente. Numerosos livros sionistas foram publicados. "A actividade sionista estava em pleno desenvolvimento" na Alemanha durante estes anos, nota a *Enciclopédia Judaica*. Uma convenção sionista celebrou-se em Berlim em 1936, reflectindo "na sua composição a vida vigorosa do partido dos sionistas alemães".

O oficial SS Leopold von Mildenstein e o representante da Federação Sionista Kurt Tuchler partiram juntos para a Palestina por seis meses, a fim de avaliar o desenvolvimento do sionismo neste território. Baseando-se nas suas observações em primeira-mão, Von Mildenstein escreveu uma série de doze artigos ilustrados no importante diário berlinense *Der Angriff* [o jornal lançado por Goebbels em 1927, N. do T.], que foram publicados no fim de 1934 sob o título "Um nazi viaja à Palestina". Um lar nacional judaico na Palestina, escrevia no seu último artigo, "mostra a via para curar uma ferida velha de vários séculos sobre o corpo do mundo: a questão judaica".

Uma das mais importantes companhias marítimas alemãs abriu uma linha directa entre Hamburgo e Haifa na Palestina, em Outubro de 1933.

Como escreveu o escritor americano Francis Nicosia no seu estudo de 1985, *O Terceiro Reich e a questão na Palestina*: "Os sionistas foram encorajados a emitir a sua mensagem à comunidade judaica, a recolher dinheiro, a passar filmes sobre a Palestina, e geralmente a educar os judeus alemães a propósito da Palestina. Houve uma pressão considerável para ensinar aos judeus na Alemanha a cessar de se identificarem como alemães e despertar neles uma nova identidade nacional judaica."

Após o Congresso do Partido Nacional-Socialista em Setembro de 1935, o Reichstag adoptou as leis ditas "de Nuremberga", que proibiam os casamentos e as relações sexuais entre judeus e alemães, proclamando que os judeus eram uma minoria nacional estrangeira.

O especialista dos Negócios Judaicos do Ministério do Interior, o Dr. Bernhard Lösener, exprimiu o seu apoio ao sionismo num artigo que apareceu numa edição de Novembro de 1935 do boletim oficial da Administração do Reich: "Se os judeus tivessem já o seu próprio Estado no qual a maioria deles estivesse instalada, então a questão judaica poderia ser considerada como completamente resolvida hoje, e também para os próprios judeus." A mais fraca oposição às ideias contidas nas leis de Nuremberga encontrou-se nos sionistas, uma vez que estes imediatamente compreenderam que estas leis representam as únicas soluções correctas para o próprio povo judaico. Pois cada nação deve ter o seu próprio Estado como expressão externa do seu próprio espírito nacional."

O apoio alemão ao sionismo foi limitado a um apoio para um lar judaico na Palestina, sob controlo britânico, e não para um Estado judaico soberano.

Um Estado judaico na Palestina, declarou o Ministro [alemão] dos Negócios Estrangeiros a diplomatas em Junho de 1937, não seria do interesse da Alemanha porque não seria capaz de absorver todos os judeus do mundo, mas serviria apenas como uma base de poderio suplementar para o judaísmo internacional, mais ou menos da mesma maneira que Moscovo servia como base para o Comunismo Internacional.

O Ministério de Economia do Reich ajudou a organizar uma companhia de transferência, a Agência de Investimento e de Comércio Internacional, ou Intria, pela qual os Judeus dos países estrangeiros podiam ajudar os judeus alemães a emigrar para a Palestina. Quase 900.000 dólares foram transferidos pelos judeus alemães na Palestina através do Intria. Outros países europeus, impacientes em incentivar a emigração judaica, concluíram acordos com os sionistas. Em 1937 a Polónia autorizou [a criação] da companhia de transferência Halifin (palavra hebraica para “troca”). No fim do Verão de 1939, a Checoslováquia, a Roménia, a Hungria e a Itália haviam assinado acordos similares. O desencadeamento da guerra em Setembro de 1939, impediu contudo a aplicação a grande escala destes acordos.

Entre 1933 e 1941, cerca de 60.000 judeus alemães emigraram para a Palestina com a ajuda do Haavara e de outros acordos germano-sionistas, ou seja mais ou menos 10% da população judaica da Alemanha de 1933. (Estes judeus alemães formavam cerca de 15% da população judaica da Palestina em 1939.) Certos emigrantes do Haavara transferiram fortunas pessoais consideráveis da Alemanha para a Palestina. Como notou o historiador judaico Edwin Black: “muitas destas pessoas, especialmente no fim dos anos 30, puderam transferir verdadeiras contrapartes das suas casas e das suas fábricas, ou seja quase refazer a sua vida de forma idênticas ao que tinham anteriormente”.

O historiador Edwin Black estimou que 70 milhões de dólares suplementares puderam ser transferidos para a Palestina por acordos comerciais corolários com a Alemanha, e transacções bancárias internacionais. Os fundos alemães tiveram um impacto essencial num país também subdesenvolvido que era a Palestina nos anos 30, observa. Várias empresas industriais essenciais foram criadas com os capitais oriundos da Alemanha, incluindo as empresas de canalizações “Mekoroth” e de têxtil “Lodzia”. O afluxo dos produtos e dos capitais do Haavara, conclui Edwin Black, “produziu uma explosão económica na Palestina judaica” e foi “um factor indispensável na criação do Estado de Israel”.

Antigos oficiais da companhia do Haavara na Palestina confirmaram estes dados num estudo detalhado do Acordo de Transferência, publicado em 1972: “A actividade económica tornada possível pelo afluxo de capitais alemães e as transferências do Haavara para os sectores privado e público, foram de enorme importância para o desenvolvimento do país.” Numerosas indústrias novas e empresas comerciais estabeleceram-se na Palestina judaica, e numerosas empresas que são extremamente importantes, ainda hoje, para a economia do Estado de Israel, devem a sua existência ao Haavara. O Dr. Ludwig Pinner, um representante do Haavara em Telavive durante os anos 30, comentou mais tarde que os imigrantes excepcionalmente competentes do Haavara “contribuíram de maneira decisiva” para o desenvolvimento económico, social, cultural e educativo da comunidade judaica da Palestina.

Colocado em Geral às 01:25 de Terça 20 Fevereiro por [causanac](http://www.causanacional.net/index.php?itemid=312)
<http://www.causanacional.net/index.php?itemid=312>

NA PRISÃO

A situação de Germar Rudolf

Por Arthur R. Butz

Amigos:

Aqui encontram um resumo da situação de Germar Rudolf, com base nas minhas conversas telefónicas com ele a partir da cadeia. Isto é, de acordo com a minha capacidade em transcrever correctamente a sua versão, não a minha. O mesmo deseja que seja amplamente divulgada como e-mail e em páginas da internet.

No dia 19 de Outubro, Germar e a sua esposa tiveram uma entrevista matrimonial nos escritórios dos Serviços de Imigração e Naturalização (versão norte-americana do SEF – nota do tradutor) de Chicago. A entrevista correu bem, tendo o SIN constatado que o seu casamento era real. Quando iam sair do edifício surgiram dois agentes do SIN que afirmaram que tinha sido enviada a Germar uma carta a instruí-lo para ir aos escritórios de Chicago para ser fotografado e para que lhes tirassem as impressões digitais, e que o mesmo não tinha cumprido estas instruções. Nem Germar nem o seu advogado receberam tal carta, e até agora não lhes foi mostrado qualquer duplicado da mesma. Não ter cumprido as instruções não era, em si, razão para originar uma acção tão drástica; na

realidade o SIN já o tinha fotografado e já lhe tinha tirado as impressões digitais há muito tempo nos escritórios do FBI em Huntsville. O que causou a situação foi o pedido recente, por parte do governo alemão, e pela segunda vez, de extradição e de que alguns funcionários do SIN, convencidos de que o caso envolvia um processo crime verdadeiro, terem dado relevo ao seu processo. Comentei que esta é uma interpretação bondosa. De qualquer modo, Gernar foi detido e enviado para uma cadeia a 50 milhas de Chicago.

Uma lei de 1960 especifica que o casamento com um cidadão dos EUA é uma base válida para um reajustamento do estatuto de alguém envolvido num processo de deportação, mesmo que o casamento ocorra durante o processo. Contudo, desde 1999 que o governo tem tentado agir como se esta lei não existisse e tem tido sucesso considerável, obtendo decisões favoráveis num circuito federal e decisões adversas noutros três (um "circuito" é uma subdivisão geográfica dos EUA, definida com a finalidade da administração da lei federal). O 11º circuito de Atlanta, detentor do processo de Gernar, ainda não emitiu qualquer decisão sobre este processo legal. Normalmente uma situação deste tipo dá origem a um apelo ao Supremo Tribunal, que existe para sanar decisões contraditórias por parte dos tribunais de instância inferior. Contudo os sujeitos a processos de deportação têm sido, até agora, pessoas pobres que não conseguiram fazer valer o seu caso no Supremo Tribunal. É por essa razão que o governo não tem sido desafiado desde 1999. O governo sabe que iria perder um processo no Supremo Tribunal.

O tribunal do 11º circuito quer manter conhecimento deste processo até à sua conclusão, mas as camadas mais altas do ramo executivo de Washington, o Departamento da Segurança Interna e o Departamento da Justiça, interferiram e agora tomaram conta do processo, removendo-o das mãos do SIN. Como passou o processo das mãos de um funcionário anónimo do SIN para as mãos das camadas superiores do ramo executivo, desconhece-se. Tendo em vista os desenvolvimentos levados a cabo na semana passada o tribunal deram, segundo consta só verbalmente, aos SIN até 26 de Outubro para reunirem os argumentos sobre porque deve ser permitida a transferência do processo de Gernar, presumivelmente para o deportar o mais rapidamente possível. Os advogados de Gernar têm até a data limite de 2 de Novembro para reunirem os argumentos do seu processo. O tribunal irá emitir a sua decisão, provavelmente, em finais de Novembro.

A decisão de Novembro será sobre se o processo será mantido nas actuais mãos ou se o mesmo pode ser trasladado para o ramo executivo. Portanto parece provável que Gernar seja a parte vencedora em Novembro, uma vez que o tribunal exprimiu o seu interesse em acompanhar o processo até à conclusão do mesmo. Porque deveria este decidir que as suas próprias deliberações são irrelevantes e de pouca importância?

Partindo do princípio de que a decisão de Novembro seja favorável, ainda é provável que ocorra uma audiência por volta de Janeiro, que irá decidir duas questões. Primeira, terá Gernar direito a asilo político? Segunda, se Gernar não tiver direito a asilo político, terá direito a um reajustamento do seu estatuto com base no seu casamento?

Mencionei a questão da publicidade, da qual Gernar é céptico mas que creio vir a ser necessária para angariar fundos eficazmente nos EUA. O mesmo não possui um nome muito conhecido por cá. Acima de tudo, Gernar e os seus advogados não desejam qualquer denúncia furiosa do SIN e/ou do governo. Manifestações públicas às portas do SIN ou do tribunal podem ser fatais.

Actualmente foi encerrada a sua operação comercial e não é possível comprar livros a partir da sua página na internet. Contudo a mesma ainda se encontra em funções. Gernar tratou para que algumas pessoas tomem conta das operações comerciais e de publicação caso seja deportado.

A prisão em que Gernar se encontra não é desagradável, tendo em conta que é uma cadeia, e tem uma atmosfera que se assemelha à de um aquartelamento militar. É do nível de segurança mais baixo e existe TV e jogos para diversão dos detidos bem como livros estudo dos mesmos. A comida é decente.

Os melhores cumprimentos, 22 de Outubro de 2005

<http://www.causanacional.net/index.php?itemid=94>

ASSASSÍNIO

François Duprat

(26 de Outubro, 1940 - 18 de Março, 1978)

François Duprat perdeu a vida vítima de uma bomba sofisticada colocada debaixo do assento do seu carro. A sua mulher ficou gravemente ferida e mutilada para o resto da vida. Estávamos numa

estrada da Normandia e Duprat dirigia-se para a Escola de Caudebec-en-Caux onde a sua esposa dava aulas.

Uns tempos antes as ligas judaicas tinham publicado a sua morada, percursos habituais, etc. Este assassinato será reivindicado pelo "Commando du Souvenir" que termina o seu comunicado com a famosa frase "Não esqueçamos Auschwitz". É óbvio que a polícia francesa nunca descobriu os assassinos

Na ocasião da 29º aniversário da sua morte pensamos útil recordar a figura impar de Duprat. Eles souberam bem quem matavam!

Antes de tudo Duprat era um militante. Vindo da extrema esquerda trotskista aos 18 anos passou o Rubicão. Em 1958 adere à **Jeune Nation** dos irmãos Sidos. Anima a secção de Bayonne, no país basco francês, antes de assumir responsabilidades regionais e depois nacionais. Com a dissolução do movimento funda a FEN (Federação dos Estudantes Nacionalistas) e adere à **Europe Action**. Está sempre onde estão a decorrer as coisas importantes – no Occident, no **GUD** na **Ordre Nouveau**. Adere ao **Front Nationale**. **Le Pen** faz dele o Secretário Geral do movimento, lugar que desempenhava à data do seu assassinato.

Mas Duprat foi também e principalmente um ideólogo. Foi o principal teorizador do nacionalismo revolucionário dos anos 70 que varreu toda a Europa. O seu principal contributo foi o determinar quem era o inimigo principal e o inimigo secundário. Outro dos aspectos importantes da vida de Duprat foi a capacidade de analisar os novos fenómenos da sociedade em mudança e sobretudo as suas causas. No seguimento de Bardeche não hesitou em designar os erros e crimes das forças do dinheiro cosmopolita: o capital apátrida e vagabundo. Foi um historiador revisionista.

Podemos perguntar-nos como seria hoje a França e a Europa com ele vivo e actuante. Foi por conhecê-lo bem que os inimigos o mataram a ele e não às figuras mediaticamente conhecidas da direita francesa.

http://pt.metapedia.org/wiki/Francois_Duprat

ALEMANHA

Universidade demite professor politicamente incorreto

O novo papel das Universidades: preservar Dogmas

Após quase duas semanas de campanha contra Michael Vogt, académico especialista em comunicação, a Universidade de Leipzig encerrou a cooperação com o professor honorário devido a supostos contatos com a extrema-direita. O estopim foi um artigo que apareceu no *Spiegel-Online*, de 12 de novembro, com o título "Professor honorário sob suspeita de extremismo de direita". No artigo, o especialista foi criticado pelo documentário de sua autoria "**Geheimakte Heß**" (Arquivo secreto Hess), o qual foi exibido diversas vezes na emissora *n-tv*. Ali eram apresentados documentos que indicavam a predisposição de Hitler em selar a paz com a Inglaterra. Mas o motivo atual para o aparecimento deste artigo foi uma nota à imprensa da facção ITS "Identidade Tradição Soberania", presente no Parlamento Europeu, e onde aparecia o nome de Vogt. A nota à imprensa fazia referência a uma reunião de líderes de partidos de direita da República Alemã com a ITS, em Strasburg, no fim de setembro. O encontro teve grande repercussão na mídia, pois o partido NPD também participou.

Documentário sobre as tentativas de paz alemãs com a Inglaterra

Oficialmente, a Universidade de Leipzig declarou que o motivo para a dispensa do Professor Vogt foram suas "atividades políticas extra-curriculares, em consonância com eventos e publicações de grupos da extrema-direita". Ainda assim, o Instituto agradeceu a Vogt por seu "trabalho académico, que segundo os estudantes nunca teve conotação ou atividade política".

Para a **Junge Freiheit**, o professor Vogt fez sua primeira declaração sobre o caso e reproduzimos abaixo alguns trechos da entrevista:

Prezado Professor Vogt, qual foi o estopim da campanha contra sua pessoa?

Vogt: o motivo mais recente foram meus filmes contemporâneos sobre o vôo de Rudolf Heß à Inglaterra, em 1941, e sobre o Processo de Nuremberg. A campanha por parte da "Antifa" e do "Serviço de Informação contra a extrema-direita" começou em 2003, depois que o filme sobre Heß foi exibido sete vezes na televisão. Em 2006, foi iniciado em Munique um primeiro passo para trazer contra mim os ajudantes políticos da Antifa nas Universidades. E no final de outubro deste ano acontece agora a mesma coisa em Leipzig. Uma campanha muito antiga foi aquela iniciada de Berlin, já em 1983 ,

financiada pela “Associação dos perseguidos do regime nazista”, quando eu fiz juntamente com Wolfgang Venohr dois documentários para a programação nobre da ARD sobre os crimes de guerra dos aliados na Segunda Guerra Mundial e como première também a documentação sobre os crimes do Exército Vermelho.

Qual é exatamente a acusação contra você?

Vogt: Em primeiro lugar trata-se - como em 2006 e 2004 – sobre meu filme “Geheimakte Heß”. Os documentos ali apresentados comprovam que todas as iniciativas de paz de 1940/1941 foram rejeitas pelo governo Churchill. Estas claras e pedagogicamente indesejadas verdades não se deve divulgar. Suficiente quanto à liberdade de pesquisa. A segunda acusação refere-se à minha associação na Sociedade *Danubia*.

Seu nome apareceu na nota conjunta à imprensa da facção ITS juntamente com representantes do partido NPD, DVU, Republicanos e outros. Como chegou a isso?

Vogt: Quando eu fiquei sabendo pela nota à imprensa no dia da publicação – eu não tinha até então qualquer conhecimento dela, nem tinha assinado nem de alguma forma participado, ou dado meu consentimento, - que meu nome aparecera, eu agi ativamente para que corrigissem o erro, o que aconteceu imediatamente. Fato é: eu não sou e nunca fui membro dos partidos ali presentes. Nesta nota contendo os nomes das mais altas lideranças destes partidos, meu nome estava totalmente deslocado.

O que você acha que tenha sido realmente o estopim para o término de sua relação com a Universidade?

Vogt: A segunda notícia pela *Spiegel-Online* salientou mais uma vez que em primeiro plano o motivo foi o filme “Geheimakte-Heß”. Meus documentários históricos são o motivo – a notícia a respeito da ITS foi simplesmente o estopim.

Quais foram os responsáveis por isso na Universidade?

Vogt: Instrumentalizados pela “Antifa” ou mesmo seus participantes foram o Centro Acadêmico e a Comissão anti-racismo da Universidade. Sincronizada com a imprensa, a campanha foi lançada. **A imprensa preferiu – assim como os representantes dos alunos – não entrar na discussão sobre o conteúdo dos meus filmes.**

Quantos estudantes reclamaram enfim sobre você?

Vogt: Eu só recebi conselhos de meus próprios estudantes. No fórum dos pesquisadores de comunicação do Centro Acadêmico existem oito artigos, dos quais quatro se ocupam com a pergunta como eles receberão o certificado após a suspensão de meu seminário. Somente um artigo apresenta uma crítica factual sobre minha pessoa – aqui está a “inquietação” e “agitação” entre os estudantes, divulgadas pela imprensa.

Como se comportou o colegiado da Universidade perante você?

Vogt: Eu tive – isso é com certeza um caso especial – a possibilidade de ser ouvido pelo Conselho do Instituto, conversar e responder junto aos colegas e representantes dos estudantes. Por isso eu sou grato, pois é saudável para o propósito universitário que se discuta este tema e não que se proceda como uma já conhecida execução pela mídia, como [Eva Herman](#) experimentou por parte da sua emissora.

Prof. Dr. Michael Friedrich Vogt: Nascido em 1953, estudou História e Ciências Políticas, em Munique. Em seguida atuou como jornalista para TV e produtor de filmes. Trabalhou vários anos como diretor de imprensa, comunicação e marketing, em diversas empresas e associações. Desde 2001, atua esporadicamente como jornalista para TV e professor na Universidade Leipzig.

http://www.inacreditavel.com.br/mundo/vogt_fora_unileipzig.htm

O TRIBUNAL ANULOU

Espanha derruba Lei da Negação do Holocausto

Vitória da democracia e da liberdade de expressão

Todos os esforços perpetrados pela República Federal da Alemanha durante seu último mandato à frente da presidência da União Européia, com o objetivo de disseminar por todos os países

européus a *Lei da Focinheira do Holocausto*, parecem ter naufragados. Durante este mandato, a ministra da justiça alemã, Brigitte Zypries, não mediu esforços para que todos aqueles que duvidassem, questionassem e enfim, divulgassem os resultados de suas pesquisas, fossem colocados "sem piedade" na prisão. Porém, menos de um ano após tal empreitada, a justiça espanhola coloca um fim nesta fúria de violação dos direitos humanos: o Tribunal Superior de Justiça da Espanha anulou a lei exportada pela RFA - República Federal da Alemanha, neste 8 de novembro de 2007.

Em 1998, o juiz Santiago Vidal condenou o intelectual e publicitário Pedro Varela a 5 anos de prisão por "Negação do Holocausto" e "Violência Racial". O juiz ainda determinou a eliminação de cerca de 20.000 livros apreendidos.

A condenação do ativista espanhol dos direitos humanos procedeu-se com base na lei de "Negação do Holocausto" - artigo 607.2 do Código Penal - aprovada por pressão da RAF, em 1996.

Ambas as cortes de apelação da Catalunha, ao final os três juizes do Tribunal Estadual (Audiencia Provincial), decidiram que o artigo 607.2 do código penal espanhol (lei de negação do Holocausto) era inconciliável com os direitos humanos da liberdade de expressão. Devido a isso, o caso Varela foi parar no Tribunal Superior Federal, em Madri.

Pedro Varela teve seu passaporte apreendido e sofreu dez anos de perseguição e represálias. Ele não somente teve que suportar repetidas agressões contra si próprio, como também teve grandes prejuízos com o confisco de milhares de livros.

Após onze anos desde o início da perseguição, neste 8 de novembro de 2007, os 12 juizes da mais alta instância da justiça espanhola, em Madri, decidiram não apenas sobre a lei de negação do Holocausto, mas também sobre o destino do perseguido político Pedro Varela.

A decisão do Tribunal Superior da Espanha não agrada de forma alguma a ministra da justiça da RFA e seus pares. **A "Lei de negação do Holocausto", conforme a mais alta instância da justiça espanhola, não é conciliável com o direito da liberdade de expressão garantido pela Constituição espanhola.**

Os juizes não aceitaram a argumentação de que a discussão em torno do tema Holocausto iria ferir a honra dos judeus ou ameaçar sua existência. **Os juizes argumentaram que a liberdade de expressão sempre irá machucar alguém ou algum grupo e é justamente isso que torna plena a liberdade de expressão.** Não se pode fazer depender a liberdade de expressão da sensibilidade de alguns ou de um grupo determinado de pessoas, assim os juizes.

Doravante, esclarecimentos sobre o Holocausto na Espanha não serão mais considerados delitos judiciais.

Mais um terrível golpe contra a Indústria do Holocausto.

Mais em Tagesspiegel e Spiegel

http://www.inacreditavel.com.br/mundo/espanha_derruba_hololei.htm

MONÓCULO

O dilema dos Judeus de Auschwitz em Janeiro de 1945 - Liberdade ou Extermínio?

Friedrich Paul Berg

No livro que tornou mais famoso Elie Wiesel, «Die Nacht» "*A Noite*", que é uma leitura recomendada em escolas públicas em todo o país, Wiesel pinta um quadro horroroso de vida em Auschwitz de Abril de 1944 a Janeiro de 1945, quando ele lá esteve. **Embora muitas centenas de milhares de judeus tivessem supostamente sido gaseados durante este período, Wiesel não faz nenhuma menção aos gaseamentos ou a câmaras de gás em qualquer parte do livro**, como Jürgen Graf e Robert Faurisson salientaram. Reivindica contudo ter visto chamas a sair das chaminés e o Dr. Mengele a usar um monóculo.

Quando os Russos estavam prestes a tomar conta de Auschwitz em Janeiro de 1945, Elie e o seu pai "escolheram" ir para ocidente com os Nazis e os SS em retirada em vez de serem "libertados" pelo maior aliado de América. Eles poderiam ter contado ao mundo inteiro tudo sobre Auschwitz dentro de poucos dias - mas, Elie e o pai, assim como incontáveis milhares de outros judeus escolheram, em vez disso, viajar para oeste com os Nazis, a pé, de noite, num Inverno particularmente frio e conseqüentemente continuarem a trabalhar para a

defesa do Reich. De facto, escolheram colaborar.

Algumas das exactas palavras de Wiesel no seu livro «Die Nacht» "A Noite":

"A escolha estava nas nossas mãos. Por uma vez podíamos decidir o nosso próprio destino. Podíamos ter ficado ambos no hospital onde eu tinha a possibilidade de, graças ao meu médico, colocar o meu pai como paciente ou enfermeiro. Ou então podíamos seguir os outros. 'Bem, o que é que vamos fazer, pai?' Ele ficou calado. 'Vamos ser evacuados com os outros,' disse-lhe."

A história de Elie a este respeito é confirmada pelas de outros "sobreviventes" que incluem o testemunho de Primo Levi. No livro de Levi «Sobreviver em Auschwitz», o autor escreve sobre o dia 17 de Janeiro de 1945:

*"Não era uma questão de raciocínio: **Eu teria provavelmente seguido também o instinto de rebanho se não estivesse tão fraco: o medo é extremamente contagioso, e a reacção mais imediata era fugir dali para fora.**"*

Levi está a falar de fugir com os Nazis – e não dos Nazis, que não eram apenas soldados comuns mas supostamente os piores dos piores Nazis. Levi está a falar de fugir com os mesmos Nazis e SS que supostamente tinham levado a cabo o maior assassinio em massa de judeus em toda a história universal.

Levi está a falar sobre fugir com as pessoas que supostamente fizeram matanças de milhares diariamente durante vários anos. Mas, de acordo com as suas próprias palavras, **ele teria fugido provavelmente com eles [Nazis], e só não o fez porque não se estava a sentir bem naquele dia; sentia-se fraco. O "medo" que Levi superou era claramente o medo dos russos e não dos Nazis**; não há nenhuma referência ao medo daquilo que os Nazis e os SS pudessem fazer quando os evacuado entrassem na floresta ou o que pudesse acontecer alguns dias depois.

As escolhas que foram feitas aqui em Auschwitz em Janeiro de 1945 são extremamente importantes. Em toda a história do sofrimento judeu às mãos de gentios, que altura poderia ser mais dramática do que **o precioso momento em que os Judeus podiam escolher, por um lado, a libertação pelos Soviéticos com a possibilidade de contar a todo o mundo sobre as malfetorias Nazis e ajudar à sua derrota - ou então fugir com os assassinos em massa Nazis**, continuando a trabalhar para eles e ajudando-os a preservar o seu regime demoníaco. Na grande maioria dos casos, escolheram ir com os Nazis. **De acordo com Levi, 800 escolheram ficar em Auschwitz, mas 20.000 preferiram ir e colaborar com os assassinos em massa Nazis.**

Todos os Judeus que vieram para ocidente [a fugir dos russos para a Alemanha Nazi] negaram o Holocausto embora o tenham feito apenas com os pés. Os Judeus foram eles próprios os primeiros verdadeiros negacionistas do Holocausto.

JULHO 31, 2007

http://citadino.blogspot.com/2007_07_01_archive.html

ESCROQUERIA

Elie Wiesel - uma testemunha-chave do Holocausto Judeu

Elizer Wiesel, mais conhecido como Elie Wiesel, é um judeu nascido na Roménia a 30 de Setembro de 1928. Aos 15 anos é deportado para Auschwitz e depois para Buchenwald. Sobrevivente dos campos de concentração nazis, torna-se cidadão americano em 1963 e obtém uma cátedra de ciências humanas na universidade de Boston. Em 1980 Elie Wiesel funda o Conselho para o Holocausto americano. Condecorado em França com a Legião de Honra, recebeu a Medalha do Congresso americano, recebeu o título de doutor honoris causa em mais de cem universidades e recebeu o Prémio Nobel da Paz em 1986. O Comité norueguês do Nobel denominou-o "mensageiro para a humanidade."

As suas obras, quase 40 livros, edificadas para resgatar a memória do Holocausto e defender outros grupos vítimas de perseguições receberam igualmente vários prémios literários. Em Outubro de 2006, o Primeiro-ministro israelita Ehud Olmert propôs-lhe o cargo de Presidente do Estado de Israel. Elie Wiesel recusou a oferta explicando que não era mais do que «um escritor». Elie Wiesel preside, desde 1993, à academia Universal de Culturas.

Excertos de Robert Faurisson:

Elie Wiesel ganhou o Prémio Nobel da Paz em 1986. **Ele é normalmente aceite como uma testemunha do Holocausto Judeu e, mais especificamente, como uma testemunha do extermínio Nazi pelas câmaras de gás.** O diário Parisiense *Le Monde* enfatizou na altura que Wiesel foi galardoado com o Prémio Nobel porque:

«Nestes últimos anos temos visto, em nome do chamado "revisonismo histórico", a criação de, especialmente em França, inúmeras questões, duvidando da existência das câmaras de gás Nazis e, talvez por detrás disso, do próprio genocídio dos Judeus.»

Num livro autobiográfico [Noite] que supostamente descreve as suas experiências em Auschwitz e Buchenwald, **Wiesel não menciona em parte alguma as câmaras de gás. Ele diz, realmente, que os Alemães executaram Judeus, mas... com fogo; atirando-os vivos para as chamas incandescentes, perante muitos olhos de deportados!**

«Não muito longe de nós, chamas elevavam-se dum fosso, gigantescas chamas. Eles estavam a queimar algo. Um camiã aproximou-se da cova e descarregou a sua carga – crianças pequenas. Bebés! Sim, eu vi – vi-o com os meus próprios olhos... Aquelas crianças nas chamas. (É surpreendente que eu não tivesse conseguido dormir depois daquilo? Dormir era fugir dos meus olhos.)»

«Um pouco mais longe dali estava outra fogueira com chamas gigantescas onde as vítimas sofriam "uma lenta agonia nas chamas". A coluna de Wiesel foi conduzida pelos Alemães a "três passos" da cova, depois a "dois passos." "A dois passos da cova foi-nos ordenado para virar à esquerda e ir-mos em direcção aos barracões."»

Quando os Russos estavam prestes a tomar conta de Auschwitz em Janeiro de 1945, **Elie e o seu pai "escolheram" ir para ocidente com os Nazis e os SS em retirada em vez de serem "libertados" pelo maior aliado de América.** Eles poderiam ter contado ao mundo inteiro tudo sobre Auschwitz dentro de poucos dias - mas, Elie e o pai, assim como incontáveis milhares de outros judeus escolheram, em vez disso, viajar para oeste com os Nazis, a pé, de noite, num Inverno particularmente frio e conseqüentemente continuarem a trabalhar para a defesa do Reich.

Algumas das exactas palavras de Wiesel no seu livro «Noite»:

- O que é fazemos, pai?

Ele estava perdido nos seus pensamentos. A escolha estava nas nossas mãos. Por uma vez, podíamos ser nós a decidir o nosso destino: ficarmos os dois no hospital, onde podia fazer com que ele desse entrada como doente ou como enfermeiro, graças ao meu médico, ou, então, seguir os outros.

Tinha decidido acompanhar o meu pai para onde quer que fosse.

- E então, o que é que fazemos pai?

Ele calou-se.

- Deixemo-nos ser evacuados juntamente com os outros – disse-lhe eu.

Ele não respondeu. Olhava para o meu pé.

- Achas que consegues andar?

- Sim, acho que sim.

- Espero que não nos arrependamos, Elizer!

As escolhas que foram feitas aqui em Auschwitz em Janeiro de 1945 são extremamente importantes. Em toda a história do sofrimento judeu às mãos de gentios, que altura poderia ser mais dramática do que o precioso momento em que os Judeus podiam escolher, por um lado, a libertação pelos Soviéticos com a possibilidade de contar a todo o mundo sobre as malfeitorias Nazis e ajudar à sua derrota - ou então fugir com os assassinos em massa Nazis, continuando a trabalhar para eles e ajudando-os a preservar o seu regime demoníaco?

Como testemunha excepcional que é, Wiesel assegura-nos que encontrou outras testemunhas excepcionais. Olhando para Babi Yar, um local na Ucrânia onde os Alemães executavam cidadãos Soviéticos, além dos Judeus, Wiesel escreve [*Paroles d'étranger* (Editions du Seuil, 1982), p. 86.]:

«Mais tarde, aprendi com uma testemunha que, mês após mês, o chão nunca parava de

tremer; e que, de tempos a tempos, "geyser" de sangue esguichavam de lá.»

A personalidade de Wiesel ter sobrevivido foi, evidentemente, o resultado de um milagre. Ele diz que:

«Em Buchenwald eles enviavam 10,000 pessoas para a morte todos os dias. Eu estava sempre nas últimas centenas junto ao portão. Eles paravam. Porquê?»

No Wikipedia: **Buchenwald** - embora não tenha sido um campo de extermínio, a exemplo de Auschwitz, na Polónia, onde existiam câmaras de gás, **estima-se que aqui pereceram mais de cinquenta mil pessoas**, vítimas de fome, doenças, assassinatos e violência arbitrária. [A fazer fé no número de mortes diárias avançado por Wiesel, o campo terá funcionado apenas durante 5 dias].

No início de 1986, 83 deputados do "Bundestag" Alemão tiveram a iniciativa de proporem Wiesel para Prémio Nobel da Paz. Isso seria , diziam eles, "**um grande encorajamento para aqueles que estão envolvidos directamente no processo de reconciliação.**" Wiesel clama ser alguém cheio de amor pela humanidade. No entanto, ele não se refere ao apelo ao ódio. Na sua opinião:

«Todo o Judeu, algures na sua existência, deve separar uma zona de ódio – saudável, ódio viril – para aquilo que os Alemães personificam e para o que persiste na Alemanha. Fazer o contrário, é trair os mortos.»

(**Wikiquote**: Original engl.: "Every Jew, somewhere in his being, should set apart a zone of hate - healthy, virile hate - for what the German personifies and for what persists in the German. To do otherwise would be a betrayal of the dead.")

O jornal *Le Monde* foi obrigado a referir-se à característica teatral que certas pessoas deploravam em Wiesel:

«Naturalmente, mesmo entre aqueles que aprovam a luta deste escritor Judeu Americano, que foi descoberto pelo Católico François Mauriac, alguns outros dão-lhe descrédito por ter demasiado a tendência para alterar a tristeza Judaica em "morbidade" ou em transformar-se num alto sacerdote de uma "gerência planeada do Holocausto."»

Comentário:

Elie Wiesel, o Nobel da Paz, revelou-se um homem de grande idoneidade moral, credor de uma integridade inabalável e testemunha incontornável do Holocausto Judeu. Pena é, que, ao contrário de muitos outros testemunhos, **durante os dez meses em que esteve internado no campo de concentração de Auschwitz**, Wiesel não se tivesse apercebido da existência das **cinco enormes câmaras de gás**, onde supostamente foram assassinadas mais de um milhão de pessoas.

POSTED BY DIOGO NOVEMBRO 21, 2007
<http://cidadino.blogspot.com/>

HALT

NEGADOR DO HOLOCAUSTO É CONDENADO NA ÁUSTRIA

VIENA, 3 DEZ (ANSA) - O austríaco, Gerd Honsik, famoso por negar a existência do holocausto, foi condenado hoje pela corte de apelação de Viena a 18 meses de prisão por apologia ao nazismo. Honsik, de 67 anos, já havia sido condenado na Áustria em 1992 a 18 meses por ter negado, entre 1986 e 1989, a existência do Holocausto na revista *Halt* e em seu livro *Absolvição para Hitler*. Após o processo, Honsik havia fugido para a Espanha onde permaneceu durante 15 anos até o último dia 4 de outubro quando foi extraditado para Viena. A corte de apelo confirmou hoje sua condenação a 18 meses, mesmo após o pedido de uma pena mais grave por parte do procurador. Um pedido de Honsik para diminuição da pena por razões de idade e de saúde também foi recusada. Honsik corre o risco de passar por outro processo por ter negado o holocausto por algumas publicações em seu site durante sua estadia na Espanha. (ANSA)

<http://www.ansa.it/ansalatinabr/notizie/rubriche/mundo/20071203135534523547.html>

SANTO MA NON SUBITO

Papa breca processo de canonização de Pio 12, diz jornal

CIDADE DO VATICANO (Reuters) - Os esforços para transformar em santo o papa Pio 12, no comando do Vaticano durante a Segunda Guerra Mundial, foram paralisados porque o papa Bento 16 deseja um estudo mais aprofundado de alguns documentos, afirmou um jornal da Itália na terça-feira.

Segundo o Il Giornale, o pontífice decidiu criar uma comissão dentro de seu Secretariado de Estado, o órgão diplomático do Vaticano, para rever antigos documentos da época da Segunda Guerra e analisar novos documentos surgidos recentemente.

Alguns judeus acusam Pio 12, no comando da Igreja Católica de 1939 a 1958, de ser indiferente em relação ao Holocausto e de não se manifestar contra Hitler. Os defensores do papa vêem nele um homem santo que trabalhou desde os bastidores para ajudar os judeus na Europa toda.

Em maio passado, o departamento do Vaticano responsável pelos processos de canonização aprovou um decreto reconhecendo as "virtudes heróicas" de Pio 12, superando assim um obstáculo importante nos esforços para transformá-lo em santo, iniciados em 1967.

Mas, até agora, Bento 16 não sancionou o decreto, o que significa que o processo continua paralisado e que Pio 12 não pode ser beatificado, o primeiro passo rumo à canonização.

O repórter responsável pela informação, Andrea Tornielli, que escreveu quatro livros sobre Pio 12, disse que o Vaticano não questionava a santidade dele, mas se preocupava com as consequências de transformá-lo em santo cedo demais.

Um porta-voz do Vaticano disse que não poderia confirmar se o papa havia ou não criado uma comissão interna.

Integrantes do Vaticano dizem que cardeais aconselharam Bento 16 a diminuir o ritmo do processo de canonização de Pio 12 devido o eventual impacto dele sobre as relações com os judeus e com Israel.

O Vaticano argumenta que o papa da época da Segunda Guerra não deu declarações mais contundentes contra o Holocausto porque temia provocar uma reação nazista e tornar ainda mais difícil a vida dos católicos e dos judeus.

Defensores dele dizem que Pio 12 mandou igrejas e conventos de Roma receberem judeus depois de os alemães terem ocupado a cidade, em 1943.

Vários grupos judaicos, em especial a Liga Antidifamação, com sede nos EUA, já pediram que o Vaticano suspenda o processo de canonização enquanto não divulgar todos os seus documentos secretos referentes à Segunda Guerra.

O Globo 18/12/2007

<http://oglobo.globo.com/mundo/mat/2007/12/18/327661056.asp>

DEVER DE MEMORIA

para que despertemos

A 24 de abril de 1995, Reinhold Elstner, um engenheiro químico aposentado, de 75 anos, veterano da Wehrmacht, imolou-se em público, em Munique.

Reinhold Elstner sabia que a Alemanha não foi "libertada" em 1945, mas sim bombardeada e conquistada à ponta de baionetas, estuprada, torturada, mutilada e brutalmente subjugada, tanto mental quanto fisicamente.

Na sua carta de despedida Reinhold Elstner escreveu o seguinte:

"50 Jahre unendlicher Verleumdung und Verteufelung eines ganzes Volkes sind genug.

50 anos de campanhas de ódio e demonização de um povo inteiro, são demais.

50 anos de insultos incessantes contra os veteranos de guerra alemães, são demais.

À idade de 75 anos, não tenho muito mais a fazer, mas talvez, pelo meu acto de imolação, possa fazer um apelo e dar um exemplo visível para reflexão.

Se apenas um único alemão desperta e encontra o caminho em direcção à verdade, o meu sacrifício pessoal não terá sido em vão".

"

"A História é escrita pelos vencedores!"

Robert Brasillach (1909-1945).

<http://mnemeeuropa.blogspot.com/2007/05/dever-de-memria.html>

A Odisseia Intelectual de Michelle Renouf

Nesta ligação fascinante à Conferência da IHR, em Sacramento, em Abril de 2004, uma atriz, modelo profissional e autora, que vive em Londres, relembra a sua odisséia intelectual que lhe trouxe a consciência sobre a importância da verdade histórica. Renouf descreve, igualmente, toda a campanha para a expulsão como membro do Reform Club, em Londres, por ter trazido como seu convidado, o "notável" historiador David Irving. Tempo de duração: 54 mins. Pode encontrar mais sobre este assunto [aqui](#). Também pode ficar a saber mais sobre Michelle Renouf [aqui](#).

REVISIONISMO EM LINHA

<http://revisionismoemlinha.blogspot.com/>

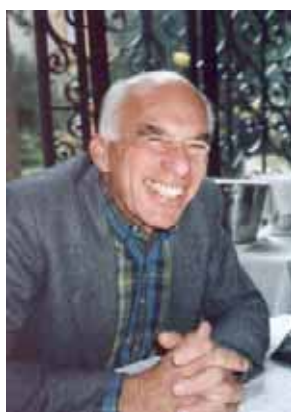
JOHN SACK

Olho Por Olho: Os Judeus Que Procuraram Vingança Pelo Holocausto

Aqui está a história pouco conhecida de como as vítimas Judias do Terceiro Reich infligiram um sofrimento igualmente terrível a Alemães inocentes. Em 1945, o novo governo Soviético de ocupação na Polónia recrutava activamente Judeus para o seu Departamento de Segurança do Estado impor uma brutal "des-Nazificação". Os agentes daquele departamento de Segurança assaltaram lares Alemães, reunindo cerca de 200.000 homens, mulheres e crianças - 99 por cento nem sequer eram combatentes, eram civis inocentes. Encarcerados em porões, em celas e em 1.255 campos de concentração onde a propagação do tifo era muito violenta e onde a tortura era normal, os detidos sobreviviam com rações miseráveis. Neste breve período, morreram entre 60.000 e 80.000 Alemães às mãos daquele departamento. Pode ler o livro na AAARGH e pode saber mais sobre John Sack [no seu site](#), [aqui](#) ou [aqui](#).

<http://www.aaargh.com.mx/fran/livres7/SACKeye.pdf>

<http://revisionismoemlinha.blogspot.com/>



John Sack: O afeto que não se encerra

Estevam Tavares de Freitas *

O TextoVivo tem produzido definições lapidárias de Jornalismo Literário. Como leitor, eu dou graças a Deus por ler reflexões e dicas tão pertinentes sobre um tema que eu gosto tanto e

que tão poucos, no Brasil, cultuam.

As definições são ótimas. Imersão como traço central do Jornalismo Literário. Personagens e cenas da vida cotidiana. Poder transformador do grande jornalismo, que é diferente do jornalismo grande, quer dizer, do livro-reportagem puro e simples. O TextoVivo separa o joio do trigo.

Lembro de um diálogo por e-mail mantido com Norman Sims, organizador de uma bela coletânea, "Literary Journalism", em que ele me dizia que os traços centrais do Novo Jornalismo – "immersion reporting, accuracy, symbolic representation, sophisticated structures and voice" - não precisam conviver no mesmo texto. Vale a pena ler o prefácio dessa coletânea e comparar com as idéias expostas no TextoVivo.

Mais do que definições, é preciso ler os textos, freqüentar os autores das grandes reportagens. Caro leitor, você já tentou montar o Dream Team do Jornalismo Literário? Vou escalar o meu time. Claro que o Michael Jordan é o Tom Wolfe. O Magic Johnson é o... bom, talvez o Truman Capote. Será que Norman Mailer poderia ficar de fora? E quanto ao Gay Talese? E a irreverência gonzo de Hunter Thompson? O técnico poderia ser Joseph Mitchell, o homem que definiu as regras do jogo. O banco de reservas poderia ter nomes como George Plimpton e muitos outros.

Porém, teríamos certamente nos esquecido de um fora-de-série. Estou falando do mitológico autor de reportagens como "M" e "The Dragon Head", entre mais de dez títulos de primeira. Ele foi considerado o autor da melhor reportagem publicada pela revista "Esquire", ironicamente o título mais curto da "Esquire", apenas uma letra em caixa alta: "M".

Ele comprou brigas homéricas com todo mundo, em função de sua integridade profissional e pessoal. Quase foi preso, porque se recusou a entregar uma fonte. Como judeu, foi diversas vezes censurado em função de um livro sobre campos de concentração para alemães, conduzidos por judeus, episódio que ele desenterrou. Escreveu roteiros, fez televisão, foi correspondente internacional e é, em minha opinião, o maior nome do jornalismo investigativo de todos os tempos.

Acontece que ele também foi um expoente do New Journalism, na definição de Tom Wolfe, porque adotou, especialmente em "M", nome de uma companhia que combateu no Vietnã, o ponto de vista dos participantes. O mais interessante é que cada um dos combatentes dessa companhia leu e autorizou a publicação da reportagem de 33 mil palavras, que faria a glória da revista "Esquire" e seria o orgulho máximo de seu publisher, Arnold Gingrich.

Estou falando de John Sack, que morreu neste 2004, aos 74 anos, depois de ter coberto todas as guerras em que seu país se envolveu. Além das guerras nacionais, Sack comprou suas próprias brigas. Como eu escrevi acima, ele desenterrou o episódio dos 1.200 campos de concentração judeus para alemães, no livro "An Eye for an Eye". "Os judeus transformados em algos torturaram e mataram mulheres e crianças", escreveu Sack.

Em outro episódio notável, Sack recusou-se a testemunhar contra o tenente William Calley Jr., com quem gravou uma série de depoimentos sobre o massacre de civis em My Lai. A batalha jurídica que veio em seguida, e que registra também a recusa de Sack em entregar a gravação dos depoimentos, quase o levou à prisão. A justiça americana não conseguiu calar John Sack.

Sentimento do mundo

Eu me recuso a acreditar que Sack morreu. O homem que disse que a máfia chinesa tinha mais ética que os policiais que a caçavam não será, nunca, reduzido a um retrato na parede.

Nós devemos muito a ele e o motivo é muito simples. Mais do que Joseph Mitchell, Tom Wolfe, Mailer e Capote, preocupados com a crítica dos costumes e com a Literatura, assim mesmo, com L maiúsculo, Sack abraçou o noticiário político e o jornalismo investigativo. Mais do que Gay Talese, George Plimpton e Lillian Ross, Sack tinha o espírito do tempo entranhado, com a sua dimensão épica e miserável, como os grandes da arte e da história, aliás.

A memória era, para ele, o centro da vida. Memória feita presente, presente feito História. Ele desmontou todo o discurso rançoso da esquerda americana, mostrando que o mundo não é maniqueísta. Ao mesmo tempo, zombou da direita melhor do que um Sartre, porque nas suas reportagens a consciência se faz na ação, na linha de frente. Sack encarnou a memória mas também o espírito do seu tempo, por isso é tão imortal quanto um Arthur Miller, um Elia Kazan, um Francis Ford Coppola. Todos autores em que a dimensão política mistura-se com a ética. Em John Sack, no entanto, os dilaceramentos morais ganham a voz a que se refere Norman Sims, o teórico do jornalismo citado no início deste artigo, bem como a acurácia, o poder simbólico, a sofisticada arquitetura do texto, traços que identificam o Jornalismo Literário.

Mas Sack tem lugar também ao lado de historiadores como Fernand Braudel e Barrington Moore Jr., sociólogos como Raymond Aron, antropólogos como Marcel Mauss e Malinowski, como uma espécie rara de cientista social em campo, cheio de sentimento do mundo, praticando a observação participante melhor do que nenhum outro jornalista de sua época, de nossa época.

Eu guardo comigo uma foto de John Sack em que ele ostenta um sorriso amplo no queixo de boxeador, com um chapéu de vaqueiro bem americano e os olhos semi-cerrados por causa do

excesso de luz. Em tempos tão inóspitos como os que vivemos, de Bushs e Sharons, de recessão e desemprego em meio a uma globalização que não podemos evitar, de confusão ética sem par, é um alívio imaginar que Sack é e sempre será muito mais do que um retrato na parede.

* *Jornalista e diretor de redação da Mídia2, que publica as revistas "E-manager", "Hi-Finance" e "Marketing Mix".*

<http://www.textovivo.com.br/estevam.htm>

O MOMENTO DA VERDADE

A História Secreta do Sionismo

Ralph Schoenman: Se a colonização da palestina tem sido caracterizada por uma série de depredações, devemos examinar **a atitude do movimento Sionista** não apenas contra as vítimas palestianas **mas também contra os próprios judeus.**

A Perfídia Sionista

A perfídia Sionista – a traição das vítimas do Holocausto – foi o culminar da tentativa de identificar os interesses dos judeus com aqueles da ordem estabelecida. Hoje, **os Sionistas juntam o seu estado ao braço do imperialismo norte-americano** – desde os esquadrões da morte na América Latina às operações secretas da CIA nos quatro continentes.

Esta história sórdida tem origem na desmoralização dos fundadores do Sionismo, que rejeitaram a possibilidade de ultrapassar o anti-semitismo através da luta popular e revolução social. Moses Hess, Theodor Herzl e Chaim Weizmann escolheram o lugar errado da barricada – o do poder do estado, da dominação de classe e da regra exploradora. Propuseram uma disjunção putativa entre emancipação da perseguição e a necessidade de mudança social. **A total compreensão de que o culto do anti-semitismo e a perseguição dos judeus eram o trabalho da mesma classe dominante a quem eles bajulavam e pediam favores.**

Ao procurarem eles próprios o patrocínio dos anti-semitas, revelaram vários motivos: o culto do poder ao qual associam força: um desejo de acabar com a "fraqueza" e vulnerabilidade judaica, deixando de ser os eternos intrusos.

Esta sensibilidade foi um curto passo para a assimilação de valores e ideias dos que odiavam os judeus. Os judeus, escreveram os Sionistas, eram na verdade indisciplinados, subversivos, gente dissidente e merecedores do desprezo que receberam. **Os Sionistas alimentaram desavergonhadamente o racismo dos que odiavam os judeus.** Venerando o poder, apelaram ao desejo anti-semita de von Plehves e de Himmler de se verem livres de um povo vítima, há muito radicalizados pela perseguição, um povo que encheu as fileiras dos movimentos revolucionários e cujo sofrimento conduziu as suas melhores mentes para a ofensiva intelectual contra os valores estabelecidos.

O sujo segredo da história Sionista é que **o Sionismo foi ameaçado pelos judeus.** Defender o povo judeu das perseguições significou organizar resistência contra os regimes que os ameaçavam. Mas estes regimes incorporavam a ordem imperial que abrangia a única força social com vontade ou apta a impor uma colônia estrangeira sobre o povo palestino. Portanto, **os Sionistas precisaram de perseguir os judeus para persuadi-los a serem colonizadores numa terra distante, e precisavam de perseguidores que patrocinassem a iniciativa.**

Mas os judeus europeus nunca manifestaram qualquer interesse em colonizar a Palestina. O Sionismo foi sempre um movimento marginal entre os judeus, os quais aspiravam a viver nos países de nascimento livres de discriminação ou escapar às perseguições emigrando para democracias burguesas vistas como mais tolerantes.

O Sionismo, portanto, nunca pôde responder às necessidades ou aspirações dos judeus. O momento da verdade chegou quando a perseguição deu lugar à exterminação física. Em face do maior e único teste da sua relação com a sobrevivência judaica, os Sionistas não somente falharam em liderar a resistência ou defender os judeus, mas sabotaram activamente os esforços judaicos para sabotar a economia nazi. **Eles procuraram, mais ainda, a responsabilidade dos assassinios em massa, não somente porque o Terceiro Reich parecia suficientemente poderoso**

para impor uma colónia Sionista, mas porque as práticas nazis estavam em consonância com as concepções Sionistas.

Existia um denominador comum entre os nazis e os Sionistas, expressa não apenas na proposta na Organização Militar Nacional (NMO) de Shamir para formar um estado na Palestina numa "base nacional totalitária".

Vladimir Jabotinsky, no seu último trabalho, «A Frente de Guerra Judaica» (1940), escreveu acerca dos seus planos para o povo palestiniano:

"Visto que temos esta grande autoridade moral para encarar calmamente o êxodo dos árabes, não precisamos de observar a possível partida de 900.000 com horror. Herr Hitler tem recentemente promovido a popularidade de transferência de população." [Brenner, The Iron Wall, p.107]

A extraordinária declaração de Vladimir Jabotinsky em «A Frente de Guerra Judaica» sintetiza o pensamento Sionista e a sua falência moral. **O massacre dos judeus forneceu ao sionismo "grande autoridade moral"**. Para quê? - "para encarar calmamente o êxodo dos árabes." A lição da destruição dos judeus pelos nazis foi que era permissível agora aos Sionistas submeter ao mesmo destino a inteira população palestiniana.

Sete anos depois, **os Sionistas seguiram os passos dos nazis**, cujo apoio procuraram e às vezes conseguiram, e cobriram a sangria na Palestina com múltiplos Lidices (Lidice é uma pequena cidade da antiga Checoslováquia, que foi totalmente destruída e a grande maioria de seus habitantes assassinados pelos alemães como vingança pela morte de seu comandante, o SS nazi, Reinhard Heydrich), conduzindo 800.000 pessoas para o exílio.

Os Sionistas aproximaram-se dos nazis no mesmo espírito de Von Plehve, agindo com a noção perversa de que o ódio aos judeus era útil. **O seu objectivo não era salvar, mas forçar a conscrição de alguns seleccionados (para a Palestina)** – e os restantes abandonados à sua sorte agonizante.

Os Sionistas quiseram pessoas para colonizar a Palestina e preferiram cadáveres judeus aos milhões do que qualquer salvamento que pudesse instalar os judeus em qualquer outro lado.

Se alguma vez se esperar que um povo possa entender o sentido da perseguição, o sofrimento de ser refugiado perpétuo e a humilhação da calúnia, esse povo só pode ser o judeu.

Em lugar da misericórdia, os Sionistas celebraram a perseguição de outros, ao mesmo tempo que primeiro traíram os judeus e depois os humilharam. Seleccionaram as vítimas do seu próprio povo às quais infligiram um propósito de conquista. **Colocaram os judeus sobreviventes face a um novo genocídio contra o povo palestiniano**, escondendo-se a si próprios, com selvagem ironia, na mortalha colectiva do Holocausto.

Comentário:

Em suma, não obstante o sofrimento e a morte causados a um incontável número de pessoas de todas as credos e raças, um pequeno grupo de famílias: **Rothschild, Rockefeller, Morgan, Montagu, Harriman, Kuhn, Loeb, Warburg, Lehman, Schiff, Pyne, Sterling, Stillman, Lazard**, etc, que dominam há mais de um século a alta finança mundial, **edificaram uma sólida base militar, na forma de um Estado Judaico, junto das maiores reservas energéticas do planeta.**

FEVEREIRO 20, 2008

<http://citadino.blogspot.com/>

AGUARELAS

A Branca de Neve em Auschwitz

De acordo com a propaganda oficial acerca do campo de concentração de Auschwitz, os nazis "exterminavam as crianças mal estas chegavam" ao campo, efectuando uma "selecção na rampa" dos comboios, supostamente pelo Dr. Josef Mengele, entre outros.

Isto, tal como a esmagadora maioria do que se diz acerca de Auschwitz, é uma mentira. Uma querela acerca dos direitos de autor referentes a obras de arte – exactamente, *obras de arte* – criadas em Auschwitz revelaram que não só existia uma secção reservada apenas para crianças no campo (algo impossível de existir, se considerarmos a propaganda oficial do holocaustianismo), mas que existia inclusive um mural com a Branca de Neve e os Sete Anões, mural este pintado com o propósito de

animar as crianças em cativo!

Esta incrível história acerca da existência duma secção infantil em Auschwitz veio a público com o pedido, por parte dos apoiantes duma judia que esteve internada no campo, Dina Gottliebova Babbitt, à qual foi pedido, pelo **Dr. Mengele** em pessoa, que pintasse uma série de quadros retratando ciganos, em 1944.

Afirma-se que Mengele queria tais quadros para “estudos raciais”, o que é claramente falso uma vez que os cientistas raciais nazis utilizavam fotografias para estudos deste género, uma vez que estas são um registo muito mais fidedigno da realidade do que um quadro. As imagens demonstram claramente serem apenas uma expressão artística, como podemos constatar:

O museu de Auschwitz, que considera estas aquarelas como sendo parte da sua propriedade, argumenta ser o real dono destas obras de arte e recusou devolver as mesmas à Sra. Babbitt, contrário aos seus desejos.

Dina Gottliebova tinha 19 anos e era estudante de arte em Praga no ano de 1942, ano em que foi enviada pela primeira vez para um campo de concentração. Em Setembro de 1943 ela e a sua mãe, Johanna, foram transferidas para Auschwitz, campo em que ela tentou animar as crianças internadas pintando um mural com paisagens montanhosas suíças e com “a Branca de Neve e os Sete Anões”.

O seu trabalho artístico despertou a atenção de Mengele, que a contactou em Março de 1944. Babbitt afirma, ridiculamente, que exigiu a Mengele que “poupasse também a sua mãe, ou cometera suicídio atirando-se contra a cerca electrificada.”

Babbitt e a sua mãe sobreviveram a internamentos noutros dois campos antes de serem libertadas em Maio de 1945.

Em 1973 o museu de Auschwitz informou-a de que as suas aquarelas tinham sobrevivido à guerra. Os curadores do museu determinaram que ela era, de facto, a artista responsável pelos quadros quando compararam a sua assinatura – “Dina 1944” – com as constantes em obras de arte publicadas num livro acerca do Holocausto, publicado pouco depois da guerra.

A artista pediu algum dinheiro emprestado e apanhou um avião para a Polónia, de modo a autenticar o seu trabalho, levando consigo uma mala destinada a trazer as aquarelas consigo. Quando os funcionários do museu recusaram em entregar-lhe as aquarelas, desencadeou-se esta disputa, que decorre até hoje.

Por mais incrível que pareça, o Museu de Auschwitz admite que existem cerca de “2.000 obras de arte” [nos arquivos do museu!](#)

Resumindo:

- Um campo com uma secção infantil;
- Um campo com um mural com a Branca de Neve e os Sete Anões pintado na secção infantil;
- Um campo com “duas mil obras de arte” feitas pelos prisioneiros...

Isto por acaso parece-vos ser um “campo de exterminação”?

[Artigo sobre Babbitt e as obras de arte no *New York Times*]
<http://revisionismoemlinha.blogspot.com/>

CRIME PÚBLICO

Udo Voigt, presidente do NPD, questiona número de mortos do “holocausto” em entrevista dada a jornalistas iranianos

BERLIM – O presidente do Partido Nacional Democrata alemão (NPD), Udo Voigt, questionou o número de vítimas causado pelo “holocausto” na passada segunda-feira numa entrevista efectuada por jornalistas iranianos, “Seis milhões não pode estar correcto. No máximo poderão ter morrido cerca de 340.000 pessoas em Auschwitz”, afirmou o mesmo. “Os judeus dizem sempre que: ‘mesmo que tivesse morrido só um judeu, isso já era um crime.’ Mas é claro que há uma diferença enorme, quando temos que pagar indemnizações, entre seis milhões de pessoas e 340.000”, acrescentou ainda o líder do Partido Nacional Democrata.

O presidente da comissão interna Assembleia Nacional, Sebastian Edathy, do Partido Social Democrata, já ouviu a entrevista e confirmou que iria efectuar uma queixa crime contra o líder do NPD, uma vez que questionar o “holocausto” judeu na Alemanha é considerado um crime público. Vários políticos “democratas” alemães tentaram cortar os fundos ao NPD a semana passada, mas tal proposta não obteve sucesso uma vez que a Constituição alemã estipula que todos os partidos políticos

devem ser tratados de igual modo. O governo alemão já tentou ilegalizar o NPD, mas uma vez que as provas apresentadas contra o mesmo tinham sido construídas por agentes dos serviços secretos infiltrados no partido – alguns desde a sua fundação – os procedimentos legais confirmaram o direito ao NPD em existir como partido.

12/12/07

http://pt.altermedia.info/internacional/udo-voigt-presidente-do-npd-questiona-numero-de-mortos-do-holocausto-em-entrevista-dada-a-jornalistas-iranianos_603.html

FOGO GREGO

Autor 'Neonazi' Levado a Tribunal na Grécia

Um militante [= escritor, advogado] Grego 'neonazi' foi a julgamento por ter escrito um livro em que negava o Holocausto e por chamar as pessoas Judias de "sub-humanas". No julgamento, o primeiro deste género na Grécia, foi visto um grupo de neonazis a fazerem a saudação de Hitler pelos corredores do Tribunal e a colagem e distribuição de propaganda anti-semita. Estiveram também presentes uma considerável quantidade de membros da comunidade Judaica, respondendo a um chamado do Conselho Central Judeu da Grécia (KIS). **Konstantinos Plevris** é acusado de incitar ao ódio e à violência racial com seu livro de 2006 com 1,400 páginas, *Judeus: Toda a Verdade* em que afirma que os Judeus são "inimigos mortais" e que merecem "um pelotão de fuzilamento".

V. L'affaire Plevris <http://www.vho.org/aaargh/fran/livres8/PLEVRIS.pdf>

EXPRESS

O Que é o Revisionismo do Holocausto?

A palavra "Revisionismo" deriva do Latim "revidere", que significa "ver novamente". A revisão de teorias guardadas há muito tempo é perfeitamente normal. Acontece nas ciências da natureza assim como nas ciências sociais, à qual a disciplina da história pertence. A ciência não é uma condição estática. É um processo, especialmente para a criação de conhecimento pela pesquisa de provas e evidências. Quando a investigação decorrente encontra novas provas ou quando os pesquisadores descobrem erros em velhas explicações, acontece frequentemente que as antigas teorias têm que ser alteradas ou até abandonadas.

Por "Revisionismo" queremos dizer investigação crítica baseada em teorias e hipóteses no sentido de testar a sua validade. Os cientistas precisam de saber quando novas provas se modificam ou contradizem velhas teorias; na realidade, uma das suas principais obrigações é testar concepções tradicionais e tentar refutá-las. Apenas numa sociedade aberta na qual os indivíduos são livres de desafiar teorias comuns é nós podemos certificar a validade dessas mesmas teorias, e estar confiantes de que estamos a aproximarmo-nos da verdade. (...)

O que defende, afinal, o Revisionismo do Holocausto?

Primeiro de tudo, devido a falsas representações pelos média, é necessário clarificar o que é que o Revisionismo do Holocausto não afirma:

- não é negado que os Judeus foram perseguidos sob o regime do Terceiro Reich;
- não é negado que os Judeus foram privados de direitos civis;
- não é negado que os Judeus foram deportados;
- não é negada a existência de guetos Judeus;
- não é negada a existência de campos de concentração;
- não é negada a existência de crematórios nos campos de concentração;
- não é negado que Judeus morreram pelas mais variadas razões;
- não é negado que outras minorias foram também perseguidas, como ciganos, Testemunhas de Jeová, homossexuais e dissidentes políticos;
- e, finalmente, não é negado que todas as coisas acima mencionadas foram injustas.

Nenhuns destes crimes do regime Nacional-socialista são postos em dúvida pelo Revisionismo do Holocausto. Na visão dos Revisionistas, porém, todas estas injustiças nada têm a ver com o Holocausto, o qual é caracterizado por ter sido um assassinio em massa planejado e organizado, levado a cabo especificamente em câmaras de gás homicidas.

Para saber mais sobre este assunto, clicar [aqui](#).

<http://revisionismoemlinha.blogspot.com/2007/12/o-que-o-revisionismo-do-holocausto.html>

A RAZÃO ERA SIMPLES

Ex presidente italiano defende que 11 de Setembro teve dedo da Mossad e da CIA

O ex presidente italiano, o homem que revelou a existência da Operação Gládio, **Francesco Cossiga** veio a público acerca do 11 de Setembro relatando ao jornal mais respeitado de Itália que os ataques foram levados a cabo pela CIA e pela Mossad e que isto é de conhecimento geral no seio de todos os serviços secretos do mundo.

Cossiga foi eleito presidente do Senado italiano em Julho de 1983 antes de ganhar as eleições de 1985 e ter sido eleito presidente do país.

Cossiga ganhou o respeito dos partidos da oposição como sendo um espécime duma espécie rara – um político honesto – e liderou o rumo do país durante sete anos, até 1992.

A tendência de Cossiga falar demais irritou o sistema político italiano e o mesmo foi forçado a demitir-se depois de revelar a existência da Operação Gládio, bem como a sua participação na mesma – uma operação encoberta sob os auspícios da OTAN que levou a cabo diversos atentados por toda a Europa nos anos 60, 70 e 80.

A especialidade da Gládio era levar a cabo “operações de falsa bandeira”, ataques terroristas cujas culpas da autoria eram atribuídas à oposição interna e geopolítica.

As revelações de Cossiga contribuirão para uma investigação parlamentar da Gládio em 2000 no decorrer da qual se tomou conhecimento de que os ataques desta eram supervisionados pelo aparato dos serviços secretos dos EUA.

Em Março de 2001 o agente da Gládio, Vincenzo Vinciguerra, testemunhou sob juramento que “Tínhamos que atacar civis, o povo, mulheres, crianças, pessoas inocentes, desconhecidos que nada tinham a ver com a política. A razão era simples: forçar... a opinião pública a virar-se para o Estado e exigir maiores medidas de segurança.”

As novas revelações de Cossiga foram publicadas no mais antigo jornal da Itália, Corriere della Sera. Reproduzimos uma tradução em bruto.

*“[O Bin Laden supostamente confessou] o ataque da Qaeda em Setembro às duas torres de Nova Iorque, afirmando ter sido o autor do ataque de dia 11, enquanto que **todos os serviços secretos da América e da Europa... sabem actualmente que o desastroso ataque foi planejado e realizado pela CIA americana e pela Mossad com o auxílio do mundo sionista com o propósito de acusar os países árabes de modo a induzirem os poderes ocidentais a participarem nos ataques ao Iraque e ao Afeganistão.**”*

Cossiga exprimiu pela primeira vez as suas dúvidas acerca do 11 de Setembro em 2002, e é citado no livro de **Webster Tarpley** como tendo dito que “*O responsável por trás dos ataques deve ter uma mente sofisticada, deve também ter ao seu dispor muitos meios que lhe tenham permitido não só recrutar kamikazes fanáticos mas também pessoas altamente qualificadas. Digo mais: tal não seria possível sem infiltrações no pessoal de responsável pelos radares e pela segurança de voo.*”

Vindo de um respeitado ex cabeça de Estado, as afirmações de Cossiga acerca dos ataques de 11 de Setembro terem sido um acto interno e que isso é do conhecimento geral no seio de todos os serviços secretos do mundo, é muito improvável que tal seja mencionado em qualquer órgão de comunicação social do sistema, uma vez que tal como outros ex funcionários governamentais sóbrios, militares, profissionais da força aérea aos quais se juntam centenas de professores e de intelectuais – o mesmo não pode ser descartado como sendo mais um maluquinho das teorias da conspiração. [[leia esta notícia na íntegra](#)]

<http://revisionismoemlinha.blogspot.com/>

Legislação Contra o Anti-semitismo e a Negação do Holocausto: concebidas em Israel

Este capítulo apresenta a legislação daquilo que é definido como "anti-semitismo" e "negação do Holocausto", explicitamente e numa linguagem de lei, demonstrando como uma ofensa é definida de forma diferenciada a nível de legislação e a forma como se pode lidar com a conservação dos direitos humanos pertencentes a qualquer grupo. Neste resumo há, pelo menos, sete países que desenvolveram uma legislação específica para lidar com o assunto do anti-semitismo. [leia esta notícia na íntegra]
[Johnny Drake]

UM VIGARISTA

André Rogerie - um corropio entre campos de extermínio nazis e blocos hospitalares em Auschwitz

André Rogerie, tinha 21 anos quando foi preso pela Gestapo a 3 de Julho de 1943, quando tentava juntar-se às tropas francesas no Norte de África. Passou pelos campos de Buchenwald, Dora, Maidanek, Auschwitz, Gross-Rosen, Nordhausen e Harzungen.

Em 1945, escreveu uma obra intitulada "**Vivre c'est Vaincre**" [Viver é Vencer]. Este livro foi escrito após o regresso da sua deportação, porque desde 1943, André estava animado pela convicção de que era necessário fazer saber ao mundo o que ele lá viveu e o que ele lá viu.

No prefácio da reedição do seu livro, em 1988, escreveu: "*Tendo assistido pessoalmente ao que se chama hoje «Holocausto», creio ser o meu dever, como testemunha ocular, de imprimir novamente este documento histórico para que aqueles que procuram a verdade sobre este período encontrem um testemunho autêntico*". Contra os negacionistas, André Rogerie traz-nos o testemunho de um deportado que viu o genocídio dos Judeus.

Tendo subido ao posto de General, André Rogerie recebeu em 1994 o prémio "**Mémoire de la Shoah**" [Memória do Holocausto Judeu] da Fundação Bushmann. A 16 de Janeiro de 2005, no Hôtel de Ville em Paris, por ocasião da comemoração da libertação do campo de extermínio de Auschwitz, André foi, a par com a senhora Simone Veil, um de dois sobreviventes dos campos a testemunhar.

André Rogerie foi deportado para Dora, adoeceu, foi considerado inapto para o trabalho e, depois de algumas peripécias, chega a Auschwitz-Birkenau em Abril de 1944, nessa altura ele não pesa mais de quarenta quilos.

«*Os prisioneiros com fatos às riscas estão lá para nos receber. É um comando especial. Em geral são muito simpáticos e ajudam-nos a descer, e depois a subir para os camiões. Estamos muito cansados, chegamos extenuados e a ajuda que nos deram não foi inútil*» (pág. 63).

André Rogerie depois de passar pela desinfecção vai para um bloco de quarentena. Ao fim de cinco semanas, pesa 43 kg. Ao ver o seu estado de magreza, o médico envia-o para o campo-hospital (pág. 69): «*fomos colocados num bloco muito simpático. O chão está coberto com um pavimento, há janelas, as camas estão espaçadas umas das outras, os cobertores são bons. A sopa é abundante e pela primeira vez desde há uns tempos eu comia o suficiente*» (pág. 69).

Ao verificar-se que tinha sarna, foi enviado para o bloco 15, «*reservado às doenças de pele*» (pág. 70). «*Todos os dias, o suplemento de sopa é distribuído àqueles que estão mais magros [...] vou portanto para a fila (sempre em camisa) para o meu suplemento*». «**Em poucos dias, voltei a ter cinquenta quilos. Graças às pomadas do doutor Landemann, a minha pele está completamente sarada**» (pág. 71).

No dia em que devia finalmente sair do hospital para trabalhar, André Rogerie ficou com febre: «*Os médicos auscultaram-me uns após outros e desconfiaram que eu tinha malária. O doutor Herz recolheu uma gota do meu sangue para que fosse estudada no microscópio [...] o laboratório respondeu na manhã seguinte a dizer que a malária não foi detectada. Eu tenho o sangue muito puro [...]. Continuo portanto a viver no bloco 15 com a minha pequena febre semanal [...]. Pouco a pouco, graças aos bons cuidados de Piccos, a agulha da balança sobe e*

em Julho eu já peso 56 quilos» (pág. 72).

*«Eis que, ainda por cima, eu contraí uma doença do couro cabeludo que é tratada por depilação. É necessário rapar todo o cabelo, pêlo a pêlo. Para isso, sou levado para o campo das mulheres para ir ao aparelho de raios X, porque **não falta nada em Birkenau**».*

Pouco depois, André Rogerie seria inscrito num comando de trabalho.

Comentário:

Poucos deportados terão tido tanta sorte como o prisioneiro André Rogerie. Não só passou incólume por sete campos de extermínio - Buchenwald, Dora, Maidanek, Auschwitz, Gross-Rosen, Nordhausen e Harzungen, como, dentro do campo de extermínio de Auschwitz, **correu quase todos os blocos hospitalares do campo:**

André Rogerie depois de passar pela desinfecção foi para um bloco de quarentena. Cinco semanas depois o médico envia-o para o campo-hospital. Ao verificar-se que tinha sarna, foi enviado para o bloco 15, reservado às doenças de pele. Ao contrair uma doença no couro cabeludo tem de ir ao aparelho de raios X que fica situado no campo das mulheres.

Em face da existência de tantos blocos hospitalares no campo de extermínio de Auschwitz, é difícil discordar de André Rogerie: *«**não falta nada em Auschwitz-Birkenau**».*

POSTED BY DIOGO DEZEMBRO 18, 2007
<http://cidadino.blogspot.com/>

FIADA

Sabão Humano - uma pequena nódoa na história do Holocausto Judeu

Uma das mais pavorosas reivindicações dos defensores do Holocausto Judeu foi **a história da produção de sabão dos corpos das suas vítimas por parte dos alemães. Esta acusação foi «provada» no principal tribunal de Nuremberga de 1945-1946, e foi oficialmente confirmada por numerosos historiadores nas décadas seguintes.** Mais recentemente, contudo, como parte de uma ampla retirada dos aspectos mais obviamente insustentáveis da história «ortodoxa» do extermínio judaico, historiadores do Holocausto admitiram de má vontade que **a lenda do sabão humano era uma mentira da propaganda de guerra.** Permanecem, contudo, ainda alguns restos desta lenda:
http://cidadino.blogspot.com/2007_11_01_archive.html

A PROPOSITO DAS INCONTAVEIS TESTEMUNHAS DO HOLOCAUSTO

Simon Wiesenthal, um negacionista do Holocausto disfarçado de caçador de nazis?

O Site scrapbookpages.com (Páginas_do_Álbum_de_Recortes.com) é um site com bastante informação sobre o Holocausto. Na secção «**About Us**» informam-nos:

«Este website não está ligado a nenhuma organização e não tem nenhuma agenda política. O nosso objectivo é fornecer informações aos turistas sobre o que podem esperar sobre lugares com interesse histórico como os campos de concentração de Dachau, Auschwitz e Theresienstadt.»

No último parágrafo da página Survivors (Sobreviventes) do campo de concentração de Mauthausen do site scrapbookpages.com, **temos o paradoxal testemunho de um dos mais célebres sobreviventes do Holocausto:**

Simon Wiesenthal

Simon Wiesenthal, um judeu nascido na Áustria em 1908, é talvez o mais conhecido sobrevivente do campo de concentração de Mauthausen. Wiesenthal chegou a Mauthausen em Fevereiro de 1945, após ter sido evacuado do campo de concentração de Auschwitz-Birkenau.

Wiesenthal é um dos poucos sobreviventes de Mauthausen que afirma que não existiam câmaras de gás nesse campo. Wiesenthal trabalhou para o Gabinete de Crimes de Guerra norte-americano de 1945 até 1947 e fundou o Centro de Documentação Judaico em Linz (na Áustria) em 1947. Mudou-se para Viena em 1961 e tem trabalhado incansavelmente na caça de criminosos de guerra nazis. O Simon Wiesenthal Center em Los Angeles é assim chamado em sua honra.

Mas a negação, por parte de Simon Wiesenthal, da existência de câmara de gás em Mauthausen **vem contrariar centenas de testemunhas**, incluindo o próprio comandante do campo, Frank Ziereis:

Segundo a versão oficial, poucos dias depois de 3 de Maio de 1945, o comandante do campo **Frank Ziereis** deixou o campo de Mauthausen, na companhia da sua mulher, mas foi perseguido por soldados americanos que o encontraram na sua cabana de caça no monte Phyrn na Upper Austria (um Estado da Áustria) a 23 de Maio de 1945. Segundo o seu biógrafo, Ziereis foi alvejado três vezes e ficou gravemente ferido enquanto tentava escapar. Depois da sua morte, um ou dois dias depois fruto dos ferimentos, os soldados americanos entregaram o seu corpo aos ex-prisioneiros, que enforcaram o cadáver numa cerca do campo de Gusen, onde o corpo foi deixado várias semanas. Nesta versão da história, Ziereis foi interrogado por Hans Marsalek e Francisco Boix (ex-prisioneiros) enquanto esteve moribundo.

Na sua confissão, que foi escrita de memória dez meses depois por Hans Marsalek, um dos prisioneiros que o interrogou, **Frank Ziereis nomeou o Dr. Krebsbach como o homem responsável para colocar em funcionamento a câmara de gás em Mauthausen.** Também confessou ter pessoalmente conduzido uma «Gas Van» (camioneta de caixa fechada onde as vítimas morriam envenenadas com o monóxido de carbono proveniente do motor) entre Mauthausen e Gusen, matando prisioneiros com monóxido de carbono pelo caminho.

E ainda tantas outras testemunhas:

Quando o Terceiro Exército libertou o infame Campo de Concentração Nazi de Mauthausen a 5 de Maio de 1945, **encontraram corpos de vários prisioneiros mortos na câmara de gás.** De acordo com o Museu de Mauthausen o ultimo gaseamento de prisioneiros no campo principal aconteceu a 28 de Abril de 1945, a semanas apenas da libertação.

A 21 de Abril de 1945, a Cruz Vermelha começou a evacuar prisioneiros do campo, **mas a operação de gaseamentos ainda continuou** durante o tempo em que o representante da Cruz Vermelha, Louis Haeflig, esteve no campo. Uma marca na câmara de gás diz-nos hoje que Ludwig Haider foi gaseado a 23 de Abril de 1945, no mesmo dia em que uma camioneta da Cruz Vermelha levou alguns prisioneiros seleccionados para fora do campo, com a permissão do comandante.

Um prisioneiro de guerra americano, o tenente Jack Taylor, disse aos libertadores que esteve **marcado quatro vezes para morrer na câmara de gás**, mas que foi salvo por outros prisioneiros. A próxima data para o seu gaseamento seria 6 de Maio de 1945, mas os libertadores americanos salvaram-no no momento exacto.

Pierre-Serge Choumoff, um "Nacht und Nebel" ("Noite e Nevoeiro" - activista contra o regime nazi) prisioneiro do sub-campo Gusen, escreveu num dos seus livros que **a câmara de gás de Mauthausen foi colocada em funcionamento em Março ou Maio de 1942** e que 3.455 prisioneiros foram gaseados. Escreveu também que os guardas SS removeram o equipamento de gaseamento da câmara a 29 de Abril de 1945, no dia em que o comandante Franz Ziereis entregou o campo à polícia de Viena. Uma marca na câmara confirma que os instrumentos de gaseamento foram retirados a 29 de Abril de 1945.

O narrador de um filme mostrado no Museu de Mauthausen confirma que as SS saíram a 3 de Maio de 1945 depois de removerem os instrumentos de gaseamento a 2 de Maio. O narrador explica que **os prisioneiros eram gaseados "porque as metralhadoras eram demasiado barulhentas"**. Contudo, o local das execuções onde os prisioneiros condenados eram mortos em Mauthausen era no mesmo edifício que a câmara de gás, e muito próximo desta.

De acordo com o livro «Mauthausen: A história de um Campo da Morte» ("*Mauthausen: The History of a Death Camp*") de Evelyn Le Chene, calcula-se que um número combinado de **10.000 pessoas foram executadas por gaseamento na câmara de gás de Mauthausen**, na camioneta Gas Van que circulava entre Mauthausen e Gusen, e nas câmaras de gás do castelo de Hartheim.

Paul Berben, um prisioneiro de Dachau, escreveu no seu livro «Dachau: a história oficial» ("*Dachau: the Official History*") que o médico chefe do campo de Dachau, o Dr. Julius Muthig, **confessou o gaseamento de prisioneiros de Dachau na câmara de gás no campo de Mauthausen.** Na confissão do médico, Berben escreveu que o Dr. Muthig afirmou que "os prisioneiros que não serviam para trabalhar eram sujeitos a eutanásia e transferidos para Mauthausen

para serem gaseados”.

De acordo com o Museu Memorial do Holocausto Norte-Americano em Washington DC, **uma câmara de gás foi construída no campo de concentração de Mauthausen**, “provavelmente em 1941”. Disfarçada de chuveiro, a câmara de gás estava localizada no subsolo por baixo do edifício do hospital, que é agora o Museu no Site do Memorial de Mauthausen. Em relação à câmara de gás, o website do Museu Americano tem a seguinte informação:

“Enquanto a maior parte dos prisioneiros eram mortos a tiro, enforcados, espancados, com fome e por doença, **Mauthausen tinha uma câmara de gás capaz de matar cerca de 120 pessoas de cada vez**. A câmara de gás era normalmente utilizada quando transportes de prisioneiros chegavam. Demonstrações especiais de assassinios em massa eram organizados em honra da visita de dignitários nazis, tais como Heinrich Himmler, Ernst Kaltenbrunner, e Baldur von Schirach, que tinham oportunidade de observar os assassinios através de uma pequena vigia na porta de entrada.”

“Periodicamente, prisioneiros do sistema de campos de Mauthausen submetiam-se a selecções. Aqueles que os nazis consideram demasiado fracos ou doentes para trabalhar eram separados dos outros prisioneiros e **mortos na própria câmara de gás de Mauthausen**, em camionetas «Gas Van» ou no vizinho centro de morte por eutanásia de Hartheim. Os médicos do campo na enfermaria usavam injeções de fenol para matar doentes demasiado fracos para andarem.”

Comentário:

E agora viveremos eternamente na dúvida: **existia de facto uma câmara de gás no campo** de concentração de Mauthausen, como atestam centenas de testemunhas, **ou não existia nenhuma câmara de gás**, como assevera Simon Wiesenthal, o caçador de nazis que lá esteve internado?

POSTED BY DIOGO NOVEMBRO 05, 2007
http://cidadino.blogspot.com/2007_11_01_archive.html

BRASIL

Negação do Holocausto pode virar crime

Sônia Baiocchi

O Projeto de Lei 987/07, do deputado **Marcelo Itagiba** (PMDB-RJ), torna crime a negação do Holocausto e de outros crimes contra a humanidade, com a finalidade de incentivar ou induzir a prática de atos discriminatórios ou de segregação racial. “Não podemos permitir o esquecimento, muito menos a negação da vergonhosa mortandade de milhões de pessoas, em especial daqueles pertencentes a grupos minoritários nos campos de concentração nazista”, afirma o parlamentar.

Itagiba lembra que as “teses absurdas” que negam o genocídio de judeus, ciganos e homossexuais começaram a ser veiculadas no início na década de 50 e ficaram populares na França nos anos 70. Diante disso, Alemanha, Áustria, Bélgica, Holanda, Polónia, Espanha, Portugal, Itália e a França passaram a considerar crime essa conduta.

De acordo com o projeto de Itagiba, quem negar a ocorrência do Holocausto ou de outros crimes contra a humanidade ficará sujeito a **reclusão** de um a três anos e multa. Mesma pena previstas na Lei 7.716/89 para quem fabricar, comercializar, distribuir ou veicular símbolos ou propaganda que utilizem a suástica para divulgação do nazismo.

Tramitação

O projeto será analisado pelas comissões de Direitos Humanos e Minorias; e de Constituição e Justiça e de Cidadania antes de ser votado pelo Plenário.

Câmara dos deputados (Brasil)
<http://www2.camara.gov.br/internet/homeagencia/materias.html?pk=116012>

Justificativa

Recentemente, vimos surgir no mundo globalizado outra faceta de racismo, mais ardilosa e, talvez, mais perigosa, que temos o dever de coibir.

No último mês de dezembro, foi realizada, em Teerã, uma conferência, intitulada “O Holocausto, a visão internacional”, com duração de dois dias e participação de 150 especialistas e pesquisadores internacionais.

Em face dessa manifestação contestando o morticínio de milhões de judeus pelo regime nazista, a Organização das Nações Unidas (ONU), condenou a negação desse nefasto evento histórico, no todo ou em parte. Esta decisão foi apoiada por 103 países.

As absurdas teses que pretendiam negar o genocídio dos judeus, ciganos e homossexuais tiveram início da década de 50 e ecoaram na França nos anos 70. Em razão deste movimento países como Alemanha, Áustria, Bélgica, Holanda, Polónia, Espanha, Portugal, Itália e na própria França, hoje se considera crime a “negação do Holocausto”.

O Parlamento Europeu, como resultado dos trabalhos do Ano Europeu Contra o Racismo, em 1997, baixou Resolução na qual, em face de existirem setores da população com atitudes racistas e xenófobas, propôs que os estados membros passem a classificar como crime a instigação ao ódio racial ou à xenofobia, e outros atos correspondentes, bem como a *negação do Holocausto ou delitos contra a humanidade*.

Cita-se como exemplo, a Lei francesa – Lei nº 90-615/90, que tipifica penalmente a **negação de crime contra a humanidade, o chamado revisionismo**, diretamente ligado às tentativas de negação do Holocausto. Igualmente, a Lei Orgânica espanhola nº 04/1995 introduziu no Código Penal o artigo nº 607-2 que configura o crime de negação do genocídio, além de criar uma política voltada para reforçar a igualdade. Portanto, na linha de se contrapor ao chamado *revisionismo* e *negacionismo*, o legislador espanhol estabeleceu como delito a negação do Holocausto ou de outro crime contra a humanidade.

Portugal, também, alterou o art. 288 do seu Código Penal em 1988, para incluir entre os crimes de discriminação racial a difamação ou a injúria por meio da negação “de crimes de guerra ou contra a paz e a Humanidade”. No caso, as ofensas apenas são punidas se há “intenção de incitar à discriminação e repressão de fenômenos de etiologia racista”.

Efetivamente, não podemos permitir o esquecimento, muito menos a negação do vergonhoso morticínio de milhões de pessoas, especial, daquelas pertencentes a grupos minoritários nos campos de concentração nazistas. Não podemos admitir que em menos de cinquenta anos deste crime contra a humanidade, grupos de nazistas, de neonazistas e de anti-semitas tentem afirmar que o Holocausto não tenha existido.

O Parlamento brasileiro não pode isentar-se de um assunto de tal relevância, razão pela qual, propomos o presente projeto de lei, que reputamos oportuno e por entendermos que a propositura por nós apresentada não interfere ou limita a liberdade de expressão, o debate ideológico e a discussão de idéias, base do Estado Democrático de Direito, contamos com o apoio dos ilustres pares, para a aprovação desta matéria.

Deputado **Marcelo Itagiba**

28/12/2007 13h02

<http://holocausto-shoah.blogs.sapo.pt/2007/05/>

SITUAÇÕES DE RISCO

UNIVERSIDADE ITALIANA BOICOTA O PAPA DO NEGACIONISMO

O reitor da Faculdade de Ciência Política de Teramo decretou o fecho da sede da faculdade para impedir a realização de um seminário onde iria participar o negacionista francês Robert Faurisson.

O reitor Mauro Mattioli declarou que «é uma determinação que não queria tomar mas foi a única solução para prevenir situações de risco para os nossos estudantes e para o nosso pessoal». A decisão do reitor foi tomada após a mobilização de centenas de docentes, homens e mulheres da cultura, jornalistas e antigos deportados contra a presença do negacionista Faurisson.

21 DE MAIO DE 2007

<http://holocausto-shoah.blogs.sapo.pt/2007/05/>

DE LOUCOS...

No mesmo dia (15 de Abril) em que se celebram um pouco por todo o mundo as cerimónias de recordação das vítimas do Holocausto, em Santiago do Chile acontece um encontro bizarro denominado «Holocausto ou Holocuento?». Organizado pelo Instituto Revisionista por la Libertad de Expresion tem o patrocínio de uma Universidade de Concepción e da Editorial Científica 'Serguei Nilus'.



Não deixa de ser curioso que uma pretensa editora científica tome o nome do falsário Serguei Nilus, primeiro editor russo dos *Protocolos dos Sábios de Sião*. Colaboram na iniciativa o site neo-nazi *Libre Opinión*, a *Rádio Islão*, do muçulmano e panfletário nazi Ahmed Rami, e a Asociación de Jóvenes por Palestina. Entre os oradores encontramos Miguel Serrano, papa espiritual dos neo-nazis místicos que gosta de posar junto a fotos do jovem Adolfo, e Pedro Varela, antigo *fuhrer* de uma organização neo-nazi espanhola.

Que dois nazis de opereta queiram dar uma conferência para quatro cabeças rapadas é um direito que lhes assiste. Mas o que motiva David Feuerstein, presidente da Sociedad Chilena para Yad Vashem, vir caucionar e promover este acontecimento?

<http://holocausto-shoah.blogs.sapo.pt/2007/04/>

CHANTAGEM

24 de julho de 2007

Dinamarca premeia negacionista

O Centro Simon Wiesenthal pediu ao Primeiro-ministro dinamarquês, Anders Fogh Rasmussen, que anulasse prémio monetário atribuído pelo Conselho das Artes do Ministério da Cultura (Kunst

Raadet) a **Erik Haaest**, mais conhecido como «o Céptico da Shoah».

No protesto redigido o director de relações internacionais do Centro Wiesenthal, **Shimon Samuels**, escreve: "Haaest recebeu esta distinção pelo seu trabalho sobre «A Legião Dinamarquesa de Libertação na Frente Leste, 1941-45», que dificilmente pode ser considerado como um título de glória nacional dinamarquesa". E acrescenta: "As citações de Haaest da literatura negacionista remetem para o volume de 1959 do *Journal of Historical Review*, publicado pelo Instituto com o mesmo nome, que é frequentado pelos nazis do mundo inteiro."

<http://www.ihr.org/main/journal.shtml>

Samuels cita a secção cultural do *DR Nyheder* que na **legenda de uma câmara de gás**, escreve: "Erik Haaest coloca em dúvida a existência de câmaras de gás no campo de concentração de Auschwitz, na Polónia". Outra publicação afirma que Haaest qualificou o «Diário de Anne Frank» de **escroqueria**.

O protesto do Centro Wiesenthal termina afirmando: "O prémio que o vosso governo deu a Haaest viola os compromissos da Dinamarca para com a Comissão Europeia e a Organização para a Segurança e a Cooperação na Europa. Este acto legitima a negação da Shoah, o incitamento ao antisemitismo, é um insulto aos sobreviventes da Shoah e às famílias de todas as vítimas do nazismo. O nosso Centro pede que este prémio seja retirado e que seja aberto um inquérito para o apuramento de responsabilidades".

"O silêncio será interpretado pelos propagadores do ódio como uma aprovação", declarou Samuels.

<http://holocausto-shoah.blogs.sapo.pt/2007/07/>

MERGULHADOR

A política da memória

por **Esther Mucznik**

Investigadora de temas judaicos

No passado dia 4 de Agosto, morreu **Raul Hilberg**, o grande historiador do Holocausto. A imprensa sublinhou a morte de um "ícone". A verdade é que Hilberg morreu como sempre viveu: só, intelectualmente só. O seu destino foi traçado pelo turbilhão da primeira metade do século XX: filho único de uma família judia originária do Nordeste do Império Austro-Hungaro, de língua polaca e emigrada para Viena no princípio do século XX, refugiou-se com a sua família em 1939 nos Estados Unidos. Raul tinha 13 anos e a sua primeira lembrança, enquanto viajava de autocarro de Miami em direcção a Nova Iorque, foi a inscrição nos bancos reservados para "as pessoas de cor". "Eu, que não estava autorizado a sentar-me nos bancos dos parques de Viena com a inscrição *Nur für Arier* (só para arianos), acabava de ser catapultado para um escalão superior ao de muitos americanos nascidos na América", escreveu ele no seu derradeiro livro, *A política da memória*. Tal como os seus pais, trabalha numa fábrica enquanto acaba o liceu e inicia os estudos de Química, que interrompe aos 18 anos, quando é mobilizado para o exército, em 1944. Sob uniforme americano, parte para a Europa, onde assiste ao final da guerra e onde algumas questões que o perseguirão ao longo da vida começam a aflorá-lo: "Numa noite de Abril de 1945, na Baviera, eu contemplava o solo juncado de cadáveres de alemães mortos e rechaçados pela nossa artilharia, depois de uma tentativa desesperada de assalto. O que tinha levado esses homens num estádio terminal da guerra a precipitarem-se em direcção a uma morte quase certa? Porque obedeceram a uma ordem dessas? Porque não se amotinaram?". De volta a Nova Iorque, Raul Hilberg abandona definitivamente a Química e concentra-se na História e nas Ciências Políticas. A sua origem austríaca e europeia, a deportação e a morte de avós, tios e primos no Holocausto e a sua estadia na Europa no final da guerra determinam o tema a que dedicará toda a sua vida: a destruição dos judeus da Europa. Esta destruição, Hilberg não a vê como um massacre no sentido clássico do termo: "Era infinitamente mais, e esse "mais" residia no zelo de uma burocracia muito elaborada e disseminada.

A burocracia formava um mundo secreto, um mundo negligenciado, e, a partir do dia em que o compreendi, nada me fez recuar na tentativa de forçar as suas janelas cerradas e as suas portas aferrolhadas". Esta perspectiva leva Hilberg a interessar-se pelos executores alemães. A destruição dos judeus era uma realidade alemã e, em sua opinião, seria impossível apreender a verdadeira dimensão do genocídio nazi sem conhecer os mecanismos dos actos dos executores. "A certeza de que a

perspectiva do executor oferecia a primeira pista a seguir tornou-se para mim uma doutrina que nunca mais abandonei." A análise, durante o julgamento de Nuremberga, da correspondência interna dos nazis permitiu-lhe formular as suas primeiras hipóteses: a destruição dos judeus não foi uma operação centralizada, mas obra de um aparelho burocrático com vida própria que se estendeu a todos os grandes sectores da sociedade alemã; a "Solução Final" não foi um plano preconcebido, mas sim um processo com uma lógica interna que levava a que cada etapa fosse condição necessária da seguinte, cada vez mais gravosa: primeiro, a definição de quem era judeu; depois, a sua concentração; finalmente, o seu aniquilamento. Ao iniciar a sua investigação, Hilberg sabia que entrava num território até então evitado pelos especialistas e pelo público. Com efeito, vivia-se uma época em que ninguém estava interessado nesse tema: incentivava-se aqueles a quem as lembranças torturavam - os sobreviventes - a esquecer, e a preocupação que presidia ao julgamento de Nuremberga era mais a de fechar um ciclo do que entender a história da Alemanha. Prematura, a tese de Hilberg, representava um passado que não se queria evocar. Durante mais de sete anos, Hilberg viveu mergulhado num mundo à parte, analisando dezenas de milhares de documentos exclusivamente de fontes alemãs, sem descurar os mais anódinos: "Ao longo do meu trabalho, nunca comecei pelas grandes questões, porque receava magras respostas", dirá mais tarde a Claude Lanzmann, autor do documentário *Shoah*.

Terminada em 1955, só em 1961 Hilberg conseguiu editor para a sua obra. Mas a publicação passou quase despercebida do grande público e, de uma forma geral, não foi bem recebida pelos especialistas. Com efeito, Hilberg demonstrava que o massacre dos judeus tinha sido um acto nacional, no qual os alemães tomaram parte como nação, contrariando frontalmente a tese então dominante de que regime nazi era uma aberração da história, imposto contra a vontade da população. Por outro lado, em contradição absoluta com a visão do recém-criado Yad Vashem, de Jerusalém, que, sobretudo nos primeiros anos, privilegiava o lado heróico dos resistentes judeus, **Hilberg sustentava que a passividade judaica tinha contribuído para o seu próprio processo de destruição**. Mas, à diferença de Hannah Arendt, que centrava nos dirigentes judaicos da época as suas acusações, Hilberg analisava a tradição milenária "que levava os judeus a confiarem em Deus, nos príncipes, nas leis e nos contratos", assim como a convicção alicerçada pela história de que "o perseguidor não destruiria o que podia explorar do ponto de vista económico".

Um dia, perante um anfiteatro completamente cheio de estudantes que lhe colocavam pela milésima vez a questão do porquê da ausência de revolta judaica, Hilberg, farto de explicar o terror nazi, a rapidez do esmagamento dos exércitos inimigos - e a passividade ou colaboração de grande parte das populações europeias -, o isolamento, a desorientação e o desarmamento judaico, resolveu responder de outra maneira: "Quem é judeu, entre vós?", perguntou. A grande maioria levantou a mão. "Quem possui uma arma em casa?" Apenas algumas mãos se levantaram. "Apenas quatro ou cinco", concluiu Hilberg. "Ora sabemos que a maioria dos americanos tem armas em casa. E vocês ainda ousam perguntar-me porque razão, em 1940, os judeus da Europa não se defenderam?"

Em 1998, participei com Raul Hilberg, em Paris, num colóquio internacional, organizado pelo Centro de Documentação Judaica Contemporânea. Dos numerosos historiadores, investigadores e arquivistas reunidos durante três dias para fazer o balanço da investigação sobre o Holocausto, a minha lembrança mais viva é a dele. Raul Hilberg mantinha-se fiel a si próprio: recusando os floreios, a visão ideológica, a ênfase das questões, a manipulação dos textos. Como toda a sua obra, a sua intervenção foi sem compromissos: "O escritor usurpa a verdade; substitui um texto a uma realidade que se desvanece rapidamente. As palavras tomam, assim, o lugar do passado e retemos mais as palavras do que os acontecimentos. A nossa responsabilidade é, pois, única"...

2007.08.16, *Público*

<http://holocausto-shoah.blogs.sapo.pt/2007/08/>

A MENTIRA FINAL

Histórico da Negação do Holocausto na Alemanha

Una publicación de: Tribuna Israelita

No verão de 1942 Heinrich Himmler, Reichführer [=Reichsführer] e chefe da polícia alemã, ordenou a criação de um campo de concentração em umas antigas barracas proximidades do povoado de Oswiecim, no distrito de Kattowitz, Polónia. Poucos anos depois, Auschwitz-Birkenau se

converteria no maior campo de extermínio construído pelos nazis em terreno polonês, símbolo do genocídio dos judeus europeus durante a Segunda Guerra Mundial e peça central da consciência nacional do povo germânico. Dita consciência coletiva do Holocausto se caracteriza pela presença de sentimentos de culpa e vergonha. Parte da população manifesta seu sentir buscando a “salvação através do filosemitismo emocional”. Muitos outros, ao tratar de despojar-se dessa culpabilidade introjectam um novo ressentimento face aos judeus, justificando os crimes cometidos pelos nazis mediante a negação sistemática dos fatos históricos, fenômeno que tem sido descrito como a “segunda culpa”. Estudos recentes sobre as tendências antisemitas na Alemanha e a negação do Holocausto demonstram que a hostilidade perante os judeus surge de um ressentimento que poderia descrever-se como um “antisemitismo secundário”, isto é, que deriva da dificuldade de confrontar o passado.

Da Apologia a Negação

Através dos “Julgamentos de Nuremberg”, testemunhas e sobreviventes do Holocausto nazi revelaram ao mundo crimes impossíveis de se crer. Centos de milés de cidadãos germânicos preferiram ignorar a realidade convertendo-se assim em sujeitos suscetíveis a manipulação.

Os anos quarenta.

Nos primeiros anos do pós-guerra um crescente número de publicações apologéticas inundaram o mercado alemão. Os fatos eram ainda demasiado recentes para se intentar banalizar ou minimizar o Holocausto. Durante os Julgamentos de Nuremberg - levados a cabo entre outubro de 1945 e 1946 - os oficiais nazis não negaram os crimes cometidos, só pretenderam justificar suas ações. Não obstante suas confissões não convenceram a aqueles que se negavam a crer na responsabilidade da Alemanha nazi.

Os anos cinqüenta.

O antisemitismo ressurgiu na República Federal Alemã nos finais da década de cinqüenta. Em tão somente um mês - de dezembro de 1959 a janeiro de 1960 - se perpetraram 470 incidentes motivados por sentimentos antijudaicos. Na Alemanha Ocidental circulavam publicações de extrema-direita de natureza apologética, nas que se defendia a “inocência” dos soldados alemães que “supostamente” desconheciam a existência dos crimes nazis. Posteriormente começaram a editar-se livros - como foi o caso de “Tu também Fostes Parte”, de Peter Kleist - justificando a guerra expansionista de Hitler.

Os anos sessenta.

Depois do impacto d julgamento de Eichmann em Jerusalém(1961) e dos julgamentos de Auschwitz em Frankfurt (1963-1966), a Alemanha começou a aceitar o Holocausto. Sem dúvida, a consciência humana, confrontada com a abundância de informação, permaneceu muda. O tema central dos apologistas desta década foi a denúncia do que eles chamavam de “a mentira culpa-de-guerra”. Nas ditas publicações não se mencionava o extermínio dos judeus.

Os anos setenta.

Quando em 1972, **Willy Brandt**, Chanceler da Alemanha, se ajoelhou ante o monumento construído em memória dos judeus assassinados no Gueto de Varsóvia foi severamente criticado pelos nascentes círculos neonazis. Dessa vez, incrementou-se o vandalismo antijudaico assim como a publicação de documentos que negavam o Holocausto e criavam legendas sobre o “lado positivo” dos crimes do Nacional-Socialismo.

Os anos oitenta.

A diferença dos anos anteriores no que um importante grupo de historiadores alemães aceitava que o antisemitismo havia sido um elemento central da ideologia nazi e descrevia o Holocausto como um evento único na história, durante a década de oitenta se generalizaram os intentos de relativizar os crimes do Terceiro Reich. Tal foi o caso de **Ernst Nolte**, um dos mais controvertidos historiadores alemães, que negou a singularidade do genocídio judeu em sua obra “A Disputa dos Historiadores”.

De acordo com Nolte, “o antisemitismo de Hitler podia ser compreendido como uma resposta legítima e racional a ameaça comunista. De fato, o Führer tão somente imitou as práticas exterminadoras de Stalin”. Assim mesmo, “experts” pseudo-científicos publicaram o **Relatório Leuchter** e nele negavam a existência das câmaras de gás nos campos de concentração alemães, documento que foi utilizado pelos 'revisonistas históricos' para difundir sua propaganda. A circulação de livros e publicações desmentindo ou justificando o Holocausto continuou ao longo desta década, apesar de que em junho de 1985 se integrou ao Código Penal alemão uma lei proibindo a difusão deste tipo de idéias.

Os anos noventa.

Para muitos alemães a divisão da Alemanha depois da Segunda Guerra Mundial constituiu um castigo pelo Holocausto. Por isto a reunificação foi interpretada como uma reabilitação de seu passado nazi. Com a queda do Muro de Berlim, desapareceu o tabu que rodeava o anti-semitismo e se incrementaram os atos de vandalismo contra instituições judias. Depois de prolongados debates em dezembro de 1994, se promulgou uma lei para impôr uma sentença de **cinco anos a quem negasse**

o **Holocausto** e estenderam a proibição ao uso de símbolos e slogans nazis. Não obstante, os revisionistas - como Ernst Nolte - continuam afirmando que a dita ação **restringe o direito constitucional a liberdade de expressão**.

A SITUAÇÃO LEGAL

A negação do extermínio judeu é considerada uma ofensa na Bélgica, Áustria, França, Espanha, Suíça e Alemanha. No caso específico da Alemanha, o parágrafo 194 do Código Penal estipula que a propagação da "mentira de Auschwitz" pode ser perseguida pelas autoridades ex officio quando é cometido publicamente, isto é, sob a forma impressa, em reuniões públicas ou através de meios eletrônicos. Ante a impossibilidade de operar na Alemanha, os "revisionistas do Holocausto" difundem sua propaganda onde não existe uma legislação a respeito como é o caso de Dinamarca, Grã-Bretanha ou países da Europa Oriental.

bibliografia Rembiszewski, Sarah

La Mentira Final: Negación del Holocausto en Alemania -- The Project for the Study of Antisemitism, UTA, Israel, 1996

Mais informações sobre "revisionismo" e neonazismo(em inglês):
<http://www.martinfrost.ws/htmlfiles/neonazism1.html>

Texto original em espanhol: *Negación del Holocausto en Alemania Una publicación de: Tribuna Israelita*

<http://www.jafi.org.il/education/espanol/ciclo/iomhashoa/pages/negacion02.html>

Versão (português): **Carlos Roberto Lucena**

30 DE NOVEMBRO DE 2007

<http://holocausto-doc.blogspot.com/search/label/%22Revisionismo%22>

UMA LENTA EXPANSÃO

Existe um novo anti-semitismo? Entrevista com Raul Hilberg à Revista *Logos*

Extracto [...] LOGOS: Houve uma conferência revisionista no Irã alguns meses atrás. Qual a preocupação que devem ter os estudiosos e o público em geral sobre a capacidade deste tipo de revisionismo de gerar anti-semitismo?

RH: Este revisionismo começou nos anos 60. Não é novo. Boicotei a Alemanha por bastante tempo, mas quando passei por Munique há um bom tempo atrás fui a uma banca e comprei um jornal local de extrema-direita, um jornal alemão, e para meu enorme espanto descobri que eu era mencionado na primeira página como um líder sionista. Agora, isto era uma grande novidade para mim, mas a manchete era: "**A Mentira do Holocausto**". Então, na Alemanha nos anos 60 havia seguidores para esta crença, mesmo que eles lá devessem estar mais bem informados que em qualquer outro lugar. Havia um francês que já publicava sobre isto nos anos 60 [= **Paul Rassinier**]. Metade do seu livro era devotado a mim. [= *Le Drame des juifs européens, Paris, 1964*]. Era uma publicação neo-nazista [**mentira**]. Assim que o meu livro, *A destruição dos judeus europeus*, saiu em 1961, me tornei um alvo destes grupos.

Para mim, os desenvolvimentos seguintes em negação do Holocausto foram apenas uma lenta expansão, nem mesmo um crescimento, mas uma expansão da França e Alemanha para os EUA e para o Canadá, e finalmente chegou ao mundo árabe. O mundo árabe é bastante desorientado quando se trata da Europa, de qualquer maneira. Eles são tão confusos sobre o Ocidente como nós somos em relação a eles. Mesmo assim, a conferência no Irã não foi bem sucedida nem mesmo no Irã – era um problema e dificuldade sem necessidade. Havia iranianos que denunciavam publicamente esta conferência. Então, eu não estou terrivelmente preocupado sobre isto mesmo que no período desta conferência em dezembro último, eu houvesse sido convidado pelo governo alemão para tomar parte em **uma contra-conferência** que ocorreu ao mesmo tempo em Berlim, como o palestrante de honra.

Normalmente não me envolvo em debates com revisionistas do Holocausto. E continuei não fazendo isto em Berlim, mas a essência da minha fala era que, sim, houve um Holocausto, o que é, por sinal, **mais fácil de dizer que de demonstrar**. Demonstrei isto e houve um bom público naquela

conferência. Ainda assim, os jornais alemães não deram publicidade à contra-conferência em Berlim porque eles não podiam resistir a publicar as caras dos rabinos que tinham ido ao Irã.

Cheguei à conclusão, não apenas uma vez, mas várias vezes, que, no que me concerne, **não concordo com a legislação** que torna ilegal fazer pronunciamentos declarando que não houve o Holocausto. Não quero criar amordaças para nada disto porque é um sinal de fraqueza e não de força quando você tenta calar alguém. Sim, tem sempre um risco. Nada na vida é sem risco, mas temos que tomar decisões racionais sobre todas as coisas.

24 DE AGOSTO DE 2007

http://holocausto-doc.blogspot.com/2007_08_01_archive.html

DUVIDAS

É autêntico o Diário de Anne Frank?

O IHR disse (edição original):

Não, as provas recompiladas pelo sueco **Ditlieb Felderer** e o Dr. Robert Faurisson, da França, levam a concluir que o famoso diário é uma invenção literária.

Na edição revisada: Não. As provas recompiladas pelo Dr. **Robert Faurisson**, da França, levam a concluir que o famoso diário é uma invenção literária.

Nizkor responde: **Ditlieb Felderer** é um notório neonazi, que passou um tempo na prisão na Suécia por difundir propaganda racista. É famoso por enviar por correio mechas de cabelo a judeus da Europa, perguntando-lhes sarcasticamente se se pode provar que é cabelo de um judeu gaseado. Também tem escrito um grande número de **repugnantes tratados** sobre sexo e assassinatos nazis. Um que é demasiadamente repulsivo como para transcrevê-lo aqui descreve (sarcasticamente) como influi o cianuro de hidrogênio nas genitais femininas. Parte das "provas" que "recompilou" Felderer é o seguinte texto, no que argumenta com ironia que o diário não pôde ser falsificado totalmente porque parece haver sido escrito por um judeu:

O COMPLEXO ANAL *Acreditamos que outra poderosa razão pela qual o Diário de Ana Frank não pode ser de todo escartado por tratar-se de uma história fictícia é sua preocupação pelo ânus e os excrementos, um traço típico em muitos judeus. Sempre lhes tem fascinado a pornografia e as fantasias relacionadas com excrementos... Os escritos judeus estão repletos de história sobre as funções reprodutivas e de excreção... ...Ainda que não possamos descartar o argumento segundo o qual estas preocupações sobre os excrementos são meras fantasias do autor ou dos autores, havia boas razões pra crer que as histórias são autênticas e que refletem em parte alguns dos principais pensamentos dos inquilinos. Inclusive ainda que fossem inventadas, mostrariam a perfeição do complexo anal de um povo antigo.*

Ver **Ditlieb Felderer**, *Anne Frank's Diary A Fraud* (também ed. italiana)

<http://www.aaargh.com.mx/fran/livres/livres.html>

Observa-se que o IHR omite a referência a Felderer na edição revisada. De novo, a medida que o revisionismo trata de safar-se dos extremismos anti-semitas para chegar ao grande público, devem negar ou ao menos disfarçar suas conexões com gente como esta. O Dr. Robert Faurisson ao menos não está tão crente como Felderer. Mas não é nenhum historiador, nem um expert (especialista) forense, nem um grafólogo. Era um professor de Literatura da Universidade de Lyon. O testemunho desta "importante autoridade sobre o Holocausto" sobre a autenticidade dos escritos de Anne Frank foi rechaçado pelo Oberlandesgericht (Alto Tribunal Regional) de Frankfurt em 1979. Em 1981, Faurisson foi chamado a declarar ante um juiz francês para que demonstrasse suas afirmações na rádio e em várias publicações segundo as quais nunca existiram as câmaras de gás. Foi condenado a uma pena suspensa de três meses, e a pagar diversas multas por difamação, incitação à discriminação, ódio racial e violência racial. A sentença foi confirmada depois de um recurso.

O estranho conceito que tem Faurisson do que é uma prova é muito bem descrito por Michael Shermer numa carta aberta aos revisionistas. Em 1981, o Instituto Estatal de Documentos de Guerra da Holanda enviou o manuscrito dos diários de Anne Frank ao Laboratório Estatal de Medicina Legal do Ministério de Justiça da Holanda para que determinassem sua autenticidade. O Laboratório examinou os materiais usados - tinta, papel, cola, etc. - e a letra, e emitiu um informe de umas 270 páginas: O informe do Laboratório Estatal de Medicina Legal tem demonstrado convincentemente

que ambas as versões do diário de Anne Frank foram escritas por ela de 1942 a 1944. As alegações segundo as quais o diário era o trabalho de outra pessoa (realizado depois da guerra) são assim refutadas definitivamente. Mas ainda que se possa afirmar que pese as correções e omissões... o Diário de Anne Frank [quer dizer, a versão publicada dos diários] contém "a essência" dos escritos de Anne, e não há nenhuma base para aplicar o termo "falsificação" ao trabalho dos escritores do livro. O argumento mais comum contra o diário é que contém escritos realizados com uma esferográfica, e as esferográficas não começaram a ser comuns até depois da morte de Anne. Este é um mito falso, ainda que persistente. A única tinta de esferográfica do diário está em pedaços de papel adicionados por outra pessoa que não era Anne. Os escritos de Anne não foram realizados com uma esferográfica.

Ver Frank, Anne, *The Diary of Anne Frank: The Critical Edition*, 1989, pp. 96, 166 ([citacão completa](#)).

Leitura recomendada: *The Diary of a Young Girl: The Definitive Edition por Anne Frank*, Otto H. Frank (Editor), Mirjam Pressler (Editor), s Massotty, Otto M. Frank (brochura) *The Diary of a Young Girl: The Definitive Edition by Anne Frank*, Otto H. Frank (Editor), Mirjam Pressler (Editor), s Massotty.

[Em espanhol: *Diário*, por Ana Frank, Plaza y Janés] Complemento ao texto sobre a autenticidade do Diário de Anne Frank Trecho do livro *The Revised Critical Edition of the Diary of Anne Frank* (2003), através das descobertas do "Gerechtelijk Laboratorium" (Laboratório Estatal de Ciência Forense) da Holanda: "The only ballpoint writing was found on two loose scraps of paper included among the loose sheets. Figures VI-1-1 and 3 show the way in which these scraps of paper had been inserted into the relevant plastic folders. As far as the factual contents of the diary are concerned the ballpoint writings have no significance whatsoever. Moreover, the handwriting on the scraps of paper and in the diary differs strikingly. (p.167)

Footnote: *The Hamburg psychologist and court-appointed handwriting expert Hans Ockleman stated in a letter to the Anne Frank Fonds dated September 27 1987 that his mother, Mrs Dorothea Ockleman wrote the ballpoint texts in question when she collaborated with Mrs Minna Becker in investigating the diaries."*

Tradução: "A única escrita esferográfica foi encontrada em dois pedaços soltos de papel incluídos entre folhas soltas. Figuras VI-1-1 e 3 mostram o jeito que estes pedaços de papel foram inseridos nas pastas de plástico pertinentes. Enquanto o conteúdo factual do diário estiver envolvido, as escritas esferográficas não têm importância, de qualquer forma. Além do mais, a caligrafia nos pedaços de papel e no diário diferem-se de forma impressionante.

Nota de rodapé: *O psicólogo de Hamburgo e perito em caligrafia nomeado pela corte judicial Hans Ockleman declarou em uma carta para o Fundo Anne Frank datada em 27 de Setembro de 1987 que sua mãe, Sra. Dorothea Ockleman escreveu os textos esferográficos em questão quando ela colaborou com a Sra. Minna Becker na investigação dos diários."*

Texto original do Nizkor(espanhol):

<http://www.nizkor.org/ftp.cgi/people/f/felderer.ditlieb>

Versão(português): **C. Roberto Lucena**

Complemento ao texto sobre a autenticidade do Diário de Anne Frank, trecho do livro(inglês): "The Revised Critical Edition of the Diary of Anne Frank" Versão(português): **Roberto Alves**

14 DE JANEIRO DE 2008

<http://holocausto-doc.blogspot.com/search?updated-max=2008-01-22T04%3A37%3A00-02%3A00&max-results=30>

CENTRO DE MITOLOGIA

Yad Vashen - O Museu do Holocausto

Cândido Bessa

Localizado no Monte Herzl, em Jerusalém, Yad Vashen é mais do que um local em Israel. Percorrer as várias galerias do museu leva o visitante a Angola, onde a guerra de 27 anos custou a vida a milhares de pessoas, entre crianças, jovens e adultos e fez mais de quatro milhões de deslocados. Ou o genocídio do Ruanda, que provocou a morte de 450 mil pessoas (segundo a OMS) e fez mais de 2 milhões de deslocados, ou ainda a guerra no Congo Democrático, que fez 4 milhões de mortes, dados da ONU. Apesar de as mortes acontecerem em locais diferentes, todas tinham algo em comum: as vítimas eram judias. Como o Benjamim e a mulher Rywka e dois filhos de quatro e cinco anos. Na foto encontrada em Vilna, logo após a ocupação dos nazis, a alegria estampada nas faces infantis jamais denunciavam que dias depois eles desapareceriam para sempre e os pais seriam mortos.

Yad Vashen foi criado com um propósito de recriar a história de Benjamim e esposa, dos filhos menores, do artista, do médico, enfim de mais de seis milhões de pessoas mortas pelo regime nazi e seus colaboradores. Qualquer coisa como toda a população de Luanda, juntando

mais dois milhões de pessoas, que foram mortas, simplesmente, por serem judeus. Mas este número pode ser maior. Relatos falam de pessoas que foram directamente para as câmaras de gás disfarçadas em chuveiros sem estarem inscritas nos registos dos campos de extermínios ou ainda recém-nascidos, que iam para a incineração envoltos em algodão, sem qualquer menção nos registos. O tamanho da tragédia fica ainda mais evidente ao verificar que a população actual de Israel ronda, apenas, os sete milhões de habitantes. No museu, a história começa com um vídeo de 10 minutos. Nele se pode ver como viviam os judeus na Europa antes da ocupação Nazi. O trabalho intenso, as brincadeiras das crianças, o adeus das mu-lheres aos maridos que vão trabalhar, os congressos, as efemérides, enfim uma vida cheia de prosperidade, de dinamismo.

Ao avançar pelos vários compartimentos do museu, assiste-se a vida se degradando. De um momento para outro, os judeus se vêem obrigados a deixar as suas casas e deportados em carruagens feitas para transportar gado, e vão preencher centros de concentração e de morte. Um percurso que começa com a vida no seu maior esplendor e vai até à aniquilação massiva e sistemática de um povo. Em quase três horas de visita (tempo médio que dura percorrer o museu) o visitante encontra em cada galeria o testemunho da luta pela sobrevivência, histórias de combate e de resistência. Fotografias, documentos e objectos pessoais, filmes, livros, tudo para contar a história de um povo que viu os seus valores, a sua obra, a sua cultura destruídos.

Jornal de Angola

<http://www.jornaldeangola.com/artigo.php?ID=75355&Seccao=cultura>

Judeus querem levar Maradona ao Museu do Holocausto

A comunidade judaica argentina propôs levar o ex-astro do futebol Diego Armando Maradona ao Museu do Holocausto, em Buenos Aires. A intenção do convite é demonstrar ao ex-jogador a existência do genocídio realizado contra a população judaica europeia pelo Terceiro Reich nazista durante a Segunda Guerra Mundial. O motivo da preocupação da comunidade judaica argentina - a maior da América Latina - são as declarações, feitas nos últimos dias por Maradona, sobre sua admiração ao presidente do Irã, Mahmoud Ahmadinejad, cujo governo nega a existência do Holocausto.

Maradona também declarou que pretende visitar Teerã em breve. "Estou, de todo coração com os iranianos", disse, após receber o convite para viajar ao Irã. O intermediário foi o piqueteiro Luis D'Elia - que controla mais de 70 mil militantes do presidente venezuelano, **Hugo Chávez**, na Argentina - que declarou que as lideranças judaica argentinas são "fascistas".

O presidente da associação beneficente judaica AMIA, Aldo Donzis afirmou que a Justiça argentina "demonstrou grandes suspeitas em relação a lideranças iranianas envolvidas no atentado realizado contra a AMIA" em 1994. No atentado, supostamente realizado pelo grupo terrorista Hizbollah por ordens do Irã, morreram 85 pessoas. Outras 300 foram feridas e mutiladas.

O Centro Wiesenthal também protestou contra as declarações de Maradona. Segundo o diretor de relações internacionais da entidade, Shimon Samuels, o ex-jogador, "com o falso pretexto do antiimperialismo" está "ansioso por reunir-se com um inimigo dos direitos humanos no Irã". Segundo Samuels, Maradona deveria aproveitar sua visita ao Irã para exigir que o governo iraniano esclareça o atentado contra a AMIA".

O ex-astro do futebol argentino é um tradicional crítico dos Estados Unidos e do governo do presidente George W. Bush. Na Cúpula das Américas, realizada no balneário de Mar del Plata em 2005, o ex-jogador liderou uma marcha contra o presidente americano, que estava na cidade para pressionar a favor da Área de Livre Comércio das Américas (ALCA).

Maradona possui uma tatuagem do líder guerrilheiro Ernesto "Che" Guevara" no braço direito e outra com a efigie do presidente cubano Fidel Castro na panturrilha esquerda. Há duas semanas declarou que pretende acrescentar - em uma parte ainda não definida do corpo - uma tatuagem em homenagem a Chávez.

Desde que tornou-se amigo de Chávez, em 2007, Maradona - simultaneamente - transformou-se em um forte defensor do governo de Ahmadinejad. A polémica coincide com as ameaças de Ahmadinejad de processar o Estado argentino na Justiça internacional por suas acusações sobre o envolvimento do Irã no atentado contra a AMIA. Além disso, a Justiça argentina pediu a captura internacional de diversas lideranças iranianas.

Fonte: *Agência Estado*

http://jc.uol.com.br/tvjornal/2008/01/04/not_143046.php

AINDA

Robert Faurisson terá que ir novamente a tribunal

Flávio Gonçalves

O revisionista francês Robert Faurisson terá que responder em tribunal pela acusação de ter participado na conferência de Teerão. Faurisson relatou que recebeu uma carta da polícia judiciária francesa (DCPJ) a requisitar a sua comparência perante o tribunal no dia 24 de Janeiro.

A 11 de Dezembro de 2006 a República Islâmica do Irão organizou uma conferência de dois dias intitulada "Holocausto: Visão Global", de modo a aprofundar as alegações ocidentais a respeito desse incidente histórico, além Faurisson estiveram presentes dezenas de outros historiadores e investigadores oriundos de todo o mundo, entre eles a minha pessoa e, supostamente, o Nuno Rogeiro (se bem que eu só o tenha visto no avião destinado a Portugal).

Eu estava presente quando esta foto foi tirada, foi na altura em que um dos defensores da versão oficial do Holocausto (ao contrário do que indica a comunicação social, com excepção do Expresso na altura, que teve o cuidado de me contactar para verificar os factos estiveram presentes em número igual, e a ser desigual abundavam mais os historiadores crentes na versão oficial, historiadores revisionistas e historiadores crentes da versão oficial do Holocausto) repetia pela enésima vez, como estamos habituados, que o Holocausto aconteceu e pronto, não há nada discutir. Faurisson pediu a palavra e exigiu provas físicas, uma só prova física (creio que alguém entretanto colocou esse vídeo no youtube, mas não memorizei o título), é o que Faurisson pede há 32 anos e nunca ninguém a conseguiu apresentar.

Faurisson já foi condenado anteriormente por acusações de "negação do Holocausto" por um tribunal parisiense em Julho de 2006, processo referente a afirmações que efectuou no decorrer de uma entrevista a uma estação de televisão iraniana. Pela sua ousadia foi condenado a uma pena suspensa de três meses e uma multa de 7.500 euros.

Em entrevista ao canal iraniano, disponível por satélite, Sahar 1 em Fevereiro de 2005, Faurisson afirmou nunca ter existido uma única câmara de gás homicida nos campos alemães, "portanto todos esses milhões de turistas que visitam Auschwitz estão a visitar uma mentira, uma falsificação", acrescentou ainda.

Em 1989, Faurisson foi hospitalizado por ter sido fisicamente agredido por um bando de judeus sionistas franceses, entre as diversas mazelas destacam-se as costelas e o maxilar partido, a agressão ocorreu na cidade de Vichy, enquanto Faurisson se encontrava a passear o seu cão.

Em 1991 foi afastado das suas funções de professor universitário ao abrigo da Lei Gayssot, uma lei francesa criada em 1990 que proíbe a manifestação de quaisquer dúvidas, mesmo indirectas, acerca do "holocausto".

Janeiro 13, 2008

<http://verdadehistorica.wordpress.com/2008/01/13/robert-faurisson-tera-que-ir-novamente-a-tribunal/>

DUVIDAS 2

21 anos após morte de Samora Machel, família quer saber a verdade

A família do antigo Presidente moçambicano Samora Machel, morto num acidente de aviação há precisamente 21 anos, afirmou em Maputo que espera ainda pelo esclarecimento das circunstâncias em que o estadista perdeu a vida. Um inquérito realizado ao acidente, ocorrido a 19 de Outubro de 1986, na localidade sul-africana de Mbuzini, dividiu profundamente os investigadores do Governo sul-africano da época, ainda na vigência da política de "apartheid" neste país, e os do Governo moçambicano. Os peritos sul-africanos concluíram que houve erros de pilotagem dos tripulantes russos do Tupolev em que seguia a comitiva presidencial, enquanto os moçambicanos insistem na tese de que o aparelho, atraído por um sinal de rádio alegadamente colocado pelo regime sul-africano, se descontrolou e foi embater numa montanha.

Para o Governo moçambicano, a tese de sabotagem do avião pelo extinto governo minoritário branco da África do Sul é coerente, pois alguns meses antes do desastre, altos quadros daquele regime tinham ameaçado Samora, em retaliação contra o apoio que o presidente moçambicano dava a

guerrilheiros do Congresso Nacional Africano (ANC), o movimento que lutou pelo fim do "apartheid" e está actualmente no Governo. A viúva de Samora Machel, **Graça Machel**, actualmente casada com Nelson Mandela, líder histórico da luta anti-apartheid na África do Sul, país a que presidiu entre 1992-1996, acusou, há alguns anos, altas patentes do exército moçambicano de terem colaborado com o governo sul-africano da época na morte de Machel, o que levou o actual chefe de Estado da África do Sul, Tabo Mbeki, a prometer investigações para a descoberta da verdade. No entanto, passados 21 anos do acidente de Mbuzini, desconhece-se a evolução dessas investigações, como admitiu hoje, em Maputo, Graça Machel. "Não sei em que estádio se encontram" (as investigações), disse Graça Machel a jornalistas, momentos após visitar a Praça dos Heróis, onde estão os restos mortais do falecido marido. "A esperança é a última coisa que morre. Acreditamos que um dia saberemos porque é que morreu (Samora Machel)", sublinhou. O filho mais velho de Samora Machel, Samito Machel Júnior, reclamou também o direito de saber as circunstâncias em que o "pai" morreu.

NOTÍCIAS LUSÓFONAS -

Moçambique para todos 19.10.2007

http://macua.blogs.com/moambique_para_todos/2007/10/21-anos-aps-mor.html

Advogada negou o Holocausto e foi condenada

A advogada do neonazi alemão Ernst Zuendel foi ontem condenada a três anos e meio de prisão por negar a existência do Holocausto, o genocídio de milhões de judeus pelo regime hitleriano, durante a II Guerra Mundial (1939-1945). Sylvia Stolz, 44 anos, que nas alegações finais do julgamento considerou o ditador nazi Adolf Hitler "o redentor do povo alemão" e afirmou que o nacional-socialismo "não está morto", foi também proibida pelo tribunal de Mannheim de exercer advocacia nos próximos cinco anos.

Ernst Zuendel já tinha sido condenado em Fevereiro de 2007 a cinco anos de prisão por negar o Holocausto, a pena máxima aplicada na Alemanha ao crime de instigação ao ódio racial. Posteriormente, o Ministério Público moveu um processo-crime contra a sua advogada, que durante o julgamento de Zuendel negou também o Holocausto e fez várias declarações antisemitas. A acusação requereu quatro anos de prisão e a cassação do mandato de Sylvia Stolz, alegando que a advogada "é uma antisemita fanática que vive num mundo ilusório e diz querer restituir a honra à Alemanha". A defesa tinha requerido a absolvição da arguida e o arquivamento do processo, mas o tribunal deu as acusações como provadas.

sapo.pt 15 de Janeiro de 2008

http://jn.sapo.pt/2008/01/15/mundo/advogada_negou_o_holocausto_e_conden.html

O SOL

"Eppur si muove!"

por **Humberto Nuno de Oliveira**

Reza a lenda que foram as palavras que servem de título a este postal as proferidas por Galileu Galilei (nascido em Pisa em 15 de Fevereiro de 1564 e falecido em Florença em 8 de Janeiro de 1642), notável físico, matemático, astrónomo e filósofo que como se sabe desempenhou um papel predominante naquilo que se convencionou denominar como "revolução científica".

Foi em 1616 que, pela primeira vez, o Tribunal do Santo Ofício se pronunciou sobre os trabalhos de Galileu declarando, **conforme à doutrina estabelecida**, que era herética a afirmação de que seria o sol o centro imóvel do universo, outrossim se afirmava que era **"teologicamente" errada** a tese de que a terra se movia.

É certo que então, ainda nenhuma das obras de Galileu integrava o *Index - Index librorum prohibitorum*, o famoso índice de livros proibidos - opróbio desses tempos em que uma nefasta igreja afastava os homens da luz e da liberdade científica..., mas mesmo assim fora chamado a Roma. E perante o Tribunal do Santo Ofício presidido por Roberto Bellarmino teve o ensejo de se

defender. Como "teologicamente" esperado, e demonstrado, o Tribunal concluiu que não **existiam provas suficientes** sobre a mobilidade da terra e Galileu foi publicamente criticado e instado a abandonar a sua heliocêntrica heresia. Porém, crente na verdade e munido pela certeza das suas teses persistiu na "heresia" passando-se, da simples admoestação imposta a proibição de divulgação das mesmas.

Todavia, a eleição, em 1623, de um seu amigo e admirador das ciências para o trono pontifício veio assegurar-lhe durante certo tempo aquilo a que hoje chamam de "janela de liberdade". Urbano VIII revelava-se, na realidade, um espírito mais aberto à ciência. Foi nesta circunstância, e após curiosas e interessantes vicissitudes que não retomarei agora aqui, que escreveu o seu *Dialogo di Galileo Galilei sopra i due Massimi Sistemi del Mondo Tolemaico e Copernicano*, publicada em 1632 e conhecida entre nós como *Diálogo sobre os dois grandes sistemas do universo*, curiosa e interessante obra em forma de diálogo onde o autor faz intervir três personagens: Salviati (o paladino do heliocentrismo), Simplicio (defensor do geocentrismo e de certo modo pouco astuto) e Sagredo (que, por manifesto receio, assume a neutralidade na questão mas que acaba por concordar com Salviati). E foi esta obra o ignitor da condenação de Galileu.

Apesar de idoso e doente o papa não perdoou Galileu que foi chamado a Roma para ser julgado. Um pouco dignificante, pouco isento mas bastante "teológico", quanto extenso, julgamento iniciava-se. A conclusão do mesmo, a esperada mesmo antes do seu começo (sim, ele há "julgamentos" assim...), Galileu era obrigado a abjurar as suas ideias, a conhecer os benefícios da estadia prisional durante tempo indefinido e a ver as suas obras incluídas no *Index*.

O infame julgamento e subsequente prisão de Galileu tornou-se, talvez, no mais emblemático exemplo da luta entre uma visão escolástico-dogmática da ciência e a moderna concepção de ciência; entre os apriorismos aceites por força de dogma (lei ou tribunal) e a investigação e/ou experimentação.

Reza a tradição que, contudo, ao sair do tribunal após sua condenação e público vexame, tenha proferido o célebre: "Eppur si muove!", ou traduzindo, "contudo, ela [terra] move-se". Manda a verdade dizer que Galileu conseguiu comutar a pena de prisão a confinamento na sua própria casa de campo em Arcetri, mas o anátoma que os poderes dominantes sobre ele lançaram perdurariam por muitos mais anos e em conclusão, Galileu foi condenado e a doutrina da igreja permaneceu por muito tempo fiel ao seu geocentrismo e às suas "certezas teológicas".

Não sei porque hoje me lembrei disto, nem verdadeiramente porque aqui coloquei imagens de **Ernst Zündel, Robert Faurisson e Sylvia Stolz**, que nada tem a ver com inquisição, perseguição, dogmas e condenações.

<http://reverentia-lusa.blogspot.com>><http://reverentia-lusa.blogspot.com>

VIRADOURO

Escola de samba muda alegorias depois de proibição de mostrar o Holocausto

Adolf Hitler substituído por alegoria à liberdade de expressão

A escola de samba Viradouro, a última a desfilar no Carnaval do Rio de Janeiro na primeira apresentação das principais escolas, concluída hoje de madrugada, foi obrigada a modificar algumas alegorias que falariam do Holocausto.

Com o desfile deste ano dedicado ao tema 'É de arrepiar', a ideia inicial da escola de samba era mostrar o arrepio da repugnância, com a figura de Adolf Hitler à frente de um dos seus carros alegóricos.

No entanto, a escola foi obrigada a modificar a sua proposta original por uma ordem judicial, na sequência de uma acção movida pela Federação Israelita do Estado do Rio de Janeiro, contrária ao desfile.

No lugar do carro alegórico com Adolf Hitler, a escola de samba Vidouro apresentou uma alegoria adaptada que abordou a importância da liberdade de expressão.

No primeiro desfile das principais escolas de samba, iniciado domingo à noite e concluído às 05:00 de hoje locais (07:00), que atraiu ao Sambódromo 60 mil espectadores, Salgueiro e São Clemente fizeram uma homenagem aos 200 anos da chegada da família real portuguesa ao Brasil.

Diário de Notícias 04.02.08

http://www.dnoticias.pt/Default.aspx?file_id=dn01010502040208&id_user=

GALLEGO

Sobre o Holocausto

Carlos Aymerich

A lembranza do horror dos campos de exterminio nazis e a persecución de quen, baixo calquer pretexto, tenten negar a súa realidade histórica ou minimizar as súas consecuencias converteuse nun consenso básico, nun verdadeiro sinal de civilización. O carácter industrial e planificado do exterminio, a súa dimensión, a posta da racionalidade burocrática ao servizo dunha empresa xenocida xunto, sen dúbida, co feito de que se impulsase en Europa e contra europeos por un Estado, o alemán, portador dunha longa e abastada tradición cultural caracterizan o exterminio nazi - principalmente de xudeus, mais tamén de ciganos, soldados e civís dos países ocupados, antifascistas, homosexuais, etc. - fronte a outros como, por só citarmos algúns, o que padeceron os armenios, os pobos indíxenas de América ou de África ou, máis recentemente, o pobo cambodiano.

Por esa razón o 1 de novembro de 2005 a Asemblea Xeral da ONU acordou declarar o 27 de xaneiro, data da libertazón de Auchwitz, [= Auschwitz] como Día Mundial de Lembranza das Vítimas do Holocausto. Trátase, como a Resolución establece, de lle ensinar ás novas xeracións as lições do Holocausto co fin de “axudar a previr actos de xenocidio no futuro”, de rexeitar calquera negación do Holocausto como feito histórico ao tempo que se condea “sen reservas todas as manifestacións de intolerancia relixiosa, incitación, acoso ou violencia contra as persoas ou comunidades baseadas na orixe étnica ou as crenzas relixiosas en calquera lugar en que se produzan”.

Sabiamente, pois, a ONU evitou facer con esta Resolución un acto particularista ou de simples arqueoloxía histórica. Ben ao contrario: o Holocausto é lembrado como exemplo de negación masiva dos dereitos humanos da que se poden – e se deben – tirar ensinanzas de alcance universal. Porque, como lembra a Exposición de Motivos citando a Declaración Universal de Dereitos Humanos, estes pertencen a todas as persoas “sen facer distinción algunha por motivos de raza, relixión ou de ningunha outra índole”.

Xa que logo, á luz da Resolución da Asemblea Xeral da ONU, non só non é inconveniente senón que mesmo resulta obrigado lembrar na conmemoración do Holocausto episodios actuais de negación masiva dos dereitos humanos, sen que tal supoña establecer equiparación ou comparación algunha. En Xaneiro de 2008, en plena crise humanitaria en Gaza, sería entendíbel que a conmemoración do Holocausto calase sobre situación deses case dous millóns de homes e de mulleres cercados militarmente? Penso que non. Por iso no curso da Deputación Permanente do Parlamento de Galiza celebrada o pasado 23 de Xaneiro o BNG propuxo aos outros grupos parlamentares a adopción dunha declaración institucional nos termos que seguen, os que xulgamos máis acordes coa Resolución da ONU:

“A 63 anos da fin da Segunda Guerra Mundial, o Parlamento de Galiza quer lembrar ás vítimas da barbarie nazi. Foron millóns os homes e mulleres asasinados por razón da súa etnia, relixión ou ideoloxía, dun xeito industrial e planificado, polo nazismo alemán e os seus colaboradores. Através da presente declaración pretendemos evitar o esquecemento destes crimes e previr á cidadanía galega contra aqueles que seguen a negar a súa realidade histórica ou a minimizar as súas consecuencias

Os horrores da guerra e, en particular, os dos campos de exterminio están sen dúbida na raíz da Declaración Universal de Dereitos aprobada pola ONU en 1948. É por iso que neste seu 60º aniversario o Parlamento de Galiza reivindica a súa plena vixencia denunciando sen paliativos situacións que, como a bloque que sofre a franxa de Gaza ou o muro de separación que está a construír o Estado de Israel como parte da ocupación militar da terra de Palestina, supoñen unha conculcación non só da legalidade internacional mais tamén dos dereitos inviolábeis que pertencen a todas as persoas e a todos os pobos”.

Este foi o único texto proposto mais, infelizmente, PP e PSOE negáronse nin tan sequer a discutilo. Uns porque non querían incomodar ao Estado de Israel. Outros porque non entendían necesario aprobar unha nova declaración cando o Holocausto xa fora lembrado o ano anterior.

Remato. Nunha conferencia pronunciada nos Estados Unidos hai cinco anos, Desmond Tutu, declarárase fondamente abalado tras dunha visita realizada á por el denominada Terra Santa: "lembróme o que aconteceu con nós, os negros en Suláfrica. Vivín a humillación dos palestinos nos postos de control e nos reténs de estrada: os palestinos padecen coma nós cando os policías brancos nos impedían ir dun sitio a outro". O prelado anglicano aínda engadía que "Israel nunca será un país seguro se non deixa de oprimir a outro pobo" ao tempo que criticou que nos Estados Unidos todo o que critique a política israelí sexa considerado "antisemita". Cumpre lembrar que **Desmond Tutu** non só foi galardoado en 1984 co premio Nobel da Paz pola súa luita contra o réxime racista sulafricano senón que é patrocinador no seu país dun centro de conmemoración do holocausto. Quizais por iso considera incomprendible que sexa precisamente Tel Aviv quen leva adiante tal política de represión. En varios sentidos, estas palabras do bispo africano resultaron proféticas: cinco anos despois daquel discurso, en Outubro de 2007, a Universidade de Saint Thomas de Minnesota cancelou a conferencia que o Sr. Tutu tiña previsto pronunciar na primavera de 2008 a causa das súas declaracións "contra a política israelí". Poucos meses antes, en Marzo de 2007 John Dugard, relator de dereitos humanos da ONU para os territorios ocupados, acusara a Israel de aplicar en Gaza e Cisjordania "prácticas propias do colonialismo e do apartheid". Que cadaquén tire as súas propias conclusións.

Xornal.com El primer diario electrónico de Galicia Lunes, 11 de febrero de 2008
<http://www.xornal.com/article.php3?sid=20080211194541>

QUADRINHOS

Revisionismo manipulação dos rothschild, mais uma distorção ?

Escolas alemãs usam HQ para explicar Holocausto Uma história em quadrinhos vai ser utilizada em escolas alemãs para explicar a história do Holocausto nazista a alunos entre 13 e 15 anos de idade. O livro intitulado *Die Suche* ("A Busca", em tradução livre) explica o Holocausto contando a estória de uma menina judia que vive na Holanda na época da ocupação nazista. Segundo o Centro Anne Frank de Berlim, que publicou o livro, esta seria uma maneira de interessar os jovens pelo assunto e educá-los usando a linguagem dos quadrinhos. Thomas Heppener, diretor da instituição, diz que a história é contada de maneira séria e contém todos os dados e fatos importantes sobre o extermínio judeu pelos nazistas. Ele deixou claro em uma entrevista com a imprensa alemã que "não banalizamos a história nem a contamos de maneira divertida".

Testes

O livro do ilustrador holandês **Eric Heuvel** explica como Adolf Hitler chegou ao poder e como o extermínio dos judeus foi levado adiante. A história em quadrinhos mostra cenas da deportação para campos de concentração e o terror no campo de Auschwitz. "A Busca" será testada em 20 classes de escolas berlinenses nos próximos seis meses. Se aprovada pelos professores, a obra será utilizada em toda a Alemanha. O Centro Anne Frank, que se dedica a informar e manter viva a lembrança do Holocausto, também já está testando versões do livro em polonês e em húngaro. O projeto é financiado em parte pelo governo alemão e pela Fundação Rothschild.

Deutsche Welle

O GRANDE TABU

Como agendar um evento num instituto cultural mexicano

Bradley R. Smith

Recordarão que em Outubro último decidimos não despender mais tempo na rodagem de novas imagens para o nosso documentário, *O Grande Tabu*, e limitávamo-nos a utilizar as filmagens que já temos com a maior imaginação possível de modo a podermos finalmente completar o raio do filme. Burt, o meu principal associado, informou-me que estava de acordo.

Pedi-me para ir a Santa Bárbara, onde nos encontraríamos com o nosso editor e teríamos a nossa primeira reunião de pós produção.

Assim fiz. Correu bem. Um pouco antes de nos despedirmos, o Burt perguntou-me se eu não poderia organizar um pequeno evento em Baja, cujo propósito seria o de reunir (ainda mais) algumas filmagens, imagens muito especiais que o mesmo queria utilizar na "formatação" do filme, imagens adicionais do Smith a interagir com estudantes mexicanos. O nosso acordo é que tanto eu como ele temos direitos a um "corte final", mas que a visão que dirige este filme é dele. O evento que ele queria que eu organizasse era de natureza tão modesta que não tive quaisquer problemas em aceitar. Não seria nada do género do evento que organizamos para o *Corto Creativo 07* em Junho, que obteve tanto sucesso. Portanto, afinal sempre íamos rodar mais um pouco de película. Não era crise nenhuma.

Okay.

De regresso a Baja fiquei um pouco apreensivo. Depois do evento de Junho, patrocinado por El (não seria: La?) Universidade de las Califórnia (UDC), todas as pessoas que eu conhecia aqui nos arredores compreendiam que esse evento tinha causado muitos problemas à universidade. É uma cidade pequena, e as coisas espalham-se. Perguntei à Paloma se ela conheceria alguém com o qual eu pudesse falar e que me pudesse aconselhar. Ela deu-me um nome. Alfredo. Informou-me que ele conhecia toda a gente, e que ele é um radical, por isso provavelmente estaria interessado.

Algumas noites mais tarde a Paloma apresentou-me ao Alfredo. Acontece que o mesmo acabou por se revelar uma pessoa muito interessante, um moço energético nos seus 30 e tais. Simpatizei com ele. O mesmo viria à nossa casa no dia seguinte e poderíamos falar melhor. No dia seguinte, lá estava ele. Sentamo-nos na mesa da sala de jantar enquanto bebíamos chá. Esquematizei-lhe as questões e o género de evento modesto que queria organizar. Precisava de um lugar para o fazer, um local de aparência séria e sem muito ruído. Mostrou-se interessado no assunto. Sugeriu um par de cafés, e deu-me dois contactos. Um, Yusuf, produtor de vídeos comerciais, e outro da sua prima, professora numa universidade privada em Tijuana. Assegurou-me que tanto um como a outra eram muito "liberais". O que, em Baja, é sinónimo de "esquerda radical".

Nessa mesma noite telefonei a Yusuf e alguns dias mais tarde ele foi lá a casa. Era uma verdadeira fonte de energia. Achou que o meu projecto era muito interessante. A minha principal prioridade era encontrar um local para o evento. O mesmo sugeriu que falássemos com o El Centro Municipal de Arte y Cultura (CEMAC). O CEMAC é um instituto municipal. Disponibiliza o seu espaço a cineastas, providencia um projector e um ecrã, e auxilia também na promoção dos eventos, tudo isto gratuitamente.

Duas manhãs depois encontrei-me com Yusuf no parque antigo no centro de Rosarito em frente do edifício que alberga a pequena biblioteca pública e o CEMAC. Encontramo-nos com a coordenadora, uma senhora que dá pelo nome de Marisol Marino, num pequeno escritório com duas escrivaninhas. Expliquei-lhe que queria levar a cabo uma "*conferencia*" na qual faria uma pequena locução, mostraria um excerto de 32 minutos do documentário que estávamos a fazer e de seguida responderia a perguntas da audiência. Indiquei-lhe na totalidade a natureza do material, bem como os meus pontos de vista. A Sra. Molina informou-me que o programa que eu estava a delinear era muito semelhante a outro que tinha visto no festival de cinema a que tinha ido em Junho no *Corto Creativo 07*. Ela estava na audiência quando levei a cabo a minha apresentação nesse festival! Achou que tinha sido muito interessante. Estávamos aceites! Graças ao Yusuf.

Ainda não tinha tido oportunidade de ver o espaço que nos seria facilitado. Deslocamo-nos os três até ao fundo do corredor e entramos num auditório com capacidade para cerca de 250 pessoas com tectos de quinze, talvez vinte, pés de altura. Não estava à espera de um local tão amplo. A Sra. Molina informou-nos que o CEMAC estava a reestruturar a sua administração para o ano seguinte – tinham acabado de eleger um novo presidente para a câmara municipal – e, portanto, não poderia dar grande ajuda no que dizia respeito à angariação de uma audiência para o meu evento. Nada que me preocupasse. Agora tinha que escolher uma data para o evento. Tinha que coordenar a data com o Burt, que queria vir cá e filmar o evento ele próprio, e que tinha viagens de negócios já agendadas entre Santa Bárbara e Las Vegas.

Isto ia ser algo maior do que o que tínhamos planeado. Mas seria melhor: um evento revisionista organizado num auditório gerido pelo governo mexicano local. Molina informou-nos que a agenda respectiva a Novembro já estava completa, mas que ainda tinham algumas vagas para Dezembro. Não. Dezembro é uma época demasiado agitada para o nosso evento. Iríamos escolher uma data em Janeiro. A agenda para Janeiro estava completamente em aberto. Eu depois falaria com ela.

Havia uma série de questões a ter em consideração. O evento muito modesto sobre o qual tínhamos falado há semanas em Santa Bárbara estava a tornar-se em algo maior e mais significativo. Por fim, optamos pelo dia 18 de Janeiro, uma tarde de sexta-feira, às 18 horas. No início de Dezembro quando voltei para acertar a data com Marisol Molina, soube que ela já não

trabalhava no CEMAC e que tinha sido substituída por um homem na casa dos 30, Raul Paulino. Tinha que começar tudo do início. A Molina falava inglês fluentemente. O Paulino pouco falava. Senti que estava a ter problemas em fazer-me compreender. Por fim explicou-me que eu tinha que redigir uma requisição ao CEMAC explicando o teor do projecto e a data em que queria utilizar as instalações do CEMAC.

Regressei no dia seguinte com um resumo da apresentação e um pedido para a levar a cabo no dia 18. Algo não estava bem. Mostrou-me uma requisição feita por terceiros e verifiquei que não queria uma página cheia de informações, mas apenas algumas linhas. Okay. No dia seguinte levei uma requisição breve e directa a pedir a utilização das instalações do CEMAC no dia 18. Era muito em cima da hora, informou-me. E mencionei que ia filmar o evento, e não referia isso na requisição. Voltei para casa, acrescentei isso à requisição e regressei ao CEMAC.

Uma vez lá, encontrei o Paulino na biblioteca com uma senhora com mais idade. Entreguei ao Paulino a minha quarta requisição, na qual incluía o facto de ir filmar o evento, e afastei-me um passo. O Paulino mostrou a requisição à senhora, falaram durante alguns minutos, e depois voltaram-se para mim todos sorridentes. Apresentou-me a senhora como sendo Esperanza Valdez, directora do CEMAC, e que a mesma agradecia a minha requisição e que a data de 18 de Janeiro estava bem. A senhora Valdez foi muito amigável para comigo, assegurou-me em espanhol que estava tudo certo e que o evento iria decorrer.

Saí da biblioteca a caminhar nas nuvens. Estava resolvido. Agora só nos faltava arranjar o público. Já estávamos na época natalícia. Iria esperar até à primeira semana de Janeiro. Depois mover-me-ia rapidamente. Criaria um panfleto em língua inglesa para distribuição em universidades e escolas secundárias de Rosarito. Desenvolveria uma lista de contactos por email, nos quais incluiria a comunicação social de Tijuana. Iria solicitar a presença do público de língua inglesa expatriados e oriundos da comunidade imigrante estadunidense da cidade. Pensei que pelo menos metade da audiência podia muito bem ser constituída por estadunidenses. Seria o mesmo espectáculo que levei a cabo no *Corto Creativo 07*. Estava ganho.

Já tinham acabado as comemorações de Natal e de Ano Novo. Era altura de trabalhar. O panfleto não era grande problema. Ainda iria precisar de ajuda para chegar aos campos universitários locais. Mas estava bem. Trabalhei nas listas. Podia imprimir o panfleto num dia e distribuí-lo nos dois dias seguintes. Não havia problemas de tempo. Depois ocorreu-me colocar um anúncio no *Baja Times*, o jornal local em língua inglesa. Não tinha pensado nisso antes, o *Baja Times* tem uma tiragem de 12.500 exemplares a cada duas semanas. É um jornal bastante razoável. As suas notícias principais referentes aos EUA e ao México são retiradas de uma parceria com os *Washington Post – Los Angeles Times*. Esse material é reforçado por autores locais e da área da cidade do México. Telefonei ao departamento de publicidade e perguntei qual era a data limite para colocar um anúncio no próximo número. Informaram-me que era nesse mesmo dia, segunda-feira 7 de Janeiro, às 15 horas. Uh, oh.

Sentei-me ao computador e redigi um anúncio de quarto de página referente ao evento no CEMAC, formatei-o e levei-o ao *Baja Times* por volta das 13:30m. Pedi para o colocarem na página 3. Já era tarde para ser colocado na página 3, mas após alguns vais e vens, ficou assente. Teria que pagar um pequeno extra pela colocação especial. É normal. Fui informado de que me iriam telefonar na manhã seguinte para eu poder lá ir verificar as provas.

Na manhã seguinte recebi a chamada e desloquei-me de imediato à baixa, aos seus escritórios, no segundo andar de umas pequenas arcadas que vão até ao Hotel Rosarito. Tinham alterado o meu quarto de página horizontal para um anúncio vertical. Fui sublimemente bem feito. Congratulei-os. Informaram-me que o jornal iria para a gráfica nessa tarde. Estava pronto. Nada o poderia alterar. Estávamos lá. Estava tudo a correr muito bem. Decidi que era altura de ir ao CEMAC e perguntar qual seria o melhor modo de chegar aos campos universitários e a outras organizações locais. Tanto a Marisol como o Raul Paulino se tinham oferecido para me aconselharem, com base na sua experiência na promoção de eventos no CEMAC.

Desta vez descobri que embora o Raul Paulino estivesse na sua escrivania, agora estava também uma outra senhora na segunda escrivania. Esta foi muito simpática e conversadora, ao contrário do Paulino. O seu nome era Socorro Sanchez. Mostrei-lhe a prova do anúncio da página 3 do *Baja Times*, 12.000 cópias do qual estariam nas ruas no dia 14. Despendemos alguns minutos a rir acerca de alguma conversa insignificante acerca da frequência com que estavam a mudar a administração do CEMAC. "Sim", respondeu ela em espanhol, "mas dizem que à terceira é de vez".

Estávamos os dois ainda a rir quando tocou o telefone da escrivania do Paulino. Existiam duas escrivanias, mas apenas um telefone. O Paulino atendeu, depois passou o telefone à Sanchez. Decorreu um diálogo curto, três, talvez quatro minutos, e quando a Sanchez se voltou a sentar na sua secretária começou a questionar-me acerca dos meus antecedentes académicos. Expliquei-lhe que não era académico, mas um simples escritor, e que lido com temáticas pertinentes à liberdade de expressão.

Andamos com rodeios acerca disto por cerca de 10 minutos até que perguntei em espanhol: "Parece estar hesitante acerca de algo. Há algum problema?"

"Sim", respondeu. "O CEMAC não vai autorizar a utilização das suas instalações para a sua conferência".

"Porquê?"

"Porque o CEMAC não patrocina eventos referentes à temática do seu filme."

"Soube isso agora mesmo pelo telefone?"

"Era a directora."

A directora é Esperanza Valdez, a mesma senhora que tinha aceite pessoalmente a utilização das instalações do CEMAC, especificamente no dia 18 de Janeiro.

"O CEMAC trata de assuntos culturais de uma perspectiva mexicana."

"É esse o problema?" questionei.

"Receio que sim."

Okay. Não queria fazer queixinhas à Socorro Sanchez. Tinha acabado de a conhecer. A decisão não era dela. Por agora, não havia nada a fazer.

Voltei para casa numa pilha de nervos. Telefonei para o *Baja Times*, informei-os do que acontecera no CEMAC, e perguntei se podiam cancelar o anúncio. Estava disposto a pagar uma multa pelo tardio da hora. Informaram-me que era tarde demais. O jornal tinha fechado a edição na segunda-feira, hoje já era quarta-feira, era pura e simplesmente tarde demais.

E agora? Dentro da minha cabeça o raciocínio andava à roda. Antes de mais nada tinha que informar o Burt. Não o consegui contactar. Quais eram as probabilidades? Podia criar um evento com base no cancelamento deste. Doze mil exemplares do *Baja Times* estariam na rua três dias antes do evento cancelado. O anúncio estava na página três. Toda a gente o iria ver. Eu podia ir ao CEMAC na tarde de dia 18 e distribuir panfletos a anunciar que o evento tinha sido censurado. O Yusuf também podia lá estar para filmar o que se passava. Podia alugar uma sala alternativa e informar os recém chegados que o evento agendado para o CEMAC às 18h iria decorrer na sala alternativa às 19h. Podia aproveitar e distribuir outros materiais. Ao mesmo tempo, ainda podíamos utilizar o mesmo panfleto que tínhamos feito para o CEMAC, alterando-o de modo a indicar o novo endereço da sala alternativa, e distribuí-lo tal qual estava planeado para o original. E podíamos convidar a comunicação social, recorrendo ao ponto de vista da imprensa livre para os envolver.

Guiiei até ao *Palacio Municipal* e fui aos escritórios do *Desarrollo Social* (Serviços Sociais), dos quais o CEMAC é uma entidade. Pedi para falar com Esperanza Alvarez. Informaram-me que a mesma se encontrava numa reunião mas estaria de volta dentro de uma hora. Deixei o meu nome e número de contacto e pedi à secretária para me telefonar. Algumas horas depois telefonei à secretária. Disse que eu não me preocupasse, que iria marcar-me uma reunião. Não me telefonou. Na manhã seguinte telefonei novamente e a secretária informou-me novamente que iria marcar uma reunião. Não me contactou. Voltei a telefonar depois do almoço. Nenhuma sorte. Compreendi que não iria saber nada da Esperanza Valdez.

Quando o Burt telefonou falei-lhe do conceito da sala alternativa. Não ficou impressionado. Ele pareceu não estar convencido de que eu conseguia concretizar isso. Não pude dar-lhe a certeza de que o conseguia fazer. Ele não achou que valesse a pena despender dois, talvez três dias, do seu tempo, vir filmar um não-evento e voltar para o trabalho que é o seu ganha-pão. Mas teve uma ideia. Se eu pudesse encontrar um local que pudesse dar o seu nome, podíamos organizar uma data para uma conferência acerca da cultura mexicana, talvez um debate acerca da imigração, e prometer alguns extras. Os "extras" seriam *O Grande Tabu*. Seria algo completamente insuspeito. Seria tarde demais para os censores. Uma vez que a imigração é um tema pelo qual muitos mexicanos se interessam, teríamos público. Tínhamos que encontrar um modo de introduzir *O Grande Tabu*. Uma ideia muito imaginativa. Ousada. Muito difícil de concretizar. Disse-lhe que ia pensar melhor.

Telefonei ao Yusuf, alguns dias mais tarde encontramos-nos na cafetaria Cappuccino na baixa. Expliquei-lhe tudo o que tinha acontecido, depois falei-lhe da ideia do Burt. Eu ainda não tinha acabado quando Yusuf desatou a rir e disse-me: "Vamos fazê-lo." Ele nem precisou pensar. Compreendeu tudo de imediato. O CEMAC tinha-se "metido" connosco (o Yusuf fala inglês, tal como o Alfredo), e agora nós íamos "meter-nos" com o CEMAC. Ele iria ser a minha cobertura.

Okay. Mesmo assim eu ainda não estava muito entusiasmado com a ideia de voltar ao CEMAC. Mas passei essa informação ao Burt. O Burt ficou excitadíssimo. Pensei para mim mesmo, não gosto de enganar as pessoas. Mas se alguém o merece, são as pessoas do CEMAC. Que outra opção tinha eu? Apenas o contacto com a prima professora do Alfredo. Talvez pudesse disponibilizar-me uma das salas onde dá aulas. Pouco provável. Estamos numa cidade pequena. As elites culturais conhecem-se todas umas às outras, ou conhecem alguém que conheça quem elas não conhecem.

O meu cérebro ainda andava à roda. O Yusuf ia auxiliar-me a levar a cabo a tarefa do CEMAC. Havia a prima professora do Alfredo. O cérebro rodava, mas em círculo, percorrendo sempre o mesmo cenário. Foi então que a Paloma chegou do trabalho no outro lado (normalmente chega cá por volta da meia-noite), e disse-me que no trabalho o seu professor de dança do 9º ano tinha passado por lá e a tinha reconhecido. Conversaram. O professor agora dá uma aula semanal no CEMAC.

"Que coincidência", disse a Paloma o professor de dança. "O meu pai ia exhibir um filme no CEMAC na sexta-feira passada, mas cancelaram." A professora disse que estava ao corrente de tudo isso. O CEMAC cancelou o filme porque souberam que era "pró-Hitler." Não só isso, mas também há alguns meses alguém tentou exhibir um filme pró-Hitler no CEMAC, isso tinha sido descoberto a tempo, e agora achavam que eu também tinha estado por trás disso.

Não só eu tinha tentado exhibir por duas vezes um filme "pró-Hitler" no CEMAC, mas uma mera professora que não faz parte da administração do CEMAC, que só lecciona lá uma vez por semana, já sabia o que tinha acontecido e sabia também dum evento prévio que só existiu na imaginação de alguém. Se ele sabia da história, estando fora do círculo das pessoas que gerem o CEMAC, e sabia acerca do rumor de um evento anterior, então toda a gente em Rosarito que era alguém também o sabia. Relaxeí. Compreendi que as hipóteses do Yusuf conseguir levar a cabo o evento que tínhamos combinado estavam fora de questão. Não havia nada a fazer. Na verdade, embora estivesse um pouco abismado, senti-me aliviado. Telefonei ao Burt e disse-lhe que não voltaria ao CEMAC. Ele disse okay. Que mais podia ele dizer?

E assim foi.

Duas manhãs mais tarde estava eu no pátio a dar de comer aos periquitos – temos cerca de trinta espalhados por duas jaulas – quando me veio à mente uma ideia completamente do nada. Sem quaisquer preliminares. Num momento não estava lá nada, no momento seguinte lá estava a ideia. Veio-me à memória a imagem de um tipo local com o qual me cruzei ocasionalmente em situações sociais nos últimos cinco ou seis anos. Mesmo naquele momento, nem conseguia acreditar que a minha memória tivesse chamado a sua imagem. Como é que a memória "pensou" onde devia ir? Num momento estava a dar água aos periquitos, no momento seguinte lá estava a imagem dele perante mim. Não houve qualquer preparação preliminar. Num momento nada poderia estar mais distante da minha mente, no seguinte já lá estava. Nunca tinha sequer considerado em fazer fosse o que fosse com ele. Agora, num pestanejar de memória, imaginávamos a trabalhar em conjunto para levar a cabo a apresentação que seria exemplar na história da performance revisionista. Não é esta a história que tencionava contar-vos este mês. A minha intenção era de vos contar a história do nosso evento no CEMAC. Mas a história que vos contei aqui foi a que aconteceu. Agora, no próximo mês...

Traduzido do *Smith's Report* nº 147, Fevereiro de 2008

<http://verdadehistorica.wordpress.com/2008/02/21/como-agendar-um-evento-num-instituto-cultural-mexicano/>

UMA VERDADE PERIGOSA

O Processo de Jesus

Por Ursula Haverbeck

Em tempo de Páscoa — que dura até ao Pentecostes — foram e são sempre executadas duas das mais significativas obras de um dos nossos maiores compositores: a Paixão segundo S. Mateus e a Paixão segundo S. João, de Johann Sebastian Bach.

Este ano, na Sexta-Feira Santa foi executada uma versão da Paixão de S. João na Catedral imperial de Koenigsutter. Esta catedral, demasiado grande para esta pequena e sonhadora cidadezinha da região de Elm, foi mandada construir pelo Imperador Lothar III, no século XII. Durante 45 anos manteve-se na vizinhança imediata da passagem fronteiriça interior alemã de Helmstedt.

No âmago desta comvente composição musical está um processo, o processo de Jesus. Trata-se bem de um dos mais antigos processos políticos, que nos foi transmitido com todos os seus pormenores, e lembra fatalmente a vida actual.

Consideramos sempre que os acusadores foram os Judeus, sempre no plural, através dos seus altos sacerdotes e escribas. Assim diz o Evangelho: *Por isso juntaram-se os pontífices e os fariseus em conselho, e diziam: «Que fazemos nós? Este homem faz muitos milagres. Se o*

deixarmos assim, crerão todos nele; e virão os Romanos, e destruirão a nossa cidade e a nossa nação». Mas um deles, chamado Caifás, que era o pontífice daquele ano, disse-lhes: «Vós não sabeis nada, nem considerais que vos convém que morra um homem pelo povo, para que não pereça esta nação.» (S. João, 11:47.50).

Este perecimento constava em que eles todos aceitariam a nova crença, pois Ele agia convincentemente.

Depois temos o acusado, o Galileu[1], no qual o Deus dos seres humanos se manifestara. Esta era a verdade que Ele anunciava, o que aos olhos dos fariseus e dos escribas era um crime. “*Não é por causa de nenhuma obra boa que te apedrejamos, mas pela blasfêmia, e porque tu, sendo homem, te fazes Deus.*” (S. João, 10:33)

Porque o acusado exprime de si mesmo uma verdade que é perigosa para os poderosos, Ele é perseguido e apresentado perante o tribunal.

Aí, diante do Tribunal, temos a terceira parte, o juiz, sob a forma do governador romano Pôncio Pilatos. Este não encontra nenhuma falta n’Ele e quer deixá-Lo ir embora, mas por três vezes os Judeus a isso se opõem. Eles preferiam poder cometer um assassinio legalmente: «*crucifica-o*», e por fim: «*Nós temos uma lei, e segundo essa lei Ele deve morrer*».

Esta frase, dramaticamente salientada por Bach, «*Nós temos uma lei*», não se pode esquecer e vem-me sempre à ideia, logo que se fala dos processos jurídicos de acordo com o parágrafo §130 do regulamento a respeito de agitação política popular. Quando os Judeus finalmente lembram a Pilatos que incorreria no desagrado do seu senhor e Imperador, se não mandasse crucificar Aquele que se dizia Rei e Deus, Pilatos entregou o Acusado aos servos da guerra.

Pilatos consente por medo da sua carreira: «*Porque amaram mais a estima dos homens do que a glória de Deus*», diz S. João, 12:43.

As linhas básicas deste processo são as mesmas em todos os quatro Evangelhos. Quando se estudam bem, então desaparece o traço de união em “cristão-judaico”[2].

Durante 1900 anos os Cristãos souberam disto, e, certamente, em todas as suas confissões. Só há cerca de 50 anos se mudou este modo de ver. Isso teve lugar na Judicaria segundo o seu plano de restabelecimento duma pátria. Não é outra coisa senão a renúncia do Cristianismo. Os Cristãos judaizam-se, diz já o jovem Marx no seu artigo *A questão judaica*. E pelo nosso presente fala Israel Shamir, a este respeito, do mesmo modo, numa linguagem muito clara. Ele chama judaico-cristãos, com hífen, aos escritores cristãos sionistas e conta entre eles os actuais políticos da Alemanha, que fazem aliança com os Sionistas contra os Palestinos, muitos dos quais são cristãos.

Para os judeus ou israelitas sionistas, Jesus é causa de horror e aversão. Chamam-Lhe Jeschu, o que significa “que seu nome apodreça”, e ao Evangelho “livro dos pecados”.

«No ano de 2000 publicou Yedioth Aharoth, o maior jornal israelita de *boulevard*, o anti-evangelho judaico *Toledoth Eshu*, que se compôs na Idade Média, e agora apareceu como nova edição — a terceira pouco tempo depois —, e ainda a reprodução num jornal. Enquanto que o Evangelho é o Livro do Amor, o “Toledoth” é o livro do ódio a Cristo. O herói do livro é Judas. Ele captura Jesus, cuja pureza macula. Para o “Toledoth”, por consequência, a conceição de Cristo foi um pecado, e os milagres que Ele realizou foram feitiçarias e a Sua Ressurreição foi apenas um “truque”.» (Israel Shamir, *Flores da Galiléia* — ler também o comentário literário a seguir).

Também pouco mudou a respeito dos judeus, que hoje se apresentam como sionistas, a respeito do seu ódio a Cristo, cuja crucifixão eles exigiram a Pilatos. Assim, no nosso país, como diz Shamir, não é de admirar que os “sionistas cristãos” que detêm o poder sigam o mesmo exemplo do processo de Jesus nos actuais processos políticos.

Apenas uma diferença é notória: Nenhum governador romano hoje em dia é juiz, e juiz e acusador (os procuradores de estado) estão cada vez mais do mesmo lado.

Nós, Alemães, devíamos há muito ter compreendido — nós, os Cristãos alemães —, onde encontrar aliados, e onde repelir o ódio implacável.

Comentário literário:

Flores da Galiléia

Um livro excepcional de um excepcional editor. O autor, **Israel Shamir**, nasceu em Novossibirsk filho de pais judeus. Com a idade de 22 anos veio para Israel, e aí serviu numa unidade de pára-quedistas e lutou na guerra do Yom Kippur em 1973. Traduziu o Talmud, James Joyce, Homero e outros clássicos para a língua russa.

Como jornalista trabalhou para uma rádio israelita assim como para uma série de jornais de Israel, Rússia e Japão.

Israel Shamir pertence ao número dos mais proeminentes representantes do conceito de um **estado comum de judeus e palestinos**[3].

Começou a escrever em língua inglesa só quando, em Janeiro de 2001, o ataque israelita aos Palestinos o forçou a imiscuir-se na política.

Em prefácio, Shamir começa com uma «declaração de amor aos meus leitores de língua alemã da Terra Santa da Palestina». Ele descreve como para aqui trouxeram «o célebre amor alemão pelo trabalho». «Eles construíram moinhos e oficinas, trataram os nativos palestinos nos seus hospitais e foram simpáticos para os seus vizinhos».

Eis a sua conclusão:

«Os Alemães não assimilaram a lição mais importante da Guerra Mundial: os Judeus e os não-Judeus — sejam eles alemães, polacos ou palestinos — devem tratar-se todos como iguais. Não há qualquer justificação para continuarem a pagar a Israel biliões de dólares em compensação por propriedade sequestrada, ao mesmo tempo que Israel não paga um só centavo pelas propriedades sequestradas por eles a alemães ou palestinos».

Porém, primeiro que tudo, Shamir mostra em muitos exemplos a beleza desta paisagem histórica tão significativa com monumentos antiquíssimos, e, em contraste, a sua contínua destruição feita pelos Sionistas, e ao mesmo tempo o sofrimento dos Palestinos.

É claro que, aos muitos turistas que viajam até Israel, estas perturbantes imagens não são mostradas.

Um exemplo tirado entre outros deste livro verdadeiramente cheio de significado:

«Quando nós nos aproximámos das pastagens de ovelhas, esbarrámos com o Muro. Ele cortava através da meiga região em volta de Belém como um colossal devorador em que a natureza desaparecia como doces de alteia. Dúzias de escavadoras rasgavam as colinas, desenraizavam figueiras e vinhas, e arrancavam blocos de pedra, como se quisessem fazer uma “Margarita on the rocks”. Destruíam casas de lavradores e torres da Idade Média e desnudavam as encostas, sobre as quais vagueou a Virgem. O traçado do Muro parecia-se com a construção de uma auto-estrada de quatro vias. De ambos os lados, o muro foi flanqueado por vedações de arame farpado com seis metros de altura, que por cima terminavam num fio de alta tensão, só interrompidas por máquinas fotográficas, lugares de atiradores e alguns portões. Era a melhor cerca prisional que jamais vi, e tinha as casas rurais tão agarradas a si como um dançarino de tango embriagado agarraria a sua dama.

»Os camponeses olhavam através do arame farpado para as suas oliveiras, que como sempre ali estiveram, como sempre florindo na sua modéstia, e contudo deles separadas, e para eles já inatingíveis. Os camponeses estavam por trás daquele muro presos como numa penitenciária.»

Este livro torna compreensível, que os Palestinos nunca poderão reconhecer um Estado de Israel. Os Israelitas, eles próprios, tornaram tal impossível, como o próprio Shamir afirma.

Israel Shamir não é o único crítico judeu deste Estado sionista de Israel, e durante todo o livro nos perguntámos, como é que estes homens, que reconhecem a injustiça que se faz aos Palestinos, não intervêm, e nem tentam sequer protegê-los contra os soldados e os colonos; e por que razão não alteram eles a política de Israel?

Eles devem ser muito poucos. A grande maioria considera-se evidentemente como os legítimos proprietários desta terra a eles dada por Deus, e acredita, além disso, que o mandamento “Não matarás” se aplica apenas aos judeus.

LUSO: Este artigo de Ursula Haverbeck não constitui para nós uma notícia nova, e, contudo, é sempre uma notícia que convém repetir, para que a Verdade a pouco e pouco alcance os mais duros de coração ou de “comprendónio”, como diriam os italianos.

Realcemos a ideia, a verdade aliás, de que os “cristãos”, assim chamados, se estão a judaizar. O amor do próximo é substituído pelo amor do dinheiro. O Deus do amor e da Bondade é substituído pelo diabólico Mamon.

O processo de Jesus, de que nos fala Ursula Haverbeck, repete-se dois mil anos depois, e a humanidade judaíza-se pelo poder de Mamon, servido pelos senhores da guerra nuclear e pelos banqueiros multimilionários.

Mas o pior é que o nosso país, Portugal, que foi talvez o mais cristóforo de toda a Europa, havia séculos convertida aos ensinamentos de Jesus, está também se judaizando. O governo só pensa no Dinheiro, a população, em grande parte, ou talvez na maioria, só pensa no Dinheiro. E o paganismo propaga-se como se fosse a maneira mais lúcida e mais legítima de viver. O fim da “democracia” é enriquecer, mas empobrecemos. O fim do “dinheiro” é viver feliz, mas cada vez mais somos infelizes. Começa-nos a faltar a essência, a alma, o espírito, a cultura e a verdadeira religião.

O Processo de Jesus não é retórica, mas uma realidade actuante, em que não vemos, nem

parecemos sentir, que Jesus está entre nós a ser novamente crucificado pelos "judeus", e se pretende instalar para sempre um mundo de injustiça, mentira e sofrimento e morte violenta.

Ressurge, Jesus, Filho de Deus!

Nota GRIFO: A autora deste artigo, senhora com cerca de oitenta anos, foi recentemente ordenada em tribunal, por um juiz alemão federal, a declarar que acreditava no "holocausto" visto a lei alemã a isso obriga. A senhora não se vergou! Foi então sentenciada a uma pena pecuniária. A senhora não a aceitou e apresentou recurso à sentença!

[1] Já há muito venho dizendo que Jesus Nazareno não era judeu, mas Galileu. Esta é também, pelo que se lê, a opinião de Ursula Haverbeck. E Jesus identifica-se com os Palestinos, hoje barbaramente tratados pelo Fariseus e Escribas modernos. LUSO

[2] Um conceito falso que parece ter vindo a ganhar terreno entre os bem pensantes, mas que não tem consistência, porque há uma contradição profunda entre "Cristão" e "Judeu", que não pode ser mascarada por um moderno conceito duma irreligiosa e falsa "tolerância democrática". Na verdade, a expressão "judaico-cristão" é mais que uma mentira: é uma blasfémia. Tem dentro de si o desejo vão de destruir o Cristianismo. LUSO

[3] Um conceito que sempre o LUSO considerou o único capaz de resolver o problema do Médio Oriente. Será agora ainda possível, sem uma aterradora guerra de destruição?

Fonte LUSO Nº 505

http://www.grifo.com.pt/index.php?option=com_content&task=view&id=160&Itemid=52

O RISO BOÇAL

MARÇO 09, 2008

O riso boçal do cronista do *Expresso*

Expresso - 8/3/2008

Texto de João Pereira Coutinho

"É impossível não verter uma lágrima por **Misha Defonseca**. Aqui há uns anos, mergulhado na literatura do Holocausto, o livro da senhora veio parar-me às mãos. E então li, entre gargalhadas mil, a história de como uma criança judia, órfã de pai e mãe (exterminados pelos nazis), se vê subitamente sozinha no mundo e condenada a errar pelas florestas da Europa."

"Mas o melhor do livro veio a seguir: perdida entre o arvoredo, a pequena Misha é finalmente resgatada por lobos (sic), que a alimentam e criam com muito amor e carinho. Não sei se, lá pelo meio, aparecia o Tio Patinhas."

"A minha memória já não é o que era. Uma coisa, porém, recordo sem esforço: o livro apresentava-se como «história verídica» da sra. Defonseca, o que não deixa de ser uma audácia."

"Na verdade, não viria mal ao mundo se Misha assumisse a ficção do exercício (de John Hersey e William Styron, exemplos não faltam). Mas Misha, a menina criada por lobos, comparava-se a **Elie Wiesel** e a Primo Levi, uma megalomania que ninguém se deu ao trabalho de desmascarar e, mais, foi levada à letra por aí: segundo leio, fez-se uma ópera da vida de Misha (em Itália); e, no passado mês, estreou filme respectivo (em França, claro). Sem falar nas múltiplas traduções que apresentaram ao mundo a incrível história de uma sobrevivente salva por animais."

"Escusado será dizer que, depois da aldrabice, incongruências recorrentes exigiram de Misha uma explicação."

"Ou, melhor, várias. Para começar, Misha não é Misha; é Monique De Wael. Depois, não é judia; é católica."

"E, finalmente, não foi criada por lobos (a sério?), mas pelos avós. O único pedaço de verdade está na morte dos pais, membros da resistência belga que os nazis deportaram e mataram. Explicações para a loucura? Eu não sou psiquiatra. Mas sempre digo que, entre um neonazi assumido e uma «sobrevivente» que factura com a inominável tragédia judaica, talvez um neonazi seja mais honesto. Na sua boçalidade explícita, um neonazi não engana."

Comentário:

João Pereira Coutinho tece uma crítica feroz a Misha Defonseca por esta ter tido a ousadia de "se comparar a Elie Wiesel e a Primo Levi, uma megalomania que ninguém se deu ao trabalho de desmascarar" (excepto, evidentemente, o próprio Coutinho, "entre gargalhadas mil").

Mas se o vetusto Coutinho atentasse melhor nas obras de Primo Levi e de Elie Wiesel, constataria que a veracidade das histórias destes sacerdotes do Holocausto não desmerecem as narrativas da senhora Micha.

Primo Levi é o autor do livro *Se isto é um homem* (*Se questo è un uomo*), livro autobiográfico da sua experiência de dez meses como prisioneiro em Auschwitz, publicado em 1947 (dois anos após o final da guerra).

Nesse livro, Levi afirma, na página 19, **que foi só depois da guerra acabar é que soube do gaseamento de judeus em Auschwitz-Birkenau.**

Quanto a Elie Wiesel, no livro autobiográfico *Noite*, em que descreve a sua experiências de dez meses como prisioneiro em Auschwitz, **não menciona em parte alguma as câmaras de gás.** Wiesel diz, realmente, que os Alemães executaram Judeus, mas... com fogo; atirando-os vivos para as chamas incandescentes, perante muitos olhos de deportados!

Donde, **João Pereira Coutinho** não pode, absolutamente, desdenhar a literatura de Misha Defonseca. Pois se, tanto Primo Levi como Elie Wiesel, as duas mais famosas testemunhas do Holocausto, afirmam nas suas obras autobiográficas **que nunca ouviram falar de câmaras de gás e gaseamentos nos dez meses em que foram prisioneiros em Auschwitz**, então, a menina Misha, tem todo o direito de afirmar que foi "resgatada por lobos" quando "errava órfã pelas florestas da Europa".

Misha Defonseca, Primo Levi e Elie Wiesel partilham o mesmo grau de autenticidade nos seus escritos. Ou o Pereira Coutinho dá "gargalhadas mil" com todos ou não dá "gargalhadas mil" com ninguém. Marialvismos idiotas é que não!

<http://cidadino.blogspot.com/>

Narrar a destruição dos judeus com os documentos dos carrascos

por Jorge Almeida Fernandes

O historiador **Raul Hilberg** fez uma revolução na historiografia do Holocausto. Foi o primeiro a narrá-lo como um processo, reconstituindo minuciosamente as suas etapas, a máquina burocrática e as operações de extermínio. Ignorado durante 20 anos, morre como "ícone"

O historiador americano Raul Hilberg, 81 anos, morreu sábado num hospital de Vermont, de cancro de pulmão. A sua vida roda em torno de uma decisão tomada aos 22 anos: estudar o Holocausto como "acontecimento histórico". A sua investigação culminou num imenso livro concluído em 1955 e apenas publicado em 1961, *The Destruction of the European Jews*. Entre as dezenas de milhares de estudos sobre o genocídio, este marca um corte - há um antes e um depois. Quase ignorado durante 20 anos, Hilberg morre como "ícone", celebrado como autor de uma "revolução historiográfica" (Nicolas Weill). Resumiu o seu programa numa frase: "Decidi interessar-me pelos executores alemães. A destruição dos judeus era uma realidade alemã. Foi posta em marcha nos gabinetes alemães, numa cultura alemã, e eu queria compreender como." Decide, portanto, partir do ponto de vista dos "executores" e não das vítimas.

Recusou, enquanto historiador, utilizar os termos Holocausto ou Shoah, o primeiro pela sua carga religiosa (sacrifício pelo fogo), o segundo pela identificação com as vítimas. "É o executor quem tem a visão de conjunto, não a vítima." Trabalhando uma massa incalculável de documentos, narrou o Holocausto como "um processo", composto por sucessivas etapas, reconstituindo exaustivamente a máquina burocrática e as operações de extermínio - a definição das vítimas por decreto, a exportação, a concentração, as matanças por comandos móveis, a deportação, os campos de extermínio. "A destruição dos judeus era um fenómeno sem precedentes" e por isso, antes de perguntar "porquê", era necessário estudar a sua lógica e os mecanismos. É a partir daqui que se pode pensar, na plenitude, a dimensão ética da catástrofe. Além de *A Destruição*, Hilberg deixa-nos outras obras importantes, designadamente *Perpetrators Victims Bystanders* (1992), em que as vítimas ocupam o lugar central, e *The Politics of Memory* (1996), uma autobiografia intelectual. Gostava de se

definir como "profundamente conservador", ateu e de hábitos "tipicamente pequeno-burgueses".

Nos arquivos

Nascido em Viena em 1926, Raul Hilberg assistiu na infância à propagação da peste nazi. Em 1938, depois da anexação da Áustria pela Alemanha, viu o pai ser preso. Mas logo vem um golpe de sorte: como ele tinha sido combatente na I Guerra Mundial, um oficial alemão decide deixar partir a família. Os Hilberg vão para Cuba e instalam-se depois em Nova Iorque. Muitos parentes serão exterminados. Raul começa por estudar Química. Aos 18 anos, interrompe os estudos e alista-se no exército americano, fazendo os últimos meses de guerra na Alemanha. Em Munique, a sua unidade interroga altos dignitários nazis e procura arquivos, para preparar o Julgamento de Nuremberga. Raul descobre seis caixotes com a biblioteca pessoal de Hitler e, sobretudo, tem acesso a pastas abandonadas pelos nazis depois da libertação do campo de Dachau. Estava decidida a sua vida. Regressado à América, troca a química pela ciência política. Em 1948, decide consagrar a sua vida ao estudo da destruição dos judeus, que escolhe como tema de tese de doutoramento em 1952. É influenciado pelas ideias do seu professor Franz Neumann (1900-54), exilado alemão que publicara um estudo sobre o funcionamento "caótico" da burocracia nacional-socialista (Behemoth).

Newman procura dissuadi-lo e diz: "É o seu funeral" académico. Hilberg entra no War Document Project, o que lhe dá acesso aos arquivos alemães apreendidos pelos americanos. Começa uma busca exaustiva, a consulta e cotejo de dezenas de milhares de documentos, a sua decifração, as sucessivas reinterpretações. Depressa aprende que as mais anódinas fontes são minas de informação. O extermínio dos judeus atravessa toda a administração e toda a sociedade. Só para Auschwitz, trabalharam 200 empresas. No fim da vida reivindicou o estatuto de "homem vivo que mais documentos leu". Reescreverá duas vezes *A Destruição*, em 1985 e 2003, esta graças à abertura dos arquivos do antigo bloco soviético. Os três volumes da versão final lêem-se de um fôlego. São uma narrativa, um inquérito, uma tese, estruturados e sistematizados com rigor inapelável e numa escrita que - diz - procura deliberadamente "uma frieza neutra, mecânica, objectiva". Explica o seu editor francês, Eric Vigne, da Gallimard: "É uma escrita branca, sem pathos, apenas a violência dos factos. É uma das obras que melhor expõe a violência da Shoah. A violência nasce do facto deste acontecimento totalmente irracional decorrer de um processo altamente racionalizado."

De Arendt a Israel

Hilberg defendeu a tese em 1955, com grande aplauso, mas, como Neumann o avisara, o assunto estava fora de moda. Nuremberga julgara os nazis. Aos israelitas interessavam os actos de resistência e heroísmo. Começava a Guerra Fria. Hannah Arendt teorizava o totalitarismo, conceito de que Neumann e Hilberg não partilhavam. Demorou a arranjar lugar numa universidade, a de Vermont, e viu o livro ser recusado pelas editoras universitárias, uma delas a conselho de **Hannah Arendt**, que o qualificou de "inútil", mero "relatório", desprezível aos olhos da filósofa política. Mas quando, em 1963, foi atacada pelas suas reportagens sobre o julgamento de Eichmann (reunidas em *Eichmann em Jerusalém*), acusada de responsabilizar os judeus por não terem resistido ao Holocausto e de desculpar implicitamente os carrascos, a quem recorreu Arendt? Ao livro de Hilberg. Ele fora entretanto publicado, quase clandestinamente, em 1961, por uma pequena editora de Chicago, graças a um mecenas - sobrevivente do Holocausto.

A "sentença" de Arendt, que nunca fez mea culpa, foi corroborada pelo guardião israelita da memória, o memorial de Yad Vashem: acusou o livro de se basear "quase exclusivamente na autoridade de fontes alemãs"; e emitiu reservas "sobre a evolução da resistência judaica (activa e passiva) durante a ocupação nazi". Só agora o livro foi traduzido em Israel. Hilberg chega a várias conclusões. O anti-semitismo desempenhou um grande papel mas não explica a destruição sistemática, que não é uma "explosão de ódio", mas "uma determinação fria, um processo burocrático gerido com método e inventividade", diz numa entrevista. No entanto, não encontra um plano pré-determinado de aniquilação. É uma ofensiva que evolui, de salto em salto, até à "solução final". Mas tudo se anuncia muito cedo: "Nos primeiros dias de 1933, quando o primeiro funcionário redigiu a primeira definição de "não-ariano" numa norma administrativa, a sorte do mundo judaico europeu está selada." Por fim, a resistência foi marginal. As comunidades judaicas, enraizadas há dois milénios na Europa, adoptaram uma "estratégia de sobrevivência", resignaram-se e colaboraram para limitar as perdas. O genocídio era uma ideia inimaginável.

A História repete-se

No último capítulo de *A Destruição*, intitulado "As implicações", Hilberg fala dos problemas éticos, da criação da figura do crime de genocídio e do destino da palavra de ordem dos judeus: "Nunca mais." Na terceira edição, prolonga a reflexão até aos nossos dias, culminando na análise do genocídio dos tutsis no Ruanda, "à vista de todo o mundo". Ninguém respondeu ao desafio. "Os juristas do

Departamento de Estado, nos Estados Unidos, recusaram mesmo o emprego do termo genocídio a propósito do Ruanda, com medo que isso os obrigasse a fazer qualquer coisa." O Conselho de Segurança da ONU adoptou, a 17 de Maio de 1994, uma "resolução unânime" condenando o "massacre de civis". A última frase do livro é portanto esta: "A História tinha-se repetido".

no «Público», 09.08.2007
<http://holocausto-shoah.blogs.sapo.pt/>

POUCO CONHECIDO

Exposição lembra prostituição forçada em campos de concentração nazis

Nazis mantinham bordéis em campos de concentração para aumentar a produtividade dos prisioneiros submetidos a trabalhos forçados durante a Segunda Guerra Mundial.

"Prostituição forçada nos campos de concentração nazis" é o nome de uma exposição aberta ao público, desde 14 de Janeiro até 30 de Setembro, em Ravensbrück, cerca de 100 km ao norte de Berlim.

Segundo a Fundação dos Memoriais dos Estado de Brandemburgo, a mostra trata de um "fenómeno pouco conhecido" do regime de Adolf Hitler. Cerca de 400 prisioneiras teriam sido usadas entre 1942 e 1945 pelos SS para "satisfazer" os desejos sexuais de presos em dez campos de concentração.

Os nazis haviam montado todo um sistema de logística e contabilidade em torno dos bordéis. Uma "visita" custava dois Reichmark. Para ter acesso aos bordéis, os prisioneiros precisavam de vales, que podiam ser adquiridos através de trabalhos forçados.

Segundo a diretora do Memorial de Ravensbrück, Insa Eschenbach, a intenção dos nazis era aumentar a produtividade dos prisioneiros. "A SS era da opinião de que a institucionalização dos bordéis como parte de um sistema de prémios seria um incentivo para os prisioneiros homens mostrarem ainda mais empenho no trabalho forçado", explicou.

"Calar foi estratégia de sobrevivência"

Além disso, a SS supunha que assim conseguiria inibir o homossexualismo entre os prisioneiros. A mostra em Ravensbrück abrange 200 peças, entre elas documentos, desenhos, livros, documentários e entrevistas com sobreviventes do Holocausto.

"Praticamente, nenhuma das mulheres vítimas das graves violações físicas e morais mencionou seu trabalho nos bordéis depois de 1945. Envergonhadas, muitas delas nem sequer pediram indemnização pelo tempo em que permaneceram presas", disse Katja Jedermann, directora da exposição organizada pela Universidade das Artes de Berlim.

Segundo Jedermann, a mostra não chama atenção por peças isoladas. "É preciso visitá-la com bastante tempo, até para compreender as lacunas que ainda existem na pesquisa sobre o assunto. Isso não se deve só ao facto de se tratar de um tabú. Para as vítimas da prostituição forçada, calar também foi uma estratégia de sobrevivência", disse.

Cerca de 132 mil mulheres e crianças, 20 mil homens e mil meninas adolescentes estiveram presos em Ravensbrück e no campo de concentração para jovens de Uckermark entre 1939 e 1945.

31 DE MAIO DE 2007

<http://holocausto-shoah.blogs.sapo.pt/2007/05/>

PUBLICAÇÕES

@@@@@ Loose Change 2ª Edição - Versão Portuguesa (11 de Setembro: Conspiração Interna)

Realizado por Dylan Avery (Louder Than Words), "Loose Change - 2ª Edição" é um dos mais polémicos documentários sobre o 11 de Setembro. Apresenta informações ocultadas pelos políticos e pela comunicação social, tais como vídeos transmitidos pelas cadeias de televisão nas primeiras horas após os atentados, evidências científicas e testemunhos dos sobreviventes. Os verdadeiros terroristas nunca estiveram escondidos no Afeganistão nem no Iraque: eles estão no poder, tanto nos EUA como nos seus regimes aliados, nos quais se inclui o de Portugal. "Teoria da conspiração"? Não é uma teoria quando se consegue provar.

Para saber mais:

<http://MoteparaMotim.blogspot.com>
<http://asombra.blogspot.com>
<http://paramimtantofaz.blogspot.com> «
<http://www.11desetembro.net/>

@@@@@ «Protocolos dos Sábios de Sião - História de uma fraude e seu aproveitamento»

Preço: EUR 19,95
ISBN: 9789899537712
Ano de Edição: 2007 N.º de Páginas: 266

Os chamados *Protocolos dos Sábios de Sião*, que incluímos, em versão integral, neste livro, constituem a mais pérfida das falsificações da História contemporânea. À sua sombra nasceram e cresceram as modernas mitificações racistas do anti-semitismo europeu. Em seu torno construiu-se um corpo doutrinário de ódio e extermínio. Em seu nome houve quem perseguisse, humilhasse, torturasse e matasse. Estamos, portanto, na presença de algo que é mais do que um livro: no implacável tribunal da História, os *Protocolos* são também uma prova de acusação pelos muitos crimes que, à sua invocação, foram cometidos desde há um século.

Na verdade, os *Protocolos* não são exactamente um problema "do passado". Embora exposto desde 1921 como fraude grosseira, este livro mantém-se ainda hoje como manual de guerra e terrorismo, especialmente nas zonas do globo onde a cegueira humana rebaixou o valor da vida aos níveis primitivos da barbárie. A sua difusão, como obra pretensamente séria e fidedigna, continua a ser fomentada por governos e exércitos apostados em negar a uma parcela da Humanidade o seu direito à existência. Só isto bastaria para nos impormos a tarefa de recordar, denunciar e alertar – tarefa cada vez mais necessária num Ocidente adormecido no seu bem-estar, na sua indiferença, na sua distância.

Se em muitos outros países a mentira foi revelada, discutida e exposta com suficiente força e vigor, em Portugal ela tem beneficiado de um estranho "complexo de avestruz" que prefere enterrar o que é incómodo nas areias movediças do esquecimento e da ignorância. Apenas três edições dos *Protocolos dos Sábios de Sião* foram feitas no nosso País: uma (claramente anti-semita) em 1923, outra (assumidamente humanista) em 1938, uma última (de tons dúbios) em 1976. O que pretendemos, com a presente edição, é modestamente contribuir para a correcção deste equívoco histórico e proporcionar ao público português uma leitura crítica de uma das obras mais odiosas da vida contemporânea.

Inclui o texto integral dos «Protocolos» e um prefácio de 90 páginas de texto e ilustrações com o seguinte índice: O que dizem os *Protocolos*; De plágio em plágio; A mentira desloca-se para Oriente; O papel do *Times* de Londres; O processo de Berna; Os pioneiros da "autenticidade"; Teorias da conspiração; Anti-semitismo e anti-maçonismo; O que se passou em Basileia; Como fogo em palha seca; Anti-semitismo soviético; Os *Protocolos* e a Alemanha nazi; Os *Protocolos* no *Mein Kampf*; Refutações históricas; Os *Protocolos* no mundo árabe; A telenovela dos *Protocolos*; Os *Protocolos* chegam a Portugal; O caso português; Bibliografia de referência; Bibliografia portuguesa.

<http://atomicbooks.blogspot.com/>

A VIDA DOS LIVROS

“Ensinar o Holocausto no Século XXI” de Jean-Michel Lecomte

por **Guilherme d'Oliveira Martins**

“Ensinar o Holocausto no Século XXI” de Jean-Michel Lecomte, com prefácio de Esther Mucznik ([Via Occidentalis](#), 2007) é uma obra de valor pedagógico promovida pelo Conselho da Europa que nos alerta para a importância de cuidar da memória de modo a prevenir a intolerância, a cegueira e a barbárie com que o mundo se confrontou no século XX, num tempo que muitos anunciavam de paz e de entendimento.

Não há história mais difícil... - Hannah Arendt disse que “não há história mais difícil de contar em toda a história da Humanidade” do que a do “Holocausto”. E porquê? “Em primeiro lugar pelo sofrimento intenso de um povo, estilhaçando com fragor insuportável os limites do entendimento humano” – diz-nos Esther Mucznik. “Até hoje, o genocídio nazi, programado, sistemático e colectivo permanece para a civilização humana como a referência ética do mal absoluto”. Mas como foi tudo isto possível, quando ninguém esperava? E como foi possível que acontecesse a partir de um país de arte e de cultura? O certo é que tudo aconteceu de um modo sistemático e terrível. Daí que a obra agora saída corresponda à procura de uma consciência moral e cívica que possa contrapor o respeito ao ressentimento e a liberdade à servidão. Nesse sentido, o projecto do Conselho da Europa visa “suscitar o interesse dos jovens pela história recente do nosso continente e ajudá-los a estabelecer ligações entre as razões históricas e os desafios com os quais estão confrontados na Europa actual”. Está em causa a ajuda à criação de uma identificação europeia, o desenvolvimento da análise crítica, a sensibilização para a importância da diferença e do outro e o encorajamento aos professores para lançarem as bases de “um ensino europeu da história”. A dimensão europeia na Educação passa, assim, por um melhor conhecimento da realidade, de tragédia, de diálogo e de conflito, que nos antecedeu, com todas as suas implicações. O estudo da “Shoah” (expressão que significa “catástrofe” e que é utilizada para designar o genocídio perpetrado pelos nazis e seus aliados contra os judeus) e do “Holocausto” (sacrifício) deve, no fundo, permitir-nos ir além das apreciações simplistas ou do mero culto do ressentimento. É essencial entender as fontes da banalização do mal, para que, no futuro, possamos prevenir a sua ocorrência. De facto, entre o excesso de memória e a sua ausência, temos de encontrar um equilíbrio que permita não esquecer, sem fazer da lembrança um motivo de vingança.

Aprender com os factos – Ao longo de 50 fichas elaboradas criteriosamente, podemos obter uma informação bastante rigorosa e circunstanciada sobre o judaísmo, sobre a doutrina nazi, sobre os campos de concentração, sobre as perseguições (também dos Rom/Ciganos e dos homossexuais), sobre a decisão de extermínio, sobre as câmaras de gás e a cremação das vítimas, sobre os campos de extermínio (Auschwitz-Birkenau, Belzec, Chelmno, Lublin-Maidanek, Sobibor, Treblinka); sobre os “sonderkommandos” (encarregados das operações nos campos de morte – desde a preparação para as câmaras de gás até aos fornos crematórios); sobre a situação nos diversos países afectados; sobre as reacções dos judeus; sobre “os justos” (que ajudaram o povo judaico durante a Shoah); sobre as opções dos Aliados; sobre o número de mortos (cerca de 5 milhões de judeus); sobre o regresso dos sobreviventes; sobre o silêncio; sobre o revisionismo e o negacionismo; sobre a filmografia do tema e sobre os sítios na Internet. Trata-se de um conjunto de informações sobre o inominável e o injustificável. Como entender tanta cegueira e tanta desumanidade? E como interpretar os resultados da discricionariedade pura? E fica a afirmação de Primo Levi que “menciona um conjunto de ‘pequenas razões’, pequenas partículas de humanidade que se juntaram e que conduziram à sua sobrevivência – por outras palavras, uma sucessão de pequenos pedaços de sorte, de acontecimentos fortuitos”. Por outro lado, fica a realidade insofismável que hoje não pode sofrer contestação: “apesar do reduzido número de sobreviventes, foram registados muitos testemunhos, o que nos leva a considerar por que razão todos contaram o mesmo e por que razão não existem quaisquer provas do contrário”.

A dificuldade da mensagem – À medida que o tempo passa, atenua-se, contudo, o impacto do drama real e prevalece a ideia mítica ora dos actos heróicos de resistência ora do carácter difuso da

culpa e da responsabilidade. No entanto, mais do que os mitos, o que importa é fixar a actualidade do tema e o risco da repetição de acontecimentos tão terríveis e dramáticos. Daí que nas orientações dadas aos professores, no âmbito deste projecto educativo, haja muitas vezes dúvidas e hesitações sobre a eficácia menor ou maior da utilização de determinado exemplo ou instrumento. De facto, temos de contar com a “dificuldade da mensagem” e com o facto dela ter tudo a ver com a construção de uma sociedade mais humana, onde os direitos, as liberdades, as garantias e a responsabilidade pessoal têm de ter um lugar cimeiro. E se nos lembrarmos do exemplo de Janusz Korczak no gueto de Varsóvia vemos que o melhor método educativo é o da prática e do exemplo: “desenvolveu um sistema de organização democrática dos orfanatos – as crianças eram tratadas como indivíduos com plenos direitos e tomavam parte na administração da comunidade”.

Dever de memória? - Tzvetan Todorov afirmou que «les enjeux de la mémoire sont trop grands pour être laissés à l'enthousiasme ou à la colère» (Les Abus de la Mémoire, Arléa, 1995, p. 14). Esta é a preocupação fundamental que temos de preservar, a fim de que não haja interpretações unilaterais e abusivas sobre a memória. O dever de memória obriga ao rigor crítico e a prestar justiça – o que também leva à necessidade de compreender as circunstâncias da história para além da vitimação e da ameaça. O entusiasmo e a cólera levam à incompreensão de que a memória se refere à humanidade, e de que, nesse sentido, tem de apelar permanentemente à capacidade de compreender e de nos pormos no lugar do outro.

retirado da web do [Centro Nacional de Cultura](#)

6 DE NOVEMBRO DE 2007

<http://holocausto-shoah.blogs.sapo.pt/>

10 DE OUTUBRO DE 2007

UMA OBRA DEDICADA À JUVENTUDE

Com o agradecimento à Via Occidentalis Editora publicamos o prefácio incluído na obra *Ensinar o Holocausto no Século XXI*, de Jean-Michel Lecomte, livro direccionado à compreensão do fenómeno do anti-semitismo que recentemente ganhou uma sinistra actualidade entre nós.

* * *

Prefácio à edição portuguesa

por **Esther Mucznik**

investigadora em assuntos judaicos

Em boa hora, decidi a Via Occidentalis publicar a tradução do livro *Ensinar o Holocausto no Século XXI*, editado pelo Conselho da Europa.

Trata-se, como é referido na apresentação do mesmo, de uma obra com uma preocupação essencialmente pedagógica com vista a fornecer um material de apoio – simultaneamente conciso, rigoroso e de fácil consulta – a professores e alunos.

Ensinar o Holocausto não é um desafio fácil. Portugal não foi ocupado por Hitler durante a II^a Grande Guerra, nem sofreu as consequências do Holocausto no seu solo. Mas esta feliz circunstância histórica leva a que, praticamente, apenas a população judaica em Portugal tenha laços afectivos, memórias concretas, uma relação directa com as vítimas do genocídio nazi. Com efeito, quantos jovens em Portugal poderão dizer “o meu avô contou-me...”? Obviamente bem poucos.

Talvez por isso o Holocausto nunca foi objecto de debate público em Portugal como o foi, embora tardiamente, nos países ocupados pelo nazismo. Assim para a maioria esmagadora dos alunos e professores portugueses de hoje, o Holocausto é um acontecimento de que ouviram falar na televisão, através de alguns filmes, de alguns livros ou de alguns textos inseridos em manuais escolares – apesar de há uns anos para cá o currículo escolar contemplar mais detalhadamente o estudo do nazismo. Mas para os alunos – e eu tive a oportunidade de o constatar pessoalmente várias vezes – o Holocausto é um acontecimento abstracto, visto frequentemente quase como uma ficção.

O facto de já se terem passado mais 60 anos, torna também mais difícil o ensino do Holocausto, não só pela capacidade de atenção e interesse dos alunos, como da própria motivação de professores e autores de manuais. Sabemos como a nossa sociedade – e não só a portuguesa – está virada para a vertigem da actualidade e para o efémero: o que é hoje acontecimento deixa de o ser amanhã. E neste

contexto, sessenta anos é uma eternidade...

Mas não são estas as únicas dificuldades do ensino do Holocausto, nem talvez as principais. "Não há história mais difícil de contar em toda a história da Humanidade", afirmou Hannah Arendt. Porquê? Em primeiro lugar pelo sofrimento intenso de um povo, estilhaçando com fragor insuportável os limites do entendimento humano. Até hoje, o genocídio nazi, programado, sistemático e colectivo permanece para a civilização humana como a referência ética do mal absoluto.

Mas também porque é uma história que põe radicalmente em causa os valores em que fomos formados, as nossas certezas mais profundas: que através da cultura e da educação o homem se vai aperfeiçoando; que é tanto mais moral quanto mais instruído; que a ciência é uma escola de progresso, racionalidade e aperfeiçoamento. O extermínio nazi deitou por terra essa perspectiva: ocorreu num dos países mais industrializados, povoado por uma das nações mais cultas e instruídas do mundo. "Esperávamos o pior, mas não o impossível", afirma uma sobrevivente. Depois do Holocausto ficámos a saber que o impossível se tornou uma possibilidade em aberto.

Não é, pois, fácil ensinar o Holocausto e sobretudo educar *contra* o Holocausto. Mas é um assunto que não pode ser evitado porque tem a ver com os próprios fundamentos da nossa civilização. Auschwitz tornou-se, pela negativa, património da humanidade.

Na história negra deste período há, no entanto, alguns raios de luz representados por homens e mulheres que contra tudo e contra todos, tiveram a coragem de se opor à barbárie, escondendo e salvando judeus e não judeus, resistentes ou simples pessoas, arriscando frequentemente a própria vida. *Ensinar o Holocausto no século XXI* evoca esses "Justos das nações" título a eles atribuído por Israel em reconhecimento da sua acção de salvamento. Entre eles nunca será demais lembrar Aristides de Sousa Mendes, cônsul de Portugal em Bordéus (França) que à revelia do seu governo e arriscando a sua carreira e bem-estar pessoal e familiar concedeu milhares de vistos à multidão de refugiados que procurava desesperadamente escapar da Europa ocupada.

Portugal declarou a neutralidade política durante a guerra e desde o seu início muitos judeus e outros perseguidos tentaram escapar aos nazis obtendo um visto de trânsito em Portugal. Mas, à medida que chegavam mais refugiados, a política de fronteiras foi-se tornando mais apertada: os cônsules só podiam conceder vistos depois de autorizados pela polícia política e pelo Ministério dos Negócios Estrangeiros e, após a ocupação alemã de Paris em Junho de 1940, apenas a quem dispusesse de um bilhete de saída de Portugal e de um visto de entrada num país de exílio. Apesar de todas estas dificuldades, houve mais de cem mil refugiados que conseguiram salvar-se através de Portugal, a maioria entrando clandestinamente ou com vistos dados por Aristides de Sousa Mendes. "Era realmente meu objectivo salvar toda aquela gente, cuja aflicção era indescritível", afirmará mais tarde Aristides de Sousa Mendes.

A sua coragem teve um preço exorbitante: Salazar demitiu-o e o cônsul ficou na miséria sendo obrigado a viver da caridade para sustentar a sua numerosa família até à morte em 1954. Outros diplomatas portugueses souberam também fazer prova de humanidade e compaixão: Sampaio Garrido e Teixeira Branquinho, na Hungria; José Luis Archer, em Paris; Lencastre e Menezes, em Atenas; Giuseppe Agenore Magno, cônsul honorário em Milão, todos eles concederam vistos sem autorização, comprometendo as suas carreiras e vidas pessoais.

No entanto, nenhum salvou tantos, nem pagou um preço tão elevado como Aristides de Sousa Mendes. Talvez por isso, no Yad Vashem, em Jerusalém, onde o cônsul tem uma árvore plantada em seu nome na Ala dos Justos, as autoridades israelitas considerem que entre todos, foi Aristides de Sousa Mendes que sozinho e contra o seu próprio governo salvou mais vidas. "Talvez seja por isso que a sua árvore é a mais alta de todas", concluem com um sorriso...

A terminar, não quero deixar de saudar a editora Via Occidentalis pela publicação deste livro. Espero que ele contribua decisivamente para ajudar professores e alunos a conhecer e a reflectir sobre a pior catástrofe do século XX. Esta é sem dúvida a melhor maneira de impedir a sua repetição.

idem

@@@@@ JUDEUS EM PORTUGAL DURANTE A II GUERRA MUNDIAL

Judeus em Portugal durante a II Guerra Mundial
Irene Flunser Pimentel

Preço: EUR 30,00 Editor: Esfera dos Livros ISBN: 9789896260132 Páginas: 436.

A partir dos anos 30, com a subida de Hitler ao poder e durante a II Guerra Mundial, Portugal tornou-se num porto de abrigo para milhares de judeus e refugiados políticos que fugiam das perseguições nazis e do Holocausto. Chegavam por via terrestre, através de Espanha, ou em navios fretados, muitas vezes graças à ajuda de cônsules portugueses, como Aristides de Sousa Mendes, que desobedecendo às ordens do regime e às políticas de restrição de entrada da PVDE, lhes concedeu vistos que significaram a sua salvação.

<http://holocausto-shoah.blogs.sapo.pt/2007/04/>

@@@@@ REVISIONISMO EM LINHA
<http://revisionismoemlinha.blogspot.com/>

@@@@@ Israel Shamir em português

O activista pelos direitos humanos, o jornalista e autor israelita [Israel Shamir](#), que não sendo revisionista tem defendido os direitos dos revisionistas sempre que necessário, estreou há pouco tempo uma secção portuguesa na sua página oficial (já conta com 18 artigos traduzidos em português), por lapso ainda não tínhamos colocado a sua página pessoal na secção de links, lapso resolvido.

<http://www.israelshamir.net/Portuguese/Portuguese.htm>

@@@@@ WEB

revisionismo em linha

- [A Indústria do Holocausto - Norman Finkelstein](#)
- 0. [David Cole - The Truth Behind The Gates of Auschwitz](#) (em Inglês)
- 0. [Documentário "9/11 Myth or Reality"](#) (em Inglês)
- 0. [Documentário "Holocaust Revisionism for Beginners"](#) (em inglês)
- 0. [Documentário "Loose Change"](#) (edição portuguesa)
- 0. [Documentário revisionista "Zeitgeist"](#) (legendado em português)
- 0. [Holocausto - Factos Vs Ficção](#) (em Inglês)
- 0. [O Massacre de Katyn](#)
- 0. [O Relatório Leuchter](#) (em Inglês)
- 0. [Por Detrás da Campanha do Holocausto](#) (em Inglês)

<http://revisionismoemlinha.blogspot.com/>

@@@@@ VIDEO

Introdução ao revisionismo do Holocausto

Este filme foi realizado por [David McCalden](#), primeiro director do [Institute for Historical Review](#), não sabemos se estará disponível na internet por muito tempo, pelo que aconselhamos os nossos leitores a fazerem download do mesmo através do www.vixy.net (página que permite sacar vídeos do youtube). O documentário consta dos seguinte nove vídeos, por favor seja paciente se tiver uma ligação lenta:

<http://revisionismoemlinha.blogspot.com/search?updated-max=2008-01-28T08%3A11%3A00-08%3A00&max-results=20>

@@@@@ VIDEO 2

VIDEO 4 min de 10 m. **Documento Especial: A cultura do ódio (parte 2 de 3) Roberto Maya**

Contra o Revisionismo. Siegfried Ellwanger CASTAN; "cercado di misterios", Waldomiro Roberto, advogado do Castan. Scrittores Sérgio Oliveira, Gustavo Barroso (con o livro do Harwood)

<http://www.youtube.com/watch?v=E13PjMIW3LM>

@@@@@ Verdade Histórica

Divulgação revisionista em língua portuguesa

<http://verdadehistorica.wordpress.com/>

@@@@@@@ Revista Revolução

A revista que enerva a esquerda e irrita a direita

A **Revolução** é uma publicação trimestral bilingue publicada pelo **Círculo de Revolucionários Livres** (CRL), nome sob o qual se resguardam diversos indivíduos e organizações de esquerda patriótica anti-autoritária oriundos da Península Ibérica e da América Latina.

É uma publicação internacionalista, libertária e anti-capitalista. O seu propósito é fundamentalmente cultural e metapolítico e abrange a divulgação de alternativas políticas e movimentos culturais à margem do que podemos chamar de sistema capitalista ocidental.

A sua primeira edição estará disponível em Outubro (aniversário da outra revolução).

<http://revistarevolucao.wordpress.com/>

@@@@@@@ Alfredo Pimenta: do Anarquismo à Monarquia Autêntica
Por António José de Brito (Futuro Presente 2000/2001)

<http://www.causanacional.net/index.php?itemid=210>

@@@@@ LENDA NEGRA

PIO XII - Culpado ou inocente?

Durante a apresentação de um novo livro *Pío XII. Eugenio Pacelli, um homem no trono de Pedro*, de autoria do vaticanista italiano, **Andrea Tornielli**, o cardeal Tarcisio Bertone, secretário-Geral da Santa Sé, afirmou que a acusação de que o Pio XII fechou os olhos ao Holocausto não passa de uma «lenda negra» e que o Pontífice trabalhou na sombra para salvar muitos judeus.

Para ilustrar esta afirmação contou que o Vaticano tentou alistar judeus nas suas forças de segurança. Em Outubro de 1943, o Vaticano pediu autorização aos alemães para constituir uma força policial – a Guarda Palatina – constituída por 1425 homens e com o objectivo de vigiar o Vaticano e os edifícios da Igreja, em Roma. As forças alemãs e os fascistas pediram o nome, a data de nascimento e a origem racial destes homens e a nossa gente disse que não, concluiu o Cardeal.

Bertone não deu outros detalhes, mas naquele mês os nazis prenderam os judeus do gueto de Roma, a maioria dos quais pareceu no campo de extermínio de Auschwitz, enquanto algumas famílias católicas arriscaram a vida para esconder algumas centenas.

Marcello Pezzetti, perito em história hebraica, mostrou-se perplexo perante as afirmações de Bertoni. «Se o Vaticano tem estes documentos deve mostrá-los», referindo-se aos documentos citados pelo cardeal que continuam secretos.

O secretário de Estado vaticano assegurou que Pio XII (cujo pontificado durou de 1939 a 1958) foi um papa "prudente", e que as razões dessa prudência foram apresentadas por ele mesmo, em 1943, quando disse que seu comportamento era "no interesse dos que sofrem, para não agravar sua situação".

O Cardeal Bertone argumentou que uma campanha da Igreja contra Hitler, então, teria carretado não apenas uma espécie de "suicídio premeditado", mas teria também "acelerado a eliminação de um maior número de judeus e de sacerdotes".

No seu livro, Tornielli conta que Hitler considerava Pio XII como "um inimigo".

Tendo pontificado nos duros anos do nazismo, Pio XII é acusado, por numerosos historiadores, de ser antisemita e de não ter elevado sua voz com mais força, contra o regime hitleriano, acusação que sempre foi rechaçada pela Santa Sé. Da mesma forma, os judeus sempre lhe atribuíram um "silêncio culposos" diante do Holocausto.

17 DE JUNHO DE 2007

<http://holocausto-shoah.blogs.sapo.pt/2007/06/>

@@@@@ **Louis-Ferdinand Céline**, *Les beaux draps*, 1941, p. 70-71 :

«O burguês não se importa com nada. O que ele quer é manter os seus quartos, as suas acções da Royal Dutch, os seus privilégios, a sua situação na Loja onde possui excelentes relações... precisamente as mesmas que o ligam ao Ministério.

Em definitivo, ele é como o judeu, porque é o judeu que possui o ouro e o mais gordo Bezerro no seu Templo. São coisas que nem sequer se discutem! São profundamente evidentes e isso chega. A única coisa que o burguês lamenta é não ter nascido judeu, ter a mãe ou o pai judeu. A verdadeira nobreza da nossa era! Ele imita os judeus em tudo: as mesmas opiniões, as mesmas manias, as mesmas vedetas, as mesmas putas, as mesmas zibelinas, os mesmos truques. Ele segue obcecado os judeus, o melhor que pode. Como um pequeno porco.

Mas o judeu tem "várias cordas no seu violino". É Trotsky e Rotschild ao mesmo tempo. Tem um guisado para todos os molhos, É assim que ele vai usar o burguês. Samuel Bernard e ao mesmo tempo Sansão! Primeiro as carícias e depois plafft! Ha! Ha! Eis, aqui a adivinha!».

@@@@@ <http://www.inacreditavel.com.br/home.html>

@@@@@ Pagina depois pagina :

História dos judeus na Rússia e Polônia. Volume II - Da morte de Alexander eu. até a morte de Alexander - III. (1825-1894)
S. M. (Simon Markovich) Dubnow

<http://www.zdf-sd.com/3135373239/>

390 paginas separadas

É livre a reprodução para fins não comerciais, desde que o autor e a fonte sejam citados e esta nota seja incluída.

«Todo homem tem direito à liberdade de opinião e expressão; este direito inclui a liberdade de, sem interferência, ter opiniões e de procurar, receber e transmitir informações e idéias por quaisquer meios e independentemente de fronteiras.»

Artigo XIX, **DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS HUMANOS, Paris, 1948.**

=====

Todos os textos e matérias contidas no site são de inteira responsabilidade e de propriedade intelectual e autoral dos respectivos autores e fontes e estão publicados somente com caráter informativo sem nenhuma finalidade comercial.

Informações do sito AAARGH

<http://aaargh.com.mx/port/port.html>

<http://vho.org/aaargh/port.port.html>

Para inscrever-se, e receber nossa revista : <reviluso --at-- yahoo.com.br>

OUTRAS PUBLICAÇÕES ANUALES DA AAARGH

< <http://revurevi.net> >

Das kausale Nexusblatt

The Revisionist Clarion

Il Resto del Siclo

Conseils de Révision

El Paso del Ebro

Arménichantage

La Gazette du Golfe et des banlieues

TEMOS UMA BIBLIOTECA DOS 390 LIBROS

REVISIONISTAS E ANTI-IMPERIALISTAS Gratis